

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL**

**Conservação e mudança na descrição das partes do discurso da língua japonesa por  
Portugueses, Espanhóis e Franceses (1543-1856)**

Rodrygo Yoshiyuki Tanaka

São Paulo

2022

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL**

**Conservação e mudança na descrição das partes do discurso da língua japonesa por  
Portugueses, Espanhóis e Franceses (1543-1856)**

Rodrygo Yoshiyuki Tanaka

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Olga Ferreira Coelho Sansone.

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T161c Tanaka, Rodrygo Yoshiyuki  
Conservação e mudança na descrição das partes do discurso da língua japonesa por Portugueses, Espanhóis e Franceses (1543-1856) / Rodrygo Yoshiyuki Tanaka; orientadora Olga Ferreira Coelho Sansone - São Paulo, 2022.  
122 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Historiografia Linguística. 2. Linguística Missionária. 3. Língua Japonesa. 4. Gramáticas. I. Sansone, Olga Ferreira Coelho, orient. II. Título.

## **Agradecimentos**

Primeiramente gostaria de agradecer ao CNPq pela bolsa concedida e a minha orientadora, Olga Coelho Ferreira Sansone, pelo acompanhamento paciente durante todo o processo de doutoramento. À Olívia Yumi Nakaema por todas as trocas de materiais e discussões produtivas sobre a produção jesuítica que estudamos juntos. A todo corpo docente do Curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Amazonas que foram sempre compreensivos das minhas necessidades para o programa de pós-graduação. Aos meus pais, Elizabeth Midori Saeki Tanaka e Roberto Yoshiaki Tanaka, a minha irmã, Patrícia Tiemi Tanaka, e ao meu cunhado, Guilherme Dalalio. E por último, mas certamente não menos importante, enfatizo meu agradecimento a Maurílio Mendes da Silva, que me apoiou durante os momentos mais difíceis durante a pandemia e permitiu que eu conseguisse concluir essa tese.

## Resumo

Através da observação da metalinguagem adotada para descrever as chamadas “partes do discurso” na língua japonesa, esta tese tem como objetivo identificar a passagem de uma retórica de continuidade (conservação) para uma retórica de mudança (revolucionária), como o proposto por Murray (1994), nas gramáticas europeias, começando pelos portugueses e espanhóis e seguindo até os primeiros trabalhos franceses. Para a formação do corpus, selecionamos sete gramáticas: *De institutione grammatica - Conjugationibus accessit interpretatio Iaponica*, de Manoel Alvarez (Amakusa, 1594), *Arte da Lingoa de Iapam* de João Rodriguez (Nagasaki, 1604), *Arte Breve da Lingoa Japoa* de João Rodriguez (Macau, 1620), *Ars grammaticae iaonicae linguae* de Diego Collado (Roma, 1632), *Arte de la lengua Japona* de Melchor Oyanguren de Santa Inez (México, 1738), *Éléments de la Grammaire Japonaise* de Clerc de Landresse, e a *Introduction à l'étude de la langue japonaise* de León de Rosny (Paris, 1856). Por meio dessa análise, tentaremos debater e apresentar uma proposta de ‘tradição’, utilizando a metodologia proposta por Swiggers (2010) de desenvolver as análises em Historiografia Linguística em quatro dimensões: teórica, técnica, documental e contextual/institucional. Observando todas essas dimensões (e não somente a documental e técnica) pudemos ter uma visão mais ampla das influências e inovações.

**Palavras-chave:** Historiografia Linguística, Gramáticas da língua japonesa, Tradição, Partes do discurso.

## Abstract

Through the observation of the metalanguage adopted to describe the so-called “parts of the speech” in the Japanese language, this thesis aims to identify the passage from a rhetoric of continuity (conservation) to a rhetoric of change (revolutionary), as proposed by Murray (1994), in European grammars, starting with the Portuguese and Spanish and following to the first French works. For the formation of the corpus we selected seven grammars: *De institutione grammatica - Conjugationibus accessit interpretatio Iaponica*, from Manoel Alvarez (Amakusa, 1594), *Arte da Lingoa de Iapam* from João Rodriguez (Nagasaki, 1604), *Arte Breve da Lingoa Japoa* from João Rodriguez (Macau, 1620), *Ars grammaticae iaonicae linguae* from Diego Collado (Roma, 1632), *Arte de la lengua Japona* from Melchor Oyanguren de Santa Inez (Mexico, 1738), *Éléments de la Grammaire Japonaise* from Clerc de Landresse, and the *Introduction à l'étude de la langue japonaise* from León de Rosny (Paris, 1856). Through this analysis, we will try to discuss and present a proposal of ‘tradition’ using the methodology proposed by Swiggers (2010) to develop analyzes in Linguistic Historiography in four dimensions: theoretical, technical, documentary and contextual/institutional. Observing at all these dimensions (and not just the documental and technical ones) we were able to have a broader view of influences and innovations.

**Key words:** Linguist Historiography, Japanese Language Grammars, Tradition, Parts of the speech.

## Sumário

Índice de Quadros .....	11
Introdução .....	12
Capítulo 1 - Pressupostos teóricos .....	15
<b>1.1. Partes do Discurso</b> .....	15
<b>1.2. Sobre conservação e mudança nos estudos da linguagem</b> .....	19
<b>1.3. Influência: Originalidade e Interferência</b> .....	24
<b>1.4. Tradição</b> .....	28
Capítulo 2 – Metodologia.....	33
<b>2.1. Escolha do tema e do período</b> .....	33
<b>2.3. Periodização</b> .....	34
<b>2.4. Seleção dos materiais de análise</b> .....	35
Capítulo 3 – Estudo da Camada contextual.....	40
<b>3.1. Primeiros contatos (1298-1614)</b> .....	40
<b>3.1.1. Manoel Álvares e sua obra</b> .....	44
<b>3.1.1.1. Breve biografia</b> .....	44
<b>3.1.1.2 – Sobre a Obra <i>De institutione grammatica libri tres</i> (1594)</b> .....	45
<b>3.1.2. João Rodriguez Tçuzu e suas obras</b> .....	49
<b>3.1.2.1. Breve Biografia</b> .....	49
<b>3.1.2.2. Sobre a obra <i>Arte da Lingoa de Iapam</i> (1604)</b> .....	50
<b>3.1.2.3. Sobre a obra <i>Arte Breve</i> (1620)</b> .....	50
<b>3.2. Período de Isolamento Japonês (1614-1854)</b> .....	51
<b>3.2.2. Diego Collado e sua obra <i>Ars Grammaticae Iaponicae Lingvae</i> (1632)</b> .....	54
<b>3.2.2.1. Breve Biografia</b> .....	54
<b>3.2.2.2. Sobre a obra <i>Ars Grammaticae Iaponicae Lingvae</i> (1632)</b> .....	56
<b>3.2.3. Melchor Oyanguren e sua <i>Arte de la lengua japona</i> (1738)</b> .....	57
<b>3.2.3.1. Breve Biografia</b> .....	57
<b>3.2.3.2. Sobre a obra <i>Arte de la lengua japona</i> (1738)</b> .....	57
<b>3.3. O surgimento do japonismo na França (pós 1854)</b> .....	58
<b>3.3.1 . C. Landresse e sua obra <i>Éléments de la grammair Japonais par le P. Rodriguez</i> (1825)</b> .....	59
<b>3.3.1.1. Breve Biografia</b> .....	59
<b>3.3.1.2. Sobre a obra <i>Éléments de la grammair Japonais par le P. Rodriguez</i> (1825)</b> .....	59
<b>3.3.2. Leon de Rosny e sua obra <i>Introduction à l'étude de la langue japonaise</i> (1856)</b> .....	60

3.3.2.1. – Breve Biografia.....	60
3.3.2.2. – Sobre a Introduction à l'étude de la langue japonaise (1856) .....	61
Capítulo 4 – Estudo da dimensão teórica .....	62
4.1. A nomenclatura das gramáticas.....	62
4.3. A terminologia e definição das partes do discurso .....	67
4.3.1. <i>De institutione grammatica libri tres</i> (1594) de Manuel Alvarez.....	67
4.3.1.1. Nome.....	67
4.3.1.2. Pronome .....	68
4.3.1.3. Verbo .....	68
4.3.1.4. Particípio.....	69
4.3.1.5. Preposição .....	69
4.3.1.6. Advérbio.....	70
4.3.1.7. Interjeição .....	70
4.3.1.8. Conjugação .....	70
4.3.1.9. Partícula .....	71
4.3.2. <i>Arte da Lingoa de Iapan</i> (1604) de João Rodriguez Tçuzu .....	72
4.3.2.1. Nome.....	72
4.3.2.3. Verbo .....	73
4.3.2.4. Participio .....	73
4.3.2.5. Posposição .....	74
4.3.2.6. Advérbio.....	74
4.3.2.7. Interjeição .....	74
4.3.2.8. Conjunção .....	74
4.3.2.9. Artigo.....	74
4.3.2.10. Partícula.....	75
4.3.3. <i>Arte Breve da Lingoa Iapoa</i> (1620) de João Rodriguez Tçuzu .....	75
4.3.3.1. Nome.....	75
4.3.3.2. Pronome .....	75
4.3.3.3. Verbo .....	76
4.3.3.4. Participio.....	76
4.3.3.5. Posposição .....	76
4.3.3.6. Advérbio.....	76
4.3.3.7. Interjeção .....	77
4.3.3.8. Conjunção .....	77
4.3.3.9. Partícula .....	77



4.3.3.10. Artigo.....	77
4.3.4. Ars gramaticae iaponicae linguae (1632) de Diego Collado .....	77
4.3.4.1.Nome.....	78
4.3.4.2. Pronome .....	78
4.3.4.3 Verbo .....	78
4.3.4.4. Advérbio.....	78
4.3.4.5. Presposição.....	79
4.3.4.6. Conjunção .....	79
4.3.4.7. Interjeição .....	79
4.3.4.8. Partícula .....	79
4.3.5. Arte de la lengua Japona (1738) de Melchior Oyanguren.....	79
4.3.6. Éléments de la grammair japonais par le P. Rodriguez (1824) de C. Landresse .....	80
4.3.7. Introduction à l'étude de la langue japonaise (1856) de Leon Rosny.....	80
4.3.7.1. Nome.....	80
4.3.7.2. Adjetivo .....	81
4.3.7.3. Número.....	81
4.3.7.4. Pronome .....	81
4.3.7.5. Verbo .....	81
4.3.7.6. Advérbio.....	81
4.3.7.7. Posposição .....	81
4.3.7.8. Conjunção .....	82
4.3.7.9. Interjeição .....	82
Capítulo 5 – Estudo da dimensão técnica.....	83
5.1. Organização estrutural.....	83
5.1.1. De Institutione Gramaticae (1594).....	83
5.1.2. Arte da Lingoa de Japam (1604).....	87
5.1.3. Arte Breve (1620) .....	90
5.1.4. Ars Grammaticae Iaponicae Linguae (1632).....	93
5.1.5. Arte de la Lengua Japona (1738).....	96
5.1.6. Éléments de la grammair japonais (1824).....	99
Fonte: LANDRESSE, 1825.....	100
5.1.7. Introduction à l'étude de la langue japonaise (1856) .....	100
Capítulo 6 – Estudo da dimensão documental .....	104
6.1. De institutione grammatica libri tres (1594) de Manuel Álvares.....	104
6.2. Arte da Lingoa de Iapam (1604) e Arte Breve (1620) .....	108

<b>6.4. Ars Grammaticae Iaponicae linguae (1632)</b> .....	110
<b>6.5. Arte de la lengua japona (1738)</b> .....	111
Capítulo 7 - Conservação e mudança .....	113
<b>7.1. Dimensão contextual</b> .....	113
<b>7.2. Dimensão teórica</b> .....	114
<b>7.3. Dimensão técnica</b> .....	116
<b>7.4. Uma proposta de tradição internamente orientada</b> .....	118
Capítulo 8 – Considerações finais .....	119
Bibliografia .....	120

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1 - Critérios balizadores das estruturas de classificação e suas concepções baseadas em AUROUX, 2014, (p. 105-109) .....</b>	<b>18</b>
<b>Quadro 2 – Programas de correspondências proposto por SWIGGERS (2004).....</b>	<b>23</b>
<b>Quadro 3 - Periodização proposta por Ueda (1984).....</b>	<b>29</b>
<b>Quadro 4 - Periodização proposta por Ando (1904) .....</b>	<b>30</b>
<b>Quadro 5 - Periodização de acordo com Kameda (1931) .....</b>	<b>30</b>
<b>Quadro 6 - Periodização de acordo com Kaiser (1995) .....</b>	<b>31</b>
<b>Quadro 7 – Sistema de paginação de cada obra .....</b>	<b>38</b>
<b>Quadro 8 - Parâmetros de análise terminológica .....</b>	<b>39</b>
<b>Quadro 9 - Sumário da obra de Álvares (1594).....</b>	<b>84</b>
<b>Quadro 10 - Estrutura da obra de Álvares (1594) .....</b>	<b>85</b>
<b>Quadro 11 - Modo e tempo de flexão do verbo substantivo segundo Álvares (1594).....</b>	<b>86</b>
<b>Quadro 12 - Modos e tempos da primeira conjugação do verbo ativo de Álvares (1594) .....</b>	<b>87</b>
<b>Quadro 13 - Sumário da obra de Rodrigues (1604) .....</b>	<b>88</b>
<b>Quadro 14 – Modo e Tempo do verbo substantivo segundo Rodrigues (1604) .....</b>	<b>89</b>
<b>Quadro 15 - Modo e tempo do verbo substantivo negativo nai segundo Rodrigues (1604).....</b>	<b>90</b>
<b>Quadro 16 - Estrutura da Obra de Rodrigues (1604).....</b>	<b>90</b>
<b>Quadro 17 - Sumário de Rodrigues (1620) .....</b>	<b>91</b>
<b>Quadro 18 - Estrutura da obra de Rodrigues (1620) .....</b>	<b>93</b>
<b>Quadro 19 - Sumário da obra de Collado (1632) .....</b>	<b>95</b>
<b>Quadro 20 - Estrutura da obra de Collado (1632) .....</b>	<b>96</b>
<b>Quadro 21 - Sumário da obra de Oyangurén (1738) .....</b>	<b>98</b>
<b>Quadro 22 - Estrutura da obra de Oyangurén (1738) .....</b>	<b>99</b>
<b>Quadro 23 - Sumário da Obra de Landresse (1825) .....</b>	<b>100</b>
<b>Quadro 24 - Sumário da obra de Rosny (1856) .....</b>	<b>100</b>
<b>Quadro 25 - Estrutura da obra de Rosny (1856).....</b>	<b>101</b>
<b>Quadro 26 - Paradigma de flexão .....</b>	<b>107</b>
<b>Quadro 27 - Exemplo de declinação dos nomes substantivos segundo Rodrigues (1604) .....</b>	<b>109</b>
<b>Quadro 28 - Exemplos do plural de nomes substantivos .....</b>	<b>109</b>
<b>Quadro 29 - Paradigma de flexão nominal em Rodrigues (1620) .....</b>	<b>110</b>
<b>Quadro 30 - Fontes literárias de Oyanguren .....</b>	<b>112</b>
<b>Quadro 31 - Dimensão contextual.....</b>	<b>114</b>
<b>Quadro 32 - Comparação das partes do discurso nas sete gramáticas .....</b>	<b>115</b>
<b>Quadro 33 - Dimensão teórica.....</b>	<b>116</b>
<b>Quadro 34 - Dimensão técnica .....</b>	<b>117</b>
<b>Quadro 35 - Proposta de periodização .....</b>	<b>118</b>

## Introdução

Tendo em conta o contexto particular de desenvolvimento das “tradições” ocidentais de estudos japoneses, podemos observar que grande parte das revisões historiográficas sobre esses estudos pauta-se em marcos históricos (como o início do período de isolamento japonês em 1614 ou a reabertura dos portos em 1854) ou entidades nacionais. Trabalhos como os de Ueda (1897), Kameda (1931) e Kaiser (1995) têm lidado de formas diferentes com essa produção exógena na sua correlação com contingências relativas aos contextos europeu e japonês (v. capítulo 1.4 – Tradição). Também é de se notar que esses trabalhos diferem entre si quanto à maior ou menor atenção dada às descrições feitas por aqueles gramáticos.

O atual trabalho pretende então analisar gramáticas da língua japonesa feitas por estrangeiros do Ocidente, partindo dos escritores portugueses, no final do século XVI, e chegando até o surgimento do chamado japonismo na França, em meados do século XIX. Procuramos refletir sobre conceitos de “tradição” e sobre os fundamentos para formulá-los, ao mesmo tempo que avaliamos modos de lidar com ele no estudo dos materiais selecionados para este trabalho. Nossa análise dos textos se foca no desenvolvimento das ideias e dos conceitos linguísticos em uma situação de intercâmbio linguístico e cultural, dando especial ênfase às propostas de classificação de palavras.

Um dos pilares do trabalho de descrição de línguas de todo o mundo por meio de gramáticas e dicionários (cf. AUROUX, 1992), essa classificação operou tanto com estabilizações quanto com mudanças na relação entre os descritores e as línguas (e as comunidades de falantes) descritas, entre eles e os modelos disponíveis, assim como entre esse tipo de produção e os diferentes projetos coloniais a que ela esteve vinculada ao longo do tempo.

Este trabalho não tem como objetivo descrever os fatos da língua, mas observar como foram propostas classes de palavras para lidar com alguns fatos da língua japonesa em

gramáticas ocidentais. Ou seja, temos por objetivo observar como autores europeus, envolvidos por diferentes concepções de língua, de gramática, e com diferentes propósitos (religiosos, culturais, comerciais) associados ao expansionismo ocidental, aplicaram concepções de “partes do discurso” a uma língua não-europeia. O foco nas constâncias e nas ressignificações de ideias e terminologia linguísticas também deve, no nosso entender, possibilitar uma proposta de uma cronologia histórica dos estudos do japonês no Ocidente baseada em ideias linguísticas e não apenas em marcos sociopolíticos, como os mencionados no primeiro parágrafo desta introdução.

Para tanto, nos valem de pressupostos teóricos e metodológicos da Historiografia Linguística, enfatizando as formas de conceituação e designação de categorias, e as correlações delas com contingências que envolvem as línguas (o japonês e as línguas de descrição), os falantes, os descritores e os recursos (cognitivos e não-cognitivos) que mobilizaram.

No primeiro capítulo desta tese, “Pressupostos teóricos”, apresentamos inicialmente uma reflexão sobre as partes do discurso (1.1), elemento central de nossa análise, para então refletir sobre pressupostos gerais da Historiografia Linguística que consideramos essenciais para o nosso trabalho: Assim, revistamos os conceitos de conservação e mudança (1.2); Influência, originalidade e interferência (1.3); e, finalmente, o debate sobre tradição (1.4).

Em seguida, escrevemos um capítulo sobre a metodologia adotada, apresentando os parâmetros utilizados para a escolha do tema (2.1), periodização (2.2) e seleção de materiais (2.3), assim como os nossos critérios de análise desses materiais.

Como o objetivo desta tese é observar as questões históricas de conservação e mudança, seguimos, essencialmente, em termos de critérios analíticos, a proposta de Swiggers (2004) de analisar as obras selecionadas em quatro *dimensões*: contextual, teórica, técnica e documental (v. Capítulo 1.2 – Sobre conservação e mudança).

No capítulo 3, “Dimensão Contextual”, apresentamos uma visão panorâmica da histórica da relação japonesa com ocidentais, começando pelos primeiros contatos (1298-1614),

passando pelo período de isolamento (1614-1854), e chegando até o surgimento do japonismo na França (pós 1854). Nesse capítulo também dedicamos um espaço especial para a apresentação da vida e trabalho de cada um dos autores selecionados e a situação em que as obras selecionadas foram impressas.

No capítulo 4, “Dimensão teórica”, apresentamos o que cada autor compreende por língua, língua japonesa, gramática e partes do discurso, ressaltando as propostas para o tratamento da língua japonesa que se diferenciam do modelo clássico.

No capítulo 5, “Dimensão técnica”, primeiramente apresentamos a organização estrutural de cada uma das obras e o modo de exposição, para então descrevermos como cada obra divide e define cada uma das partes do discurso.

No capítulo 6, “Dimensão documental”, apresentamos as principais fontes evidentes de cada obra, para em seguida expor quais são os paradigmas adotados para a exemplificação linguística e a natureza do conjunto de exemplos utilizados.

No penúltimo capítulo, apresentamos uma análise de todas as informações apresentadas nos capítulos de 3 a 6, expondo os momentos de constância e, depois, os momentos de mudança, para então sugerir uma proposta de tradição internamente orientada.

E em nossas considerações finais, apresentamos os resultados da pesquisa e uma proposta de como estender o trabalho realizado nesta tese para o estudo de outras obras na historiografia linguística dos estudos japoneses.

## Capítulo 1 - Pressupostos teóricos

Para que a realização do trabalho da análise proposto nessa tese fosse possível, foi necessária uma reflexão teórica que englobou de diversos termos-chave: partes do discurso; conservação e mudança; influência, originalidade e interferência; e tradição. Neste capítulo, apresentamos uma síntese de como exploramos esses temas para o desenvolvimento dos capítulos que se seguem.

### 1.1. Partes do Discurso

Como dissemos, acompanhamos, com este trabalho, como foram propostas classes de palavras para lidar com fatos da língua japonesa em gramáticas ocidentais produzidas entre os séculos XVI e XIX, ressaltando os sistemas de classes mobilizados, os termos empregados e as soluções encontradas pelos autores ao lidar com concepções de “partes do discurso” na sistematização de uma língua não-europeia.

Nessa seara, o estudo desenvolvido por Sylvain Auroux (1992) – *A revolução tecnológica da gramatização* – mostrou-se bastante elucidativo, tanto para a compreensão desse processo revolucionário em que os textos e autores que estudamos se inserem, quanto pelas reflexões de Auroux acerca de diferentes concepções de “partes do discurso” desenvolvidas a partir do longo processo de gramatizar línguas de todo o mundo, empreendido junto a iniciativas colonial-imperialistas implementadas a partir do noroeste do mundo.

Auroux (2014) inicia sua reflexão sobre a teoria das “partes do discurso” apontando que – nas suas diferentes configurações, desenvolvidas ao longo do tempo, desde a Antiguidade greco-latina – a análise da cadeia falada tem sido realizada através de duas operações essenciais:

a *decomposição linear* dessa cadeia e a *repartição das partes em função de propriedades imbricadas*.

Por meio da primeira operação, temos uma análise feita do maior elemento para o menor, onde “a conexão das partes de mesmo nível obtidas pela decomposição dá uma expressão linguística” (AUROUX, 2014, p. 101). Como por exemplo, análises que separam o período em frases, as frases em sujeito e predicado, os sujeitos em palavras, e assim por diante.

Já por meio da segunda, temos um sistema de classificação de unidades de diferentes níveis. Essa “reunião das partes de mesmo nível dá a extensão da classe superior e não uma expressão linguística” (Ibid, p. 102). Por exemplo, as práticas onde as palavras passam a ser repartidas em nomes, pronomes e verbos, os nomes em substantivos, adjetivos ou relativos, etc.

Em seguida, Auroux (2014) aponta que, ao longo da história, no ocidente, a primeira prática foi adotada pelos autores mais antigos; porém, os gramáticos europeus, desde a Grécia até a Modernidade, rapidamente foram se interessando mais pela classificação das formas em diferentes categorias.

A composição da linguagem de maior interesse dentro da elaboração ocidental das partes do discurso é a *palavra*. Esse termo é de difícil definição, como sabemos, porém, Auroux (2014) aponta que, agindo sobre a operação de decomposição da cadeia falada, podemos estabelecer três exigências que ajudam a delimitar como ele foi entendido:

[M1] as palavras devem ser signos, isto é, possuir uma significação mesmo que esta não seja determinada senão em contexto (por aí são excluídas letras, sons etc);

[M2] a cadeia linguística é um arranjo de palavras, ou melhor, a palavra deve possuir uma certa autonomia (exclui-se por aí uma abordagem totalmente distribucional): as palavras são os átomos de expressão linguística;

[M3] se é preciso fazer algo a mais que o arranjo de palavras para obter uma expressão linguística, essa modificação é sempre concebida como uma modificação *interna* da palavra (AUROUX, 2014. p. 103)



O autor reconhece que “a categoria da palavra não é das mais cômodas para tratar das línguas aglutinantes ou polissintéticas” (Ibid, p. 104), como teremos oportunidade de observar nas gramáticas selecionadas.

Diferentes autores que aqui estudamos tentaram interpretar o que seria uma *palavra*, o que seria *flexão* e o que seria *derivação* na língua japonesa, imbuídos que estavam dessas noções tradicionalmente operativas nos contextos em que se formaram, conheceram línguas e estudos gramaticais.

Apesar de os sistemas de classificação das partes do discurso serem relativamente estáveis, geralmente apresentando uma base mínima ternária (nomes, verbos e uma terceira classe que compreende todo o resto), os sistemas de classificação e as concepções dessas partes vão variar ao longo do tempo.

Auroux (2014) reagrupa critérios balizadores dessas concepções em torno de quatro tipos de propriedades ou parâmetros: morfológico, semântico, funcional e metalinguístico (Conforme Quadro 1, p. 16).

Esses diferentes tipos de propriedades classificatórias reunidas no quadro podem ser encontrados em articulações diferentes ao longo do tempo, nas diferentes gramáticas. No caso específico do contexto de descrição do japonês por estudiosos ocidentais, pretendemos verificar que propriedades classificatórias estão presentes e como elas organizam dados em princípio distintos dos das línguas indo-europeias inicialmente estudadas segundo tais parâmetros.

Por exemplo: Manuel Álvares, em sua gramática de 1549 se utiliza de critérios morfológicos para definir o verbo como “parte da oração que tem modo e tempo, mas que não declina em caso” (73f, tradução nosa<sup>1</sup>). Porém, ao afirmar que a interjeição é “a parte da oração que indica as várias afeições da alma” (75f, tradução nossa<sup>2</sup>) ele apela para uma definição semântica (mais

---

<sup>1</sup> pars Orationis, quae modos , & tempora habet, neque in casus declinatur

<sup>2</sup> pars Oratonis, quae vários animi affecctus indicat.

especificamente à psicológica). Da nossa perspectiva, vai interessar verificar que tipos de consequências essas opções trazem para a proposta de sistematização gramatical do japonês.

**Quadro 1 - Critérios balizadores das estruturas de classificação e suas concepções baseadas em AUROUX, 2014, (p. 105-109)**

Morfológico	A propriedade caracteriza os fenômenos linguísticos a partir de sua estrutura e variações. Exemplo: <i>declinável vs indeclinável</i>
Semântico	Propriedade que caracteriza os fenômenos linguísticos a partir de sua relação com elementos não linguísticos, podendo ser: <ul style="list-style-type: none"> <li>I. Psicológico: relação com a representação das faculdades do espírito. Exemplo: <i>objeto de nossos pensamentos vs maneira de nossos pensamentos</i> (Port-Royal);</li> <li>II. Ontológico: relação com a representação da estrutura do mundo e com os objetos do pensamento. Exemplos: <i>Substância vs qualidade</i>;</li> <li>III. Semiológico: relação do elemento enquanto signo de uma espécie ou outra. Exemplo: <i>palavra conotativa vs palavra denotativa</i> (Port-Royal).</li> </ul>
Funcional	A propriedade caracteriza os fenômenos linguísticos em relação com sua inserção em uma unidade superior. Essa inserção pode ser: <ul style="list-style-type: none"> <li>I. Lógica: A propriedade se relaciona com os termos teóricos da lógica. Exemplo: <i>sujeito, cópula, predicado, atributo</i> etc;</li> <li>II. Sintático: a propriedade se relaciona com uma cadeia linguística mais longa que o tipo de elemento definido. Exemplo: <i>principal vs acessório</i>;</li> <li>III. Distribucional: A propriedade concerne a substituibilidade e à coocorrência, ou seja, pela sua natureza paradigmática e sintagmática. Exemplo: <i>pertencer a um inventário finito vs pertencer a um inventário aberto</i> (natureza paradigmática) ou as propriedades fundadas na concorrência de dois itens lexicais, como definir o adjetivo como aquele que acompanha o nome (natureza sintagmática)</li> </ul>
Metalinguístico	A propriedade faz referência ao próprio enunciado linguístico. A referência pode ser: <ul style="list-style-type: none"> <li>I. Comunicacional: refere à situação de interlocução. Exemplo: A definição das “pessoas” como algo que designa diferentes atores aos quais o enunciado é suscetível de se relacionar;</li> <li>II. Metagramatical: a propriedade repousa sobre fenômenos que concernem à metalinguagem gramatical, podendo ser: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Parafrásico: consiste em uma paráfrase cujo esquema canônico é construído a partir do nome de outras classes de palavras. Exemplo: um advérbio é equivalente a uma preposição seguida de um nome.</li> <li>• Etimológico: a propriedade corresponde à etimologia proposta para o nome da classe da palavra. Exemplo: <i>substantivo</i>, assim nomeado porque designa uma substância.</li> <li>• Didático: a propriedade concerne à atividade mesma do gramático. Exemplo: <i>Palavra de que nos servimos para dar a conhecer os casos</i> (R. Estienne sobre <i>artigo</i>)</li> </ul> </li> </ul>

Fonte: AUROUX, 2014

## 1.2. Sobre conservação e mudança nos estudos da linguagem

Em vários aspectos, inclusive nos que dizem respeito à percepção de estabilidade das categorias de descrição que ela fez emergir, a chamada gramática tradicional tem tido sua história estudada a partir da ideia de conservação, de continuidade. O próprio rótulo “tradicional” remete a essa percepção de manutenção, preservação. No entanto, estudos especificamente atentos à gramática, como Auroux (1992) e Swiggers (1997), têm demonstrado que componentes de ruptura e mudança são também marcantes no desenvolvimento dessa “tradição” e do seu aparato conceitual, descritivo e terminológico. Ademais, os estudos em história das ciências e em historiografia linguística têm amparado amplamente a concepção de que a tensão entre conservação e mudança é constitutiva do desenvolvimento histórico do conhecimento. Assim, temos refletido sobre como essa literatura, mais específica ou mais geral, pode nos apoiar no estudo das abordagens de partes do discurso em gramáticas ocidentais do japonês.

A obra que podemos considerar pioneira na contribuição para o estabelecimento de um novo ponto de vista a respeito da ciência e sua história foi a “Estrutura das revoluções científicas” de Thomas Kuhn, originalmente publicada em 1962. Nela, Kuhn afirma, entre outras premissas, que: (1) As propostas teórico-metodológicas mais recentemente produzidas não são, **necessariamente**, mais precisas ou mais completas do que as produzidas no passado; (2) Uma ‘teoria’ científica corresponde a **um ponto de vista específico acerca de determinados fenômenos**; (3) Uma teoria que substitui outra provavelmente **responde melhor às exigências do contexto dado**, sendo, porém, tal como a anterior, uma interpretação particular de fenômenos do mundo; e (4) O que divide os cientistas ao longo da história é **“a incomensurabilidade de suas maneiras de ver o mundo e nele praticar a ciência”** (2013, p.23).

Essas linhas gerais de compreensão da história da ciência permitem a Thomas Kuhn desenhar um modelo de desenvolvimento científico em etapas ou estágios, que levariam a uma ciência amadurecida: O pré-paradigma, a ciência normal, a ciência extraordinária e a revolução.

No primeiro momento, pré-paradigmático, o campo de investigação se vê dominado por diversas propostas teóricas que competem por uma hegemonia, não existe um pensamento dominante que guie todas as pesquisas. Até que uma corrente de pensamento consegue estabelecer um paradigma (uma teoria científica largamente conhecida que, durante algum tempo, fornece problemas e soluções modelares para a comunidade de praticantes de uma ciência (2013, p. 13) e se inicia o período de ciência normal. Os interesses pelos problemas e soluções recaem sobre aqueles postos pelo paradigma. Porém, a percepção de anomalias (problemas relevantes para o qual a teoria não consegue apresentar solução adequada) cria novamente um momento de instabilidade chamado de Ciência extraordinária. Nele, os cientistas reveem as bases em que consuziam a ciência normal e abrem caminho para o início de uma revolução científica. Nesse último estágio observamos a desintegração da tradição à qual a atividade científica normal está ligada, e cria um novo paradigma, iniciando novamente um momento de ciência normal.

É conhecida a literatura crítica produzida a respeito dessa obra, como Percival (1976) e Dell Hymes (1983), especialmente aquela advinda de campos das chamadas Humanidades, mas queremos ressaltar dela um aspecto que parece importante para acompanhar a história da produção de gramáticas do japonês por ocidentais: a ideia de que o conhecimento e sua difusão têm uma relação intrínseca com uma série de contingências externas, que Swiggers (2013) denominou de “*acidentes* pessoais e históricos”. Nessa medida, procuramos nos valer amplamente de um estudo de aspectos contextuais de potencial relevância para o desenho das diferentes propostas relativas às “partes do discurso”.

Dell Hymes (1983) propõe o conceito de Cinosura [cynosure] como opção para o conceito de paradigma de Kuhn. Cinosura seria “cada abordagem dominante (e não de completa autoridade, como no caso de paradigma) em um determinado contexto de desenvolvimento histórico de uma disciplina” (Polachini, 2013).

Mais recentemente, Swiggers (2004; 2020) defende que, ao trabalharmos com as dinâmicas observáveis na história das ciências, mostra-se útil o conceito de “camadas”, ou dimensões<sup>3</sup> do conhecimento em estudos da linguagem. Baseado na proposta de Peter Galison (1987-1997), que dividia a história das ciências físicas em três dimensões (experimental, instrumental e teórica), elas permitem análises mais detalhadas do conhecimento e, em contextos de comparação, como este, de nossa pesquisa histórica, permitem que se enxerguem nuances às vezes não muito evidentes quando se toma o conhecimento geral e amplamente. Essas dimensões que permitem analisar e comparar conhecimentos em filigrana são: a dimensão teórica, a dimensão técnica, a dimensão documental, e a dimensão contextual/institucional. O autor explica que:

A dimensão teórica corresponde à visão global de linguagem, à concepção das tarefas e dos protocolos da linguística; a dimensão técnica inclui as técnicas de análises (linguística/gramatical) e os métodos de apresentação de dados; a camada documental corresponde à documentação linguística e filológica (número de línguas, tipo de fontes e de dados) sobre a qual se baseiam os estudos linguísticos; a dimensão contextual e institucional corresponde ao contexto cultural e ao âmbito institucional (esta última torna-se mais importante à medida que nos aproximamos da época moderna) da reflexão e da prática linguística. (Swiggers, 2004: 134 – Tradução nossa<sup>4</sup>)

---

<sup>3</sup> “Camadas” é a tradução do termo no Português do Brasil. Optamos, neste trabalho, pelo termo “dimensões”. Trata-se, contudo, apenas de uma opção estilística, por um termo que nos parece mais ajustado à reflexão sobre as ciências. O domínio conceitual, tal como formulado por Swiggers, foi aqui preservado, até onde alcança a nossa consciência sobre a composição deste texto.

<sup>4</sup> La capa teórica corresponde a la visión global del lenguaje, a la concepción de las tareas y del estatus de la lingüística; la capa técnica incluye las técnicas de análisis (lingüístico/gramatical) y los métodos de presentación de los datos; la capa documental corresponde a la documentación lingüística y filológica (numero de lenguas, tipos de fuentes y de datos) sobre la cual se basa el estudio la capa contextual e institucional corresponde al contexto cultural y a la contexturainstitucional (esta última se hace mas importante a medida que nos acercamos a la época moderna) de la reflexión y de la practica lingüísticas

Segundo o autor, além de dirigir o seu olhar a cada uma das dimensões, buscando descrevê-las em detalhe, o pesquisador em historiografia linguística deve ser sensível para aspectos discursivos que permeiam o processo científico e que podem se manifestar tanto em uma única dimensão como em diversas delas. Também a mudança e a conservação podem ser assinaladas, comparativamente, entre cada uma das camadas de diferentes fontes, revelando-se como mais ou menos significativas em cada uma delas. Assim, por exemplo, em atenção às mudanças, podem ser observadas desde as mais sutis, que incidam sobre uma das dimensões, como as mais drásticas, que podem perpassar todas as camadas e assim oferecer indícios de “revolução científica”, nos termos de Kuhn.

Swiggers ainda defenderá, no mesmo texto, a pertinência de se pensar nas diferentes produções linguísticas que despontam ao longo da história como índices da permanência de preocupações frequentes do campo de investigações. Tais permanências dão a oportunidade de verificar eixos de interesses e de se aventar a possibilidade de lidar com sistemas conceituais mais amplos, os chamados programas de investigação.

Nas palavras do autor, um Programa de investigação é um sistema conceitual que aproxima abordagens (mesmo que descontínuas no tempo-espaço) da linguagem e das línguas. Tais abordagens compartilhariam uma certa visão, uma certa focalização, uma certa técnica (Swiggers, 2004)

Assim, revendo a história dos estudos da linguagem no Ocidente, Swiggers identifica 4 programas gerais, que agregariam uma ampla variedade de iniciativas: programa de correspondência, programa descritivista, programa sociocultural, programa de projeção. O quadro a seguir sintetiza as características de cada um deles em relação à visão, incidência e técnica (Quadro 2, p.21).

**Quadro 2 – Programas de correspondências proposto por SWIGGERS (2004)**

Programa de correspondência	
Visão	Correlação língua-pensamento-realidade
Incidência	Relações entre estrutura morfossintáticas e conteúdo ou processos mentais
Técnica	Semantização de estruturas gramaticais (estabelecimento de classes lógico semânticas) estabelecimento de correlação entre os processos mentais e as regras gramaticais
Autores e grupos cujas propostas se vinculariam a esse programa	Platão, Aristóteles, os modistas, os gramáticos filosóficos dos séculos XVII e XVIII, Gustave Guillaume e Noam Chomsky (e seus discípulos)
Programa descritivo	
Visão	Descrição das línguas como objetos
Incidência	Análise (segmentação/colar em oposição/combinacão) de formas observáveis, comparação de formas de diversas línguas (para fins contrastivos/para fins comparativos, reconstrução, reconstrução) função de formas
Técnica	Determinação de contextos, segmentação, estudo de relações de proporção entre os elementos; estabelecimento de relações entre formas linguísticas e funções comunicativas
Autores e grupos cujas propostas que se vincularam a esse programa	Os gramáticos sânscritos, os gramáticos alexandrinos (e seus comentadores bizantinos) os gramáticos romanos e os carolíngios, os autores das gramáticas de uso da renascença e, nos últimos séculos, os comparatistas e os linguistas estruturalistas (que trabalham com sincronia ou com diacronia)
Programa sociocultural	
Visão	A língua como um fato social e cultural
Incidência:	Determinação dos usos linguísticos, a competência comunicativa, a variação sociolinguística, a expressão de uma cultura através da língua
Técnica	Interativa ou sintética (inserção de fatos linguísticos em uma análise das sociedades ou das culturas, inserção das análises linguísticas em uma teoria da estratificação social ou da evolução social e cultural)
Autores e grupos cujas propostas que se vinculariam a esse programa	Discussões sobre o uso linguístico e as reflexões filosóficas-linguísticas, desde a Renascença sobre a diversidade (social de língua), linguística “idealista” neo-humboldtiana, sociolinguística
Programa de Projeção	
Visão	Línguas como conjuntos de ferramentas lógicas (predicativos)
Incidência	Subsistemas gramaticais particulares
Técnica	Tradução de estruturas linguísticas em linguagem formalizada
Autores e grupos cujas propostas que se vinculariam a esse programa	Os trabalhos de Montagne, Hintikka, Cresseell, Dowty, Partee.

Fonte: SWIGGERS (2004)

Os conceitos de dimensões do conhecimento e de programas de investigação foram pontos de partida da análise aqui desenvolvida, pensando que o primeiro poderia nos oferecer um detalhamento dos aspectos basilares das gramáticas, permitindo compará-las segundo seus diferentes elementos constitutivos, enquanto o segundo poderia colocá-las em diálogo com movimentos e abordagens mais gerais, verificáveis ao longo da história dos estudos linguísticos.

### 1.3. Influência: Originalidade e Interferência

Quando tratamos de temas que podem ser associados à noção de tradição (discutida mais adiante na parte “1.4. Tradição”), fatalmente esbarramos em questões como a da influência. Kuhn (2013), ao estabelecer a sua proposta das etapas do desenvolvimento científico, afirmou que aquilo que ele chama de “ciência normal” não é constante, e que, devido o surgimento de anomalias, ou seja, problemas relevantes para o qual a teoria não consegue apresentar solução adequada, novas ideias começam a surgir, criando um momento de ciência extraordinária até o momento da revolução científica e adoção de um novo paradigma. Porém, o abandono de um paradigma e adoção de um novo não é um processo pacífico ou instantâneo, e não pode “(...) ser resolvido por meio de provas” (KUHN, 2013, p. 246), ou seja, existem motivações que estão inteiramente fora da esfera da ciência inseridas nesse processo.

Para descobrir como as revoluções científicas são produzidas, teremos, portanto, que examinar não apenas impactos da natureza e da lógica, mas igualmente as técnicas de argumentação persuasiva que são eficazes no interior dos grupos muito especiais que constituem a comunidade dos cientistas. (KUHN, 2013, p. 180)

E é aqui que Kuhn propõe um termo próximo do que pretendemos estudar: persuasão.

Cientistas individuais abraçam um novo paradigma por toda sorte de razões e normalmente por várias delas ao mesmo tempo. Algumas dessas razões –por exemplo, a adoração do sol que ajudou a fazer de Kepler um copernicano – encontram-se inteiramente fora da esfera aparente da ciência. Outros cientistas dependem de idiosincrasias de natureza autobiográfica ou relativas à sua personalidade (...) nacionalidade ou reputação do inovador e de seus mestres (KUHN, 2013, p. 251)

Kuhn demonstra que a observação de critérios internos de uma teoria não é suficiente para justificar a escolha da comunidade científica por um determinado paradigma. A persuasão acontece dentro do processo argumentativo dos debates e não se relaciona somente com a apresentação objetivas de resoluções de problemas, mas também pode se relacionar com apelos



subjetivos de poder. Para entender então essas dinâmicas, precisamos ter um olhar atento não só à filiação teórica de um determinado pensador, mas também ao clima sócio-político, aos círculos de estudo e a posição de poder que determinados cientistas ocupavam na sociedade, por exemplo, assim como a questões constitutivas da ambiência social mais ampla.

Para complementar o conceito de “persuasão” de Kuhn, e também relativizar o conceito de “revolução científica”, Murray (1993) propõe que o rompimento com as ideias e assunções que norteavam um modelo anterior acontece através de um conjunto de reivindicações que chamará de “retórica revolucionária”. Em contraposição, o conjunto de reivindicações que formam o discurso de manutenção de um determinado modelo se chamará “retórica de continuidade”.

A escolha da retórica (revolucionária ou de continuidade) dependeria da condição de elite, da idade profissional e do acesso ao reconhecimento de participantes do novo grupo” (POLACHINI, 2013 p 17-18)

Swiggers (2004) também afirma que as adaptações de modelos (ideias) podem acontecer de cinco formas diferentes:

- I. Transposição direta, ou transposição servil, quando há uma correspondência formal e uma correspondência de conteúdos.
- II. “Translação”, que consiste na busca de uma correspondência funcional
- III. O emprego restrito do modelo
- IV. O alargamento (analógico) do modelo.
- V. O abandono do modelo. (p.125, tradução nossa<sup>5</sup>)

Tendo isso em mente, ao falarem de “influências”, historiógrafos como Konrad Koerner (1996) problematizam a noção e nos alertam sobre conclusões que podemos tomar ao fazer reivindicações desse tipo em trabalhos de historiografia Linguística.

Koerner (2014) afirma que “(...) o termo ‘influência’, tal como é frequentemente

---

<sup>5</sup> I. “Transposición directa, o transferência servil (adaptación “cero”), cuando hay a la vez uma correspondência formal y una correspondência de contenidos. II. ‘Translación’, que consiste em la búsqueda de uma correspondência funcional III. el empleo restrictivo del modelo (o “soto-empleo”) IV. el alargamento (analógico) del modelo V. el abandono del modelo” (Swiggers, 2004. P. 125)

empregue nos escritos que tratam de história da linguística, é, na melhor das hipóteses, um termo mal definido e, na pior das hipóteses, um argumento conveniente (...)”. O autor aponta que:

Os historiadores estão interessados não só em descobrir as suas fontes de inspiração, mas também em determinar o que tornou as suas propostas diferentes das que os antecederam e tão importantes para as gerações de investigadores subsequentes. (KOERNER, 2014, p. 92)

Em sua crítica às afirmações de Coseriu sobre a influência de Gerg von Gabelentz no pensamento de Ferdinand de Saussure, Koerner (idem: 109-111) aponta três problemáticas no processo de escrita historiográfica: a importância do contexto histórico, a elucidação das ideias linguísticas à luz da formação geral e do quadro de referências do autor, e a autoria de afirmações.

Nas afirmações de Coseriu, e conseqüentemente na de seus seguidores, Koerner critica que a obra de Gabelentz é retirada de seu contexto histórico e do clima intelectual geral, que “(...) inclui não apenas a avaliação das ideias, tanto linguísticas como extralinguísticas (...), mas também o estabelecimento da formação específica (...), inclusive a sua tradição familiar e educação” (idem: 109-110). O autor ainda alerta que, sem a compreensão desse contexto, os críticos da obra de Gabelentz e Saussure deixaram semelhanças superficiais orientarem as suas afirmações, quando, em uma análise mais delicada de ambas as obras, nota-se que “(...) Gabelentz fez uma observação do senso comum, ao passo que Saussure estava a falar de assuntos com consequência teórica” (idem: 111). Por final, o autor aponta que não foi realizada uma análise crítica das fontes, estabelecendo quais passagens do *Curso de Linguística Geral* foram baseadas “(...) nas suas lições (tal como anotadas pelos seus alunos), ou nas notas pessoais, e quais foram acrescentadas pelos editores (...)” (idem: 111).

Em outro artigo, ao analisar a questão de influência de Herder sobre Humboldt, de Darwin sobre Shleicher, e de Durkheim sobre Saussure, o autor levanta três pontos importantes

para esse tipo de afirmações: o background do autor, a prova textual e o reconhecimento público.

O autor primeiramente afirma que:

Os antecedentes de um autor em particular, a sua tradição familiar, escolaridade, primeiros estudos e os interesses pessoais e as ocupações durante seus anos de formação podem ser importantes para estabelecer conexões que podem conduzir a provas (frequentemente inconscientes) de empréstimo, integração e assimilação de particulares ideias, conceitos ou teorias. Papéis de família, correspondência, currículos escolares, cursos universitários frequentados por um dado autor podem servir como fontes para o historiógrafo. (ibidem: 101)

Continuando, Koerner também orienta que essas informações biográficas fornecidas pelo background do autor podem ser úteis para a descoberta de paralelos textuais entre teorias ou conceitos. Por final, afirma que “Provavelmente a prova mais importante a favor de uma reivindicação de influência pode resultar de referências diretas de um autor às obras de outros” (idem: 102). Porém, o autor adverte que se estas afirmações não estiverem fundamentadas através da comparação textual, não provam muito. Observando todos os pontos apresentados pelo autor em suas análises de casos, torna-se possível uma pesquisa sobre “influência” bem conduzida do ponto de vista da historiografia linguística.

Com isso, podemos dividir o entendimento de Koerner (1996) sobre influência sob dois círculos: O da “Influência geral” e da “Influência contextual” (POLACHINI, 2013). A primeira se constrói sobre o que o autor cita explicitamente, suas referências e aquilo que podemos afirmar através de comparação textual. Já a segunda é construída através da análise dos ambientes de circulação dos autores e a educação compartilhada por eles, observando a interação de textos e também o clima de opinião.

O conceito de “clima de opinião” pode ser sintetizado como um “conjunto de crenças e de valores, a partir do qual se institui uma *sedimentação ideológica*, em cujo seio se produz a *epistème*, o conhecimento sistematizado” (JÚNIOR, 2019, n.p.)

## 1.4. Tradição

O conceito de tradição tem sido amplamente utilizado para agrupar obras e autores dentro de um (ou mais) critério de continuidade pré-estabelecido.

Na história da linguística há tradições (étnicas, geográficas ou culturais) que se diferenciam por sua emergência e seu desenvolvimento, por sua dinâmica interna, por seu caráter aberto ou fechado em relação com outras tradições, pelos tipos de abrangência frente ao fenômeno da linguagem e pela focalização em áreas particulares do estudo de línguas. (Swiggers, 2009, p. 69, tradução nossa<sup>6</sup>)

Hassler (2003, Apud POLACHINI, 2013) estabelece que tradição é um “Conjunto seriado de obras, organizado a partir de um modelo claro ou implícito de um objetivo geralmente comum, definido sobre fins comuns, e que tenham sido gestadas em condição comparáveis, em contextos social e cultural semelhante.”

Já Swiggers (2010), aponta que existem quatro maneiras de compreender tradição:

1. Como tradição nacional, tradição étnica ou uma tradição geograficamente definida;
2. Como uma tradição ligada a um paradigma científico como um tipo de investigação científica (ex a tradição da gramática histórico-comparativa) essa concepção de tradição pode ser combinada com um foco “nacional”;
3. Como uma tradição de investimento linguístico em função de um alvo cultural, ideológico e/ou político, como a linguística missionária;

---

<sup>6</sup> Em la historia de la linguística hay tradiciones (étnicas, geográficas o culturales) que se diferenciam por su emergencia y su desarrollo, por su dinámica interna, por su carácter abierto o cerrado com respecto a otras tradiciones, por los tipos de abarcamiento frente al fenómeno del lenguaje, y por la focalización em áreas particulares del estudio de lenguas.

4. Uma tradição entendida de maneira muito ampla, que se define da prática linguística (ex) a tradição da lexicografia biíngue/multilíngue) ou por um foco tópico em uma língua particular).

Tendo em mente todas essas possibilidades, podemos então observar como os historiógrafos da linguística japonesa propuseram a organização de diferentes tradições para os trabalhos produzidos por ocidentais.

Independente da formação ou teoria, historiógrafos concordam que as primeiras gramáticas e dicionários tenham sido escritas por portugueses, porém cada autor adota uma periodização diferente para a história subsequente.

Kaiser (1995) apresenta quatro propostas de periodização: A de Ueda (1984), Ando (1904), Kameda (1931) e a própria (1995)

Ueda (1984, Apud KAISER, 1995) propõe uma periodização puramente baseada no critério geográfico, identificando fases de desenvolvimento desses estudos correlacionáveis ao país de origem dos autores, sem ensaiar correlações baseadas em características internas dos trabalhos. Por isso podemos observar apenas a apresentação de uma data inicial (normalmente baseada na data de publicação de uma obra pioneira, como o uso da data de 1594, ano da publicação da versão japonesa da “De institutione grammatica libre tres” de Manuel Álvares, para indicar o início da tradição portuguesa) e a ausência de uma data final.

**Quadro 3 - Periodização proposta por Ueda (1984)**

País	Período
Portugal	(1594 - )
Holanda	(1826 - )
Inglaterra-Estados Unidos	(1830 - )
França	(1856 - )
Rússia	(1857 - )
Itália	(1890 - )
Suíça	(1871 - )
Alemanha	(1877 - )

Fonte: Kaiser (1995)

Ando (1904, Apud KAISER. 1995) já propõe uma divisão em três períodos históricos, baseada na data de publicação das obras e também passando ao largo de caracterizações ‘internas’:

**Quadro 4 - Periodização proposta por Ando (1904)**

Período	Data
1º Período	1572 -1738
2º Período	1825 - 1876
3º Período	1877 em diante

Fonte: Kaiser (1995)

Para o início do primeiro período, Ando (1904, Apud KAISER. 1995) escolhe a data de publicação da *editio princeps* da gramática de Álvares, publicada em Lisboa, e não a versão japonesa, e como término a data de publicação da gramática de Oyanguren. Depois de um grande salto temporal de 85 anos, Ando escolhe como data de início do segundo período a publicação do trabalho do alemão Siebold até a gramática japonesa de Hoffmann (1876).

Kameda (1931, Apud KAISER, 1995), por sua vez, apresenta uma divisão mais detalhada, combinando eventos históricos e relações entre o que identifica como “tradições”.

**Quadro 5 - Periodização de acordo com Kameda (1931)**

Período	Tradições
A. Antes da reabertura do Japão (Da chegada dos primeiros ocidentais, até o tratado de 1858)	1) Tradição Sul-europeia (Da chegada dos portugueses ao Japão até o fechamento de portos em 1639) 2) Tradição Norte-europeia (Durante o período de isolamento japonês) 3) Tradição Russa e Francesa (Da chegada de naufragos na Rússia em 1780 até a abertura dos portos japoneses em 1854)
B. Depois da Reabertura do Japão (Da chegada dos navios americanos até o fim do período Edo)	4) Tradição Anglo-americana (De 1854 até a reforma Meiji)
C. Depois da reforma Meiji (1868 em diante)	5) Pesquisa global

Fonte: Kaiser, 1995

Kameda (1931, Apud KAISER, 1995) também atribuiu motivações para cada uma das tradições: a primeira tradição foi motivada pela “propaganda” religiosa, a segunda e a quarta pelo comércio, a terceira pelo movimento orientalista e colonizador, e a quinta pela intenção científica. Porém, Kaiser (1995) aponta que, apesar de Kameda determinar que a tradição anglo-americana foi motivada pelo comércio, não podemos esquecer que o elemento missionário protestante foi muito forte nesse período. Além disso, Kameda agrupa em um único período as tradições russas e francesas, porém não existiu nenhuma influência entre essas duas tradições.

Como podemos observar, todos esses trabalhos se apoiam fortemente nos eventos históricos e nas nações envolvidas, isto é, fundamentalmente em fatores ‘externos’ (ou contextuais). A divisão mais atenta a características “internas” das obras é a utilizada por Kaiser (1995):

**Quadro 6 - Periodização de acordo com Kaiser (1995)**

Período	Tradições
1. Aplicação da gramática latina	1.1. A tradição portuguesa (1549 em diante) 1.2. A tradição Franco-holandesa e seus precursores (1792 em diante)
2. Contato de vizinhos: A tradição Russa	2.1. Náufragos e o aprendizado da língua japonesa (1702 em diante)
3. Do Latim para a Gramática Japonesa: A tradição Anglo-Americana	3.1. Primeiras tentativas (Medhurst e outros, 1830 em diante) 3.2. Descoberta da tradição japonesa (Aston e seguidores, 1870 em diante)
4. Síntese dos trabalhos anteriores – O início de uma tradição internacional	4.1. A partir de Chamberlain, 1880 em diante

Fonte: Kaiser, 1995

Kaiser (1995) seguiu o modelo de Kameda, deixando o final de cada tradição em aberto, próximo à abordagem de Ando. Também podemos observar que Kaiser (1995) quebra a ordem cronológica colocando a tradição franco-holandesa (1.2.), que se iniciaria em 1792, publicação da obra do sueco Thumberg, antes da tradição russa (2.1.), que se iniciaria em 1702. Essa decisão

foi tomada em reconhecimento da influência das gramáticas portuguesas e espanholas que seguiam o modelo latino, na tradição franco-holandesa.

Apesar de fatores históricos e regionais serem muito importantes na análise do desenvolvimento da linguística japonesa no ocidente, basear-se somente neles não parece ser suficiente para que seja possível observar a construção de tradições e o surgimento de inovações nas ideias e nos conceitos linguísticos. Para isso, nosso trabalho irá pensar em como construir um modelo de tradições utilizando o sistema de dimensões proposto por Swiggers (2004), possibilitando entender não somente as motivações externas, mas também internas de conservação e mudança.



## Capítulo 2 – Metodologia

Koerner (2014) salienta que a historiografia linguística tem se desenvolvido como uma disciplina interessada em lidar com princípios definidos, inspirando-se na própria Linguística para definir métodos com solidez e ser rigorosa na aplicação deles. A Historiografia Linguística também é vista por ele como um campo de pesquisas propositivo em relação à área dos estudos linguísticos, participando do seu desenvolvimento, não apenas sendo informativa. Nesse sentido, ela se distingue das crônicas e das abordagens “tradicionais” (compilatória, propagandística, panorâmica, tal como mencionadas pelo autor) e busca contornar a natureza subjetiva da atividade de escrita da história por meio do rigor teórico e metodológico. Assim, o historiógrafo deve procurar desenvolver uma (Koerner 1999) historiografia metodologicamente consciente, trazendo à tona suas opções, explicitando-as e justificando-as com base no que se consideram pressupostos e procedimentos legítimos do trabalho científico com a história do saber.

Em conformidade com essas diretrizes, nos parágrafos seguintes, procuramos explicitar os recortes e outras opções efetuadas para a condução deste estudo, começando por aqueles definidos por Swiggers (2009) como “cobertura”, isto é, “(...) que período, que campo geográfico, que temática constituem o objeto de tratamento historiográfico” (p.70, tradução nossa<sup>7</sup>)

### **2.1. Escolha do tema e do período**

Para a escolha do tema, realizamos uma sondagem inicial dos trabalhos desenvolvidos sobre historiografia da língua japonesa no Brasil. Nesse processo encontramos uma rica produção descritiva desenvolvida principalmente dentro do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo.

---

<sup>7</sup> “(...) que período, que campo geográfico y que temática constituyen el objeto de tratamiento historiográfico”

Tendo como principal nome a professora Eliza Atsuko Tashiro e seus orientandos, o foco das pesquisas recaía na história dos jesuítas portugueses e nas suas produções literárias. E, dentro da área de Linguística Missionária, também foi possível observar que diversas pesquisas foram desenvolvidas ao redor do mundo com o intuito de descrever e analisar obras elaboradas durante o curto período que os portugueses estiveram em terras nipônicas. Porém, não temos notícias de trabalhos que adotaram a metodologia proposta por Swiggers (2004) de análise em dimensões.

Seguindo as orientações de Swiggers (2004), esse trabalho objetiva fazer uma análise inédita das gramáticas japonesas através da proposta de dimensões de Swiggers (2004) e, por isso, escolhemos como ponto de partida para o estudo do contexto geográfico e social, o período de primeiros contatos com o Japão, daí passando pelo período de isolamento japonês e chegando até a abertura dos portos.

Dessa forma, o presente trabalho pretende analisar gramáticas do japonês produzidas por portugueses, espanhóis e franceses, desde os primeiros contatos, passando pelo fechamento dos portos e o isolamento japonês, até o momento de reabertura do Japão. Com esta análise, pretende-se, além de observar como cada autor classificou as partes do discurso no japonês (uma tarefa desafiadora, considerando , estabelecer uma história das conservações e mudanças adotadas ao longo do tempo nesses materiais, possibilitando, assim, uma análise histórica dos estudos japoneses baseada em elementos linguísticos.

### **2.3. Periodização**

Sobre o processo de “periodização”, Swiggers (2004) afirma que:

Penso que a bipartição (clássica) entre uma periodização externa (ou minimalista) e uma periodização interna (ou maximalista) tem que adicionar

um terceiro tipo, o de uma periodização “entrelaçada”, que faz justiça à complexidade da experiência humana do tempo: a experiência “linear” do tempo se combina com uma experiência não linear; a dos processos “laterais” e “compartilhados”, a dos processos cíclicos, a de antecipações e de “recaídas” e de memórias (SWIGGERS, 2004, p. 120, tradução nossa<sup>8</sup>)

Por isso, adotamos datas que refletem essa periodização entrelaçada. Como ponto inicial adotamos a data de 1543, que marca a chegada dos primeiros portugueses e o estabelecimento da missão jesuítica no Japão.

Em 1603, inicia-se a política de fechamento do Japão e a expulsão dos jesuítas. Durante esse período, os estudos produzidos pelos portugueses foram traduzidos para o latim e espanhol por vários estudiosos e missionários, permitindo que tais trabalhos sobrevivessem ao esquecimento.

No ano de 1825 a *Arte da Lingoa de Iapam* foi traduzida para o francês e serviu de base para o surgimento do Japonismo de Léon de Rosny entre 1856 e 1886.

No ano de 1854, iniciava-se o processo de abertura dos portos do Japão, encerrando-se o período de fechamento em 1859. Depois desse período, a entrada de estrangeiros e o envio de estudantes japoneses para a Europa foram permitidos, possibilitando um intercâmbio mais dinâmico de ideias.

Como o interesse do projeto recai sobre o desenvolvimento das ideias linguísticas incluindo o período de reclusão, adotamos a data de 1856, como marco final para esta pesquisa; foi ano em que Léon de Rosny publica o seu *Introduction à l'étude de la langue japonaise*.

## **2.4. Seleção dos materiais de análise**

---

<sup>8</sup> “Pienso que a la bipartición (clássica) entre uma periodización externa (o minimalista) y una periodización interna (o maximalista) hay que añadir um tercer tipo, el de uma periodización “entrelazada”, que hace justicia a la complejidad de la experiencia humana del tiempo: la experiencia ‘linear’ del tiempo se combina com uma experiencia no linear; la de processos ‘laterales’ y ‘compartidos’, la de processos cíclicos, la de anticipaciones y de ‘recaídas’ y recuerdos”

Sobre a seleção de materiais, ou o corpus da pesquisa, Swiggers (2009) afirma que:

A descrição historiográfica se baseia na constituição de um corpus (a extensão do corpus pode ir desde uma obra em particular, de conjunto da produção de um único autor, a um leque mais ou menos estendido de textos em relação com uma delimitação – geográfica, histórica, e/ou temática – objeto de estudo) (p.68, tradução nossa<sup>9</sup>)

Para a seleção dos materiais, primeiramente fizemos um levantamento de todos os trabalhos gramaticais listados por Laures (1985) durante o período estabelecido (de 1543 a 1856). Devido a limitações de tempo e conhecimento linguístico, selecionamos somente o latim, português, espanhol e francês como línguas de estudo, excluindo assim qualquer material escrito em holandês, russo, alemão ou sueco que tenham sido produzidos no recorte de tempo determinado

Segundo Laures (1957), Kaiser (1995) e Santo (2013), durante esse período de primeiros contatos e fechamento do Japão, poucas obras foram produzidas e menos ainda conseguiram sobreviver até os dias de hoje. Por isso foram selecionados todos os trabalhos descobertos e disponíveis para consulta que se encaixavam dentro do escopo estabelecido

- *De institutione grammatica libre tres- Conjugationibus accessit interpretatio Iaponica* - de Manoel Alvarez (Amakusa, 1594) - Edição da Biblioteca Nacional de Portugal (Cópia fac-símile adquirida diretamente);
- *Arte da Lingoa de Iapam* de João Rodriguez (Nagasaki, 1604) - Edição da Universidade de Harvard. Disponível pelo Google Books;

---

<sup>9</sup> “La descripción historiográfica se basa em la constitución de um *corpus* (la extensión del corpus puede ir desde una obra particular, del conjunto de la producción de um solo autor, a um abanico más o menos extendido de textos, em relación com uma delimitación - geográfica, histórica y/o temática – del objeto de estudio)

- *Arte Breve da Lingoa Japoa* de João Rodriguez (Macau, 1620) - Edição da Biblioteca Nacional da Ajuda. (Cópia fac-símile publicada pela Shin-Junbutsu-Ôtsurai-sha);
- *Ars grammaticae iaponicae linguae* de Diego Collado (Roma, 1632) - Edição disponibilizada pelo projeto Guthemberg;
- *Arte de la lengua Japona* de Melchor Oyanguren de Santa Inez (México, 1738) - Edição da John Carter Brown Library disponibilizada pelo site Archive.org;
- *Éléments de la Grammaire Japonaise* de Clerc de Landresse (Paris, 1825) - Edição da Biblioteca Nacional da França. Disponível na plataforma Gallica;
- *Introduction à l'étude de la langue japonaise* de León de Rosny (Paris, 1856) - Edição da Biblioteca Nacional da França. Cópia Fac-símile publicada pela Hachette Livre.

É importante observar que, no período estudado, era comum acontecerem revisões e alterações entre a impressão de um livro e outro, então divergências entre cópias são bastante comuns. Por não termos tempo hábil de verificar todas as versões disponíveis, selecionamos apenas uma versão de cada obra. Para a seleção das cópias analisadas utilizamos como critério apenas a acessibilidade, já que muitas obras, como a obra de Álvares (1594) da Biblioteca de Roma, estão inacessíveis, em seção restrita, ao passo que a versão da Biblioteca Nacional de Portugal foi adquirida digitalmente.

Como trabalhamos com cópias físicas, digitais fac-símiles e transcrições, encontramos dificuldades de como nos referir à paginação dessas obras. No quadro 7 é possível observar como foi realizada a referência de páginas de cada obra:

### Quadro 7 – Sistema de paginação de cada obra

Obra	Paginação
<i>De intitutione grammatica libre tres-Conjugationibus accessit interpretatio Iaponica</i>	Por ser obra-facsimile digital, a paginação segue conforme original, em fólhos marcando “f” para “frente” e “v” para “verso”
<i>Arte da Lingoa de Iapam</i>	Apesar de ser uma obra-facsimile digital como a anterior, a paginação adotada foi do arquivo digital, e não por fólhos como no original.
<i>Arte Breve da Lingoa Japoa</i>	Como a edição da Shin-Junbutsu-Ôrai-sha apresenta uma transcrição, a tradução e uma versão fac-símile da obra, seguimos a paginação do livro, e não a original em fólhos.
<i>Ars grammaticae iaponicae linguae</i>	Paginação de acordo com a oferecida no arquivo digital, por não ser edição fac-símile não foi possível verificar a correspondência com os fólhos
<i>Arte de la lengua Japona</i>	Por ser obra-facsimile digital, a paginação segue conforme original, em fólhos marcando “f” para “frente” e “v” para “verso”
<i>Éléments de la Grammaire Japonaise</i>	Por ser obra-facsimile digital, a paginação segue conforme original
<i>Introduction à l'étude de la langue japonaise</i>	Por ser obra-facsimile digital, a paginação segue conforme original

Fonte: TANAKA, 2022

### 2.5 Critérios de análise

Do ponto de vista ‘interno’, pretendemos, em cada um dos textos selecionados:

Observar:

Quantas e quais são as classes de palavras propostas;

Quando houver, avaliar as definições para cada classe de palavras;

Os modos de aplicação das classes como categorias descritivas;

Eventuais adaptações, mudanças, considerando a tradição;

Os dados linguísticos relacionados a cada uma das classes.

Os três primeiros passos nos apontarão aspectos da chamada camada teórica, enquanto o último iluminará a camada documental. Para correlacionar os textos, espalhados em um intervalo temporal que compreende exemplares de 4 séculos, orientados pelas estratégias

propostas por Swiggers (2013), pretendemos observar processos como: deslocamento de conceitos, transposição, negociação, empréstimo, adaptação, recontextualização, promoção ou descarte de teorias.

Para a análise da metalinguagem que organiza as classes de palavras, adotamos a proposta de Polachini (2013), baseada em Altman (2006) e Swiggers (2010), que sistematiza a análise terminológica em quatro parâmetros: significante, significado, exemplo e taxionomia.

### **Quadro 8 - Parâmetros de análise terminológica**

Significante	A palavra ou expressão mesma utilizada para nomear algum fenômeno ou elemento sintático
Significado	O conteúdo dessas palavras no contexto específico de cada obra
Exemplo	O que, da língua, é oferecido para exemplificar o conceito dado
Taxionomia	A hierarquia em que estes conceitos são arranjados nos textos analisados.

Fonte: POLACHINI, 2013

Tentamos manter os “significantes” na forma e língua apresentada, porém, na análise, para facilitar a comparação, traduzimos os termos para o português. Por exemplo, na obra de Rosny (1856) encontramos o significante “nom” e assim o iremos registrar, porém, para a comparação com as outras gramáticas, iremos traduzí-lo por “nome”. O mesmo foi feito para os exemplos coletados: mantivemos a grafia como no original, independentemente de se coincide ou não com a grafia romanizada moderna, por exemplo, registramos a palavra “tsuchi”, como “tsötsi”, respeitando a romanização de Rosny.

Do ponto de vista ‘externo’, pretendemos apresentar os autores e seus contextos, levando em conta, fundamentalmente, critérios como: origem e formação acadêmica, locais por onde trabalhou e seus cargos, conexões políticas e círculo de influências reconhecidas. Nossas análises, no próximo capítulo, começam por esses aspectos.

## Capítulo 3 – Estudo da Camada contextual

Quando os europeus entraram em contato com o povo japonês e sua língua, um grande interesse surgiu, motivado pela possibilidade de novos comércios e também por fantasias orientalistas. Porém, por causa da distância e de conflitos ideológicos, começaram a aparecer obstáculos para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, que culminaram na total impossibilidade de se entrar em contato com qualquer falante nativo e no acesso limitado a fontes de estudo. Por esse motivo, além do estudo da organização dos textos gramaticais que descreveram a língua japonesa, o conhecimento de fatos externos à gramática é importante para entendermos fatores como o clima de opinião formado, entre os descritores estrangeiros, sobre a língua em cada um dos períodos analisados nesta tese.

Neste capítulo, portanto, iremos organizar informações sobre contextos sociopolíticos, biográficos e intelectuais em três grandes períodos tradicionalmente presentes na historiografia japonesa: Primeiros contatos (1298-1614), Período de Isolamento Japonês (1614-1854) e O surgimento do japonismo na França (pós 1854).

### **3.1. Primeiros contatos (1298-1614)**

Antes dos primeiros portugueses pisarem em terras japonesas, os europeus já tinham conhecimento da existência de terras além do mar do Leste, colhidas nos relatos do mercador Marco Polo (c. 1254 – c.1324). Em seu livro *Il Milione*, originalmente impresso em 1298 e traduzido no Brasil como *O Livro das Maravilhas* (1999) ou *As Viagens* (1997)<sup>10</sup>, o autor é o primeiro a comentar sobre uma terra que os chineses chamavam de *Zipagu*:

---

<sup>10</sup> POLO, Marco. **O livro das Maravilhas**. Tradução: Elói Braga Jr. São Paulo: L&PM, 1999.

POLO, Marco. **As viagens**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



Zipagu é uma ilha a levante, a mil e quinhentas milhas em alto mar. A ilha é bem grande, e sua gente é branca, de boas maneiras e formosa; adoram ídolos e não estão sob domínio de ninguém, senão de si mesmos. Ali se encontra muito ouro, porque o têm em abundância, mas ninguém ali vai e nenhum mercador leva daquele ouro, e por isso o têm em tamanha quantidade. (POLO, 1997, p. 136)

Essa descrição alimentou o encantamento europeu sobre essa ilha rica, porém ainda desconhecida. Foi somente em 1543 que uma caravela de comerciantes portugueses com destino ao Sião (Atual Tailândia) teve que mudar sua rota e aportar na ilha de Tanegashima, localizada na atual província japonesa de Kagoshima (LAURES, 1957; KAISER, 1995; BOSSONG, 2003). Fernão Mendes Pinto (1510/1514-1583) narra esse evento em sua obra *Peregrinação* (1614):

E continuando nossa viagem assi destroçados como hiamos mais tres dias, nos deu hũ temporal de vento esgarraõ por cima da terra tão impetuoso que naquela mesma noite a perdemos de vista, & como então já a não podíamos tornar a tornar, nos foy forçado arribarmos em popa â ilha dos Lequios onde este cossayro era muyto conhecido, assi do Rey como da outra gente da terra & navegando n's com esta determinação por este arcipelago de ilhas adiante (...) E surgindo nòs no rosto da ilha em setenta braças, nos sayraõ da terra duas almadias pequenas em que vinhaõ seis homens, os quais chegando a bordo depois de fazerem suas aluas & cortesias a seu modo, nos preguntarão donde vinha o junco, a que se respondeo que da China com mercadarias para fazer ahy veniaga com elles, se para isso nos dessem licença, hum dos seys nos respõdeo, ã a licença o Nautoquim senhor daquela ilha Tanixumaa a daria de boa vontade se lhe pagássemos os direyos ã se costumauão pagar em Iapaõ, que era aquella grande terra que defronte nos aparecia. (PINTO, 1983, p. 387-8)

Nessa época já existiam rotas marítimas estabelecidas entre o Japão e as outras nações da Ásia, em especial a China, Coréia e o reino de Ryukyu, atual província de Okinawa (INAGA, TAKEMORI, 2007). Nesse trecho, Pinto (1983) reconhece a existência dessas rotas, porém reforça que os europeus não sabiam delas.

Depois desse primeiro contato, houve pouco interesse dos portugueses pelas terras nipônicas. Quando Portugal começou a investir em viagens ao Japão, os seus principais objetivos não eram tanto a influência política ou conquista militar; esses empreendimentos foram principalmente de natureza religiosa (BOSSONG, 2003), sendo um dos pioneiros nessa

investida o padre Francisco Xavier (1506-1552). Em 1547, Xavier conheceu três japoneses em Malaca, atual Malásia, um deles sendo Yajirô (Angerô ou Angirô dependendo do registro), jovem samurai que fugia do Japão devido a acusações de assassinato e que se converteria ao cristianismo ao conhecer o padre.

Dois anos depois, em 1549, Xavier, acompanhado do Irmão Juan Fernandez e do Padre Cosme de Torres (1510-1570), parte da Índia para o Japão, chegando nos portos de Kagoshima meses depois.

A movimentação de comerciantes estrangeiros, trazendo consigo não somente novas mercadorias e tecnologias, mas também missionários e uma nova religião, causou uma mudança importante nos cenários político e social japoneses.

A chegada dos primeiros europeus ao Japão coincidiu com a projeção, no cenário político e social, de homens [japoneses] ambiciosos e aventureiros, crentes na própria capacidade e indiferentes a qualquer outra autoridade. (TASHIRO, 2004, p.200)

Xavier iniciou o seu trabalho de evangelização no território japonês, porém não conseguiu alcançar sucesso, deixando Torres no Japão para dar continuidade ao trabalho. Mesmo não obtendo sucesso, “(...) as impressões deixadas por Xavier sobre o Japão seriam, posteriormente, decisivas para definir a forma de atuação dos missionários jesuítas no Japão” (TASHIRO, 2004).

Ele percebeu a importância dos navios mercantes portugueses para os xoguns japoneses, e a importância do estudo da língua japonesa, que ele considerou como “criada pelo demônio para impedir a conversão dessa gente” (SETTE, 1991, apud TASHIRO, 2004).

Em 1564, Luís de Almeida (1525-1583) escreve uma carta afirmando que um dicionário e uma gramática de língua japonesa, intitulados “Arte da Lingua Japoneza” e o “Vocabulario da Lingua Japoneza”, foram deixados pelo irmão Duarte da Silva (1536-1564), porém tais obras estão desaparecidas e só temos conhecimento da existência delas por esta carta (ZWARTJES,

2011). E no mesmo ano, Luís Frois noticia que o irmão João Fernandes (1526-1597) havia montado uma gramática descrevendo as conjugações verbais e a sintaxe da língua japonesa, além de dois dicionários, um japonês-português e um português-japonês, também perdido (TASHIRO, 2004).

No ano de 1579, o padre Alessandro Valignano (1539-1606) chegou em Arima, na atual província de Nagasaki, para a sua primeira missão no Japão, e, mesmo com esses esforços iniciais, Valignano pôde observar o número insuficiente de missionários fluentes na língua para instruir apropriadamente os novos cristãos.

Ele traçou uma série de regras e princípios para o superior da missão, nas quais demandava que ele governasse seus subordinados no espírito de amor e simpatia. Membros europeus e japoneses da ordem deveriam ser tratados igualmente em todos os aspectos. Para remediar a escassez de missionários, muitos japoneses seriam recebidos na ordem, através de um austero treinamento, aceitos nos mais altos estudos de filosofia e teologia e, finalmente, promovidos a membros da ordem. Os missionários europeus teriam que estudar a língua do país, se adaptarem ao estilo de vida japonês e, acima de tudo, observar cuidadosamente as regras de cortesia japonesa. (LAURES, 1957, p. 103-104 (Tradução nossa<sup>11</sup>))

A missão jesuítica portuguesa alcançava algum sucesso no Japão com a construção de cinco colégios (Arima, Miyako, Katsusa, Amakusa e Nagasaki) e diversas igrejas na região sul do país.

A fundação de estabelecimentos educacionais iria constituir daí por diante, o fim principal dos jesuítas onde quer que pudessem se fixar de maneira estável (FÜLOP-MULLER, 1946, apud TASHIRO, 2004)

---

<sup>11</sup> He Drew up a set of rules and principles for the superior of the mission which demanded that he govern his subjects in the spirit of love and sympathy. European and Japanese members of the Order were to be treated alike in every respect. To remedy the scarcity of missionaries many Japanese were to be received in the order given a through ascetical training, admitted to te higher studies of philosophy and theology and finally promoted to holy orders. The European missionaries were to study the language of the country, adapt themselves to the Japanese way of life and, above all, know and stricklly observe the Japanese rules of courtesy.

Porém, também sofria forte repressão política por influência de líderes budistas. Com o assassinato de Nobunaga Oda (1534-1582) e a ascensão de Toyotomi Hideyoshi (c.1536 – 1598), a perseguição contra os jesuítas se tornou mais intensa.

No ano de 1588, Valignano chegou em Macau com a intenção de criar uma embaixada da Companhia de Jesus no Japão; porém, frente à situação política, este plano foi abandonado, e uma nova visita foi planejada com o intuito de levar ao colégio japonês uma prensa de tipos.

Em 1590 (...) ele trouxe uma máquina tipográfica que foi instalada no colégio de Kazusa em Hizen (Atual Saga) e na prefeitura de Nagasaki. Em 1592, tanto a prensa quanto a escola foram deslocadas para Amakusa, e na ocasião da terceira visita de Valignano, em 1598, a escola foi mantida em Amakusa, mas a prensa foi levada para Nagasaki. (BAILEY, 1960, p.262 - Tradução nossa)

Até então todos os documentos e materiais produzidos pelos jesuítas no Japão eram feitos à mão, e, com a chegada da imprensa de tipos, foi possível a impressão de textos de maior volume e de maneira mais rápida, incluindo duas gramáticas que serão estudadas nesse trabalho: *A De institutione grammatica libri tres: Coniugationibus accessit interpretatio Iapponica* (1594), de Manoel Alvarez, e *A Arte da Lingoa de Japam* (1604), de João Rodrigues Tçuzu.

### **3.1.1. Manoel Álvares e sua obra**

#### **3.1.1.1. Breve biografia**

Manuel Álvares (1526-1583), nasceu na vila de Ribeira Brava, na Madeira (Portugal). Em 4 de Junho de 1546, com vinte anos de idade, ingressa no Colégio de Coimbra da Companhia de Jesus, e sete anos mais tarde, em 1553, começou a lecionar nas escolas do Colégio de Santo Antão, em Lisboa, ao lado do espanhol Cipriano Suárez (1524–1593) (FERNANDES, 2007, ROMEO, 2002).

Inicialmente, Álvares lecionou latim somente para jesuítas, mas logo o curso foi aberto para seculares. Rómulo de Carvalho aponta o sucesso de Álvares afirmando que:

Logo na abertura das aulas o padre Manuel Álvares que ensinava os primeiros rudimentos do Latim, teve cento e oitenta alunos (...). No fim do ano escolar a frequência passava de trezentos e trinta estudantes (...) Em 1554 já eram 600 os alunos (1986, apud, ROMEO, 2002, p. XXII)

Em 1555, com a entrega do Colégio de Artes de Coimbra aos jesuítas, Álvares e Cipriano Suarés foram chamados para cobrir a falta de professores, e lá lecionaram na área de Humanidades até o ano de 1573. (ROMEO, 2002)

Em 1573 ele é nomeado reitor do Colégio do Espírito Santo, em Évora, e em 1575 se tornou vice-reitor do Colégio de Santo Antão. No dia 30 de dezembro de 1583, Álvares falece em Évora, e foi enterrado na igreja da Universidade de Évora (ROMEO, 2002).

### **3.1.1.2 – Sobre a Obra *De institutione grammatica libri tres* (1594)**

No ano de 1566, o Geral da Companhia de Jesus, Francisco Borja (1510-1572), encarregou Álvares de compor uma gramática latina para ser adotada em todos os colégios da Companhia (COSTA, [1974] Apud ROSA, 2010; FERNANDES, 2007). Intitulada *De Institutione grammatica libri tres* em 1572 pela tipografia régia de Portugal.

A obra foi recomendada na *Ratio Studiorum* de 1599 para o ensino regular de latim em todos os colégios jesuítas.

Gramática do P. Álveres – que os nossos professores adotem a gramática do P. Manuel. Se em algum lugar o seu método parecer muito elevado para a capacidade dos alunos, adote então a gramática romana, ou após consulta do Geral, mande compor outra semelhante, conservando sempre, porém, a importância e propriedade de todas as regras do P. Álvares. (*Ratio studiorum*, Regras do Provincial – in FRANCH, 1952: 128)

Antes da adoção da obra de Álvares, diversos materiais eram utilizados para o ensino da língua latina.

(...) até o aparecimento da obra de Manuel Álvares (1572), os manuais escolares de gramática, publicados entre nós, quando não são simples compilações de textos estrangeiros, literalmente copiados, não passam, na sua maior parte, de textos sumários, pouco cuidadosamente elaborados, de estruturação instável, e não raro didacticamente incoerentes (RAMALHO, 1977, Apud, ROMEO, 2002, p. XVI-XVII)

O método didático de Álvares foi a principal forma de estudo e ensino de língua latina por mais de duzentos anos até que latinistas começaram a contestar a didática e teorização científica do método alvaresiano, começando por Amaro de Roboredo e, posteriormente, continuando em Luís Antonio Verney e Antonio Pereira de Figueiredo (1725 – 1797). Tais autores iniciaram uma retórica revolucionária, como se pode ver, por exemplo, em Roboredo, que afirma em sua gramática:

(...) esta [Grammatica Latina mais Breve] he a Grammatica, ã no prologo da geeral toquei, e V.M. desejou peor os aprêdizes. Per novo estylo comprêde tudo o a elles pertêcente, ã se acha na de Manoel Alvares, e Nibrissense reformada, praticadas neste reino, e no de Castella; e se acharão outras cousas, não menos necessárias, que proveitosas. E posto que aprendi pela primeira, nenhũa cousa tirei desse estylo, e da segunda, pouco, e menos de outras muitas, ã resolvi porque, ainda que a materia se ache nelas espelhada, deilhe agora nova reforma. (ROBOREDO, 1625. Apud. FERNANDES, 2007, p.86)

Esses ataques à obra de Álvares foram se aumentando até a expulsão dos jesuítas de Portugal e, conseqüentemente, a proibição do seu uso em Portugal em junho de 1759 (ROMEO, 2002, p. XIX). As críticas não se resumiam somente à metodologia e fontes de Álvares, mas à todo contexto social da época:

(...) por exemplo, 1) a disputa entre determinadas congregações religiosas e a Companhia de Jesus pelo monopólio do ensino; 2) os ataques de apoiadores de governantes ou destes mesmos, sobre tudo durante a primeira metade do século XVIII, contra as propostas metodológicas dos jesuítas com o fim de controlar o sistema educativo que, em grande parte, a ordem ignaciana monopolizava. (ROMEO, 2022, p. LXXXVIII, tradução nossa<sup>12</sup>)

---

<sup>12</sup> "(...) a saber, (1) la pugna entre determinadas congregaciones religiosas y la Compañía de Jesús por el monopolio de la enseñanza; 2) los ataques de elementos afectos a los gobernantes o de estos mismos, sobre todo durante la mitad del siglo XVIII, contra las propuestas metodológicas de los jesuitas a fin de controlar el sistema educativo que acaparaba, em gran medida, la Orden ignaciana"

Romeo (2002) ainda aponta que na Espanha,

(...) por conta do *De institutione grammatica libri tres* ter entrado em conflito, poucos anos depois de sua primeira edição, com o monopólio que ostentava a *Introductiones latinae* de Antonio Nebrija no que diz respeito ao ensino de latim. Por essa razão, o Conselho de Castilla, no final do século XVI, interrompeu a expansão da gramática do jesuíta português (p. XIX, tradução nossa<sup>13</sup>)

Entre a primeira edição, a glória e o banimento, a obra de Álvares teve 600 edições ao redor do mundo (RAMALHO, 1998, apud FERNANDES, 2007).

Dentre essas edições, gostaríamos de chamar atenção a uma edição em especial, publicada em 1573 em Lisboa, e que ficou conhecida como “arte pequena sin comentarios”, ou somente “arte pequena” (ASSUNÇÃO, TOYOSHIMA, 2021). Essa edição, publicada somente com um ano de diferença da *editio princeps*, é uma versão resumida da obra de Álvares, apresentando menos explicações (scolias) e focando apenas nos paradigmas e exemplos. Existem diversas evidências que ela serviu de base para a edição japonesa de 1594 (v. capítulo 6 – Dimensão Documental).

A versão japonesa da gramática de Álvares, publicada em Amakusa em 1594, 11 anos depois da morte do seu autor, com o título *EMMANVELIS ALVARI SOCIETATE IESV De institutione grammatica libri tres, coniugationibus accessit interpretatio Iapponica*, além de ser a primeira adaptação da gramática a ser publicada fora da Europa (ASSUNÇÃO, TOYOSHIMA, 2021), é também considerada a proposta europeia de estudo da língua japonesa mais antiga a sobreviver até os dias de hoje.

---

<sup>13</sup> “(...) por cuanto los *De institutione grammatica libri tres* entraron em conflito, pocos años después de su primera edición, com el monopólio que ostentaban las *Introductiones latinae* de Antonio de Nebrija em lo que a la enseñanza del latín atañe. Por tal razón, el Consejo de Castilla, a finales de siglo XVI, frenó la expansión de la gramática del jesuíta português”

Somente duas cópias da obra sobreviveram até os dias de hoje: uma que está preservada na Biblioteca Pública de Évora, Portugal (Res. 63), e uma na Biblioteca Angélica, em Roma (Rari 1.5.3).

Tanto na Arte Pequena de 1573, como na edição japonesa de 1594 existe a inclusão de um trecho “Auctor Lectori” (Do autor ao leitor), onde o autor queixa-se de ter sido forçado a editar a sua gramática.

Autor para leitor: Eu fui levado a republicar os livros da Grammatica Institutione, quase nudos e deprivados de esplendor, mas rigorosamente revisada, que eu publiquei recentemente, e que foi ilustrado com comentários, com o objetivo de, por um lado, iniciantes não sejam impedidos pela multitude do escólio, e por outro lado, para que o acesso seja possível, não somente aos ricos (que sempre tem uma grande quantidade), mas também para os humildes. Por isso, eu encorajo que você considere estimar a sua humildade e nudez” (ALVARES, 1594, 3f. Tradução nossa)<sup>14</sup>

A versão japonesa também apresenta um lembrete que revela a intenção dos editores que essa gramática fosse utilizada por todos os estudantes da escola de Amakusa (e posteriormente na de Nagasaki)

Lembrete: Já que, para aqueles, no Japão, que se dedicam à língua latina, o método gramatical do Padre Manuel Álvares é necessário, e, em adição, as conjugações estão traduzidos para a língua portuguesa, que não é familiar para palavras japonesas para a conjugação dos verbos, assim como anexar uma escolia, que tornam o reconhecimento do sentido das expressões do latim e do japonês muito mais fáceis. As pessoas dessa ilha, para não deixar os iniciantes fatigados com os primeiros passos dessa língua estrangeira ainda não vivida, pareceu apropriado dos Superiores, adicionarem (na mesma ordem como editado pelo autor, sem nada alterado) (ALVARES, 1594, 3f. Tradução nossa)<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Auctor Lectori/ Libros de Grammatica Institutione, quos nuper explanationibus illustratos edideram, compulsus sum lector humanissime nudos ferè, ac luce priuatos, diligentius tamen correctos denuo foras dare tum ne scholiorum multitudine impedirentur tyrones, tum vt eis non solùm ad diuites, sed etiam ad tenuiores, (quórum multo maior semper fruit copia) aditus pateret. Quare te etiã, atque etiam rogo, vt eorum tenuitatem, vel nuditatem potius boni consulas. Vale.

<sup>15</sup> ADMONITIO/ CVM ijis, qui in lapponia, latino idiomati operam impendunt, Patris Emmanuelis Aluari Grammatica institutio necessária sit in eaque verborum coniugationes Lusitana Lingua huius insulae hominibus ignota vertãtur, ne tyrones in ipso limine peregrini sermonis imperititiae taedio animum deponderent, Superioribus visum est, vt (ordine quo liber auctore editus est, nihil immutato) verborum coniugationibus lapponicae vocês apponerentur, aliqua que scholia praeceptoribus ad latinorum, & lapponicarum loquutionum vim facilius dignoscendam maximè conducentia, attexerentur. Vale



Ausente nas demais obras, esse “Lembrete” foi claramente escrito pelos membros da missão jesuítica japonesa.

### **3.1.2. João Rodriguez Tçuzu e suas obras**

#### **3.1.2.1. Breve Biografia**

João Rodriguez nasceu no ano de 1562 na cidade de Sernacelhe, Portual, e com quinze anos foi para o Japão, onde permaneceu 36 anos da sua vida (de 1578 a 1614) (BOSSONG, 2003; ZWARTJES, 2011) até ser obrigado a sair do Japão por causa da perseguição de cristãos.

Ele dominava o japonês tanto falado como escrito e serviu muito tempo como intérprete oficial dos senhores da guerra Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu, o que lhe deu o direito ao título de tçuzzu, intérprete (BOSSONG, 2003, p. 217)

Por ter ido ao Japão tão jovem, a habilidade escrita de Rodrigues era muito limitada. Em carta à Nuno Mascarenhas, Rodrigues afirma:

Como você sabe, eu vim para a Europa quando criança e fui trazido para essas partes entre selvas e florestas dessas nações, então eu não possuo nem estilo em nossa língua portuguesa nem método para escrever brevemente o que é necessário... Mesmo eu não tendo um estilo elegante... eu estou fazendo história, e depois alguém que tem estilo irá arrumar (RODRIGUES, 1627, Apud ZWARTJES, 2011, p. 95, tradução nossa<sup>16</sup>)

Mas mesmo com essa limitação, Rodrigues tinha um bom conhecimento de línguas, além do português e do japonês, ele lecionava latim e também sabia espanhol, conseguindo traduzir cartas do chinês para o espanhol como cita Moran (1993, apud, ZWARTJES, 2011):

Em novembro de 1599, quando uma embaixada de Tokugawa Ieyasu partiu de Nagasaki para as Filipinas por alguns dias, e foi solicitado ao padre João

---

<sup>16</sup> “As you know, I came from Europe as a child and was brought up in these parts among wilds and forests of these nations, so I possess neither style in our Portuguese language nor method of writing briefly what is necessary... Although I have not an elegant style... I am doing History, and later someone who has style will arrange it”

Rodrigues que traduzisse a carta oficial escrita em chinês para o espanhol (p.95, tradução nossa<sup>17</sup>)

Depois de ter que abandonar as terras japonesas em 1614, Rodrigues morou na China, viajando de Macau, Cantão, Nanquim e Pequim. No ano de 1633, ele morre em Macau e foi enterrado na Capela de São Miguel. (ZWARTJES, 2011).

### **3.1.2.2. Sobre a obra *Arte da Lingoa de Iapam* (1604)**

A primeira gramática produzida por Rodrigues foi a *Arte da Lingoa de Iapam* composta pelo Padre João Rodriguez Portugues da Companhia de IESU dividida em três Livros (Ou comumente conhecida somente por *Arte da Lingoa de Iapam*). Essa obra foi impressa em Nagasaki, e na capa temos a data de 1604, porém, no cólofon está anotado que o trabalho foi terminado em 1608. Além da versão encontrada na biblioteca de Harvard que utilizamos em nossa análise, se tem conhecimento de mais duas cópias impressas, uma na Biblioteca de Boleian e outra na coleção privada do conde de Crawford, além de uma cópia manuscrita em Roma (MORAN, 1972, apud, ZWARTJES, 2011).

### **3.1.2.3. Sobre a obra *Arte Breve* (1620)**

Depois do fechamento dos portos japoneses, o trabalho dos jesuítas em estudar e ensinar a língua japonesa continuou em Macau e Manila para que a missão pudesse acolher os refugiados cristãos que vinham do Japão.

---

<sup>17</sup> "In November 1599, when na embassy from Tokugawa Ieyasu is to leave Nagasaki for the Philippines in a few days' time, and Father João Rodrigues is beijg asked to translate the official letters written in Chinese, into Spanish"

Foi em Macau, no ano de 1620, que foi impressa a segunda obra do padre João Rodriguez Tçuzu: *Arte Breve da Lingoa Iapoa tirada da arte grande da mesma lingoa, pera os que começam a aprender os primeiros princípios della*. Pello padre Ioam Rodriguez da Companhia de IESU. Portugues do Bispado de Lamego. Dividido em três livros (ou somente como “Arte Breve”. Esse trabalho é uma releitura de seu trabalho anterior, reorganizado e sintetizado. Hoje existem duas cópias impressas dessa obra: Uma na Biblioteca da Escola de Estudos Orientais e Africanos em Londres, e outra na Biblioteca Nacional de Ajuda, em Lisboa. Também existe uma cópia manuscrita na Biblioteca Nacional de Paris (ZWARTJES, 2011).

No capítulo “Ao leitor”, Rodrigues explica por que ele sentiu a necessidade de produzir uma segunda gramática:

Na arte grande, que compus da lingoa Iapoa, que anda empresa, fui algum tanto extenso na declaração de muitas cousas assi pera melhor se entenderem as principaes dificuldades desta lingoa, por ser seu vso muy vario, & a colloçam das partes da oraçam contraria a das nossas lingoas de Europa, como também por que os que aprendem por arte esta lingo asam pessoas de idade, & ordinariamente exercitadas no estudo das letras, as quaes depois de qual quer introdução & exercício da lingoa decorrem sobre o que estudam, & nam se satisfazem com quaes quer preceitos, & regras, que nam compreendem a mor parte das dificuldades da lingoa; (...) Mas porque aos que começam a aprender esta lingoa pode causar confusão a variedade de preceitos, & regras, que ali se dam, pareceo necessário, como na mesma arte prometemos, & agora de nouo ordenou o Superior, fazer este breue extracto da arte grande, que sirva aos principiantes como de introdução pera a mesma arte, aqual, depois de ouvido este Compedio poderá melhor servir a todos (RODRIGUES, [1620] 1993, p. 20)

### **3.2. Período de Isolamento Japonês (1614-1854)**

No ano de 1587 surgiu a primeira proibição e expulsão da ordem jesuítica do Japão, e, apesar de não ter sido executada em prática, já demonstrava o desagrado do governo japonês com a presença cristã. Em 1597 um grande conflito em Nagasaki resultou na destruição de cento e vinte igrejas, onze jesuítas expulsos e diversos cristãos (europeus e japoneses) mortos (Bossong, 2003).

No ano de 1600 acontece a Batalha de Sekigahara contra os dois principais clãs que lutavam pelo poder: O clã Hideyoshi liderando o exército ocidental e Ieyasu Tokugawa (1543-1616) liderando o exército oriental. Ieyasu vence a batalha e toma controle do Japão iniciando o período de xogunato Tokugawa.

Com a morte de Toyotomi Hideyoshi em 1598 e a vitória de Ieyasu, a situação dos missionários cristãos no Japão estava incerta. Os missionários temiam que, como a grande maioria dos líderes do Sul que tinham se convertido ao cristianismo estavam do lado que perdeu a guerra, os favores e permissões iriam desaparecer.

Ieyasu se mostrou receptivo em sua visita à missão e renovou os favores e privilégios que Hideyoshi havia concedido às navegações portuguesas. Porém Valignano alertou em uma de suas cartas dos perigos que ainda espreitavam:

Daifusama (que é agora ele quem governa o Japão) com a má satisfação que teve de Augustín Tçunocamidono e de outros senhores cristãos que foram contrários a ele, falamos muitas vezes deste sem faltar quem acrescentae fogo foi dizendo algumas palavras pesadas contra o cristianismo e nossa santa lei, e chegou a dizer na presença de muitos senhores que Taicosama tinha proibido essa lei no Japão, mas que foi um tanto morno em executar o que havia mandado sobre isto, e por isso alguns senhores japoneses faziam cristandades em suas terras contra a sua ordem, o que era coisa digna de grande castigo; e que ele iria renovar esta ordem e retirado somente o porto de Nangasaqui onde deixaria ficar alguns padres para os portugueses e Miaco; em todo o resto do Japão iria proibir esta lei, e na execução desta não iria utilizar da mornez que usara Taicosama, mas que com eficácia exucutaria o que mandara: e se algum senhor atrevesse fazer outra coisa, ele o mataria (161, Apud MANZANO, 2014, tradução nossa, p. 439<sup>18</sup>)

---

<sup>18</sup> “Daifusama (que es agora el que governa Japón) com la mala satisfacción que tuvo de Augustín Tçunocamidono y de otros señores christianos que le fueron contrários, hablamos muchas vezes desto no faltando quien acreçentasse fuego fue dizendo algunas palabras pesadas contra los christianos y nuestra santa ley, y llegó a dezir em presencia de muchos señores que Taicosama abía prohibido esta ley em Japón, mas que fuera algún tanto túbio em executar lo que avía mandado acerca desto, y que por esto algunos señores japonês hazian christiandad em sus tierras contra su orden, lo qual era cosa dinade grande castigo; y que él avía de renovar esta orden y sacado solamente el puerto de Nangasaqui a de dexaría estar algunos padres para los portugueses y el Miaco; em todo lo más de Japón avría de proibir esta ley, y em execuçón desto no avría de usar de la tibieza que usara Taicosama, mas que com eficácia avría de executar lo que mandava: y que se alguno señor se atreeviesse a hazer otra cosa, él lo mataría”

No ano de 1614, uma grande perseguição religiosa é iniciada sob o xogunato Tokugawa (1603-1868), com destruição de igrejas e ameaças de morte para todos os cristãos que não abnegassem de sua religião. Nesse ano, a prensa foi levada de Nagasaki para Macau.

Durante o xogunato Tokugawa, a política de isolamento cresceu, e as relações com o ocidente foram cortadas. Em 1624 todos os portos foram fechados, com exceção de Nagasaki para os portugueses e Hirado para o ingleses e holandeses. A permissão dos portugueses se estendeu até o ano de 1635, quando a entrada de navios lusitanos em portos japoneses foi definitivamente proibida. Durante esse período, por interesse comercial, apenas navegações holandesas mantiveram permissão de entrada no Japão.

A partir do ano de 1639, a entrada de qualquer estrangeiro no território japonês, assim como a saída de japoneses ao exterior, foi completamente proibida pelo governo japonês, iniciando o período de isolamento. Uma única exceção era concedida às navegações holandesas, que, apesar de receberem uma série de restrições, podiam entrar nos portos da ilha de Dejima, atual Nagasaki, e realizar atividades comerciais. Durante esse período, os estudos japoneses realizados por europeus se desenvolveram de duas maneiras distintas: o estudo *in loco*, realizado por estudiosos que entravam no Japão através das navegações holandesas, e a tradução de materiais já existentes.

Essa situação se manteve até o ano de 1854, quando uma intervenção americana liderada pelo Comodoro Matthew C. Perry (1794-1858) forçou a reabertura dos portos japoneses através da assinatura do tratado de Kanagawa.

As obras que estudaremos desse período serão: *Arte Breve da Lingoa Japoa* (1620) de João Rodriguez Tçuzu, a *Ars Grammaticae Iaponicae Lingvae* (1632) de Diego Collado e a *Arte de la lengua japona* (1738) de Melchor Oyanguren.

### 3.2.2. Diego Collado e sua obra *Ars Grammaticae Iaponicae Lingvae* (1632)

#### 3.2.2.1. Breve Biografia

Collado nasceu na segunda parte do século XVI, por volta do ano de 1587, na cidade de Extremadura (Espanha). Em 1605, ele ingressa na Ordem Dominicana de Salamanca e no ano de 1610 é ordenado padre pelo Monastério de San Estaban de Salamanca. Um ano depois, em 1611, ele viaja para as Filipinas.

Nas remotas regiões da província de Cagayán ele provou ser um rápido aprendiz de muitas línguas locais e uma pessoa de caracter impecável. Isso fez com ele se tornasse adequado para as sua mais difícil e perigosa missão, em 1619 ele partiu para o Japão. (ODSTRČILIK, 2020: p. 118, tradução nossa<sup>19</sup>)

Chegando no Japão, Collado se deparou com a informação de que todos os dominicanos, com excessão de três, estavam presos ou mortos. E, de acordo com Jacinto Orfanell (1578-1622), Collado teria passado os primeiros cinco anos Escondido aprendendo a língua japonesa. Ele teria alcançado a proficiência de maneira tão rápida que em 1620 já conseguia ouvir confissões de nativos japoneses (ODSTRČILIK, 2020).

Orfanell teria recebido instruções de Collado para escrever uma história da missão dominicana no Japão, porém ele foi preso e executado. O trabalho foi então encerrado por Collado em 1622 e publicado na Europa.

Depois do martírio de seu amigo Luís Flóres em 1622, Collado volta para Roma, e depois para a Espanha, para discutir sobre as missões no oriente. Durante esse período, Collado desafiou o monopólio jesuíta na corte pontifícia.

---

<sup>19</sup> "In the remote regions of the province Cagayán he proved himself a quick learner of multible local languages and as a person of impectable character. This made him suitable for his most difficult and dangerous mission in 1619 he departed to japan"

Os jesuítas alegavam que tinham direito sobre o território japonês por terem sido os primeiros a chegarem e era necessário “(...) prevenir a confusão entre fiéis caso múltiplos costumes fossem permitidos” (ODSTRČILIK, 2020, p. 119, tradução nossa<sup>20</sup>). No ano de 1622, mesmo ano que Collado retorna para a Europa, o papa Gregório XV publicou uma bula papal que estabelecia a Congregação para a Propagação da Fé, com o objetivo de converter almas perdidas pela reforma protestante avançar ainda mais a propagação da fé cristão. Depois de longas negociações, Collado conseguiu que o rei Felipe IV da Espanha (que também era o rei Felipe III de Portugal) ratificasse a decisão de abrir o Japão para todos os missionários, não só os jesuítas.

Em 1634, ele embarca em Sevilha junto com outros missionários que foram chamados para a província de Santo Rosario nas Filipinas evolta ao oriente com a missão de estabelecer um convento voltado para a missão sino-japonesa. Porém, chegando em seu destino no ano de 1635, acabou tendo que enfrentar fortes oposições dos dominicanos, alegando que ele não tinha o concetimento da coroa. Além disso, eles sentiam que as ações de Collado eram uma crítica à conduta deles. “Eles reclamaram que eles foram falsamente acusados de negligenciar a missão japonesa pela qual, aos olhos deles, a província teria sacrificado muitos de seus melhores missionários” (ODSTRČILIK, 2020, p. 122, tradução nossa<sup>21</sup>). Ele persistiu nessa empreitada, porém perdeu o caso e foi ordenado a voltar pra Espanha.

Ao retornar da província de Cagayán para Manila, o seu navio afunda e ele falece no ano de 1641 (ODSTRČILIK, 2020). O período de sua morte coincidiu com o fim da missão cristã no Japão.

---

<sup>20</sup> “(...) preventing confusion among believers if multiple custos were allowed”

<sup>21</sup> “They complained that they were falsely accused of negleting the Japanesee mission to which, in their eyes, the province sacrificed many of its best missionaries”

### 3.2.2.2. Sobre a obra *Ars Grammaticae Iaponicae Lingvae* (1632)

Apesar de ter vivido no Japão entre 1619 e 1622, os trabalhos linguísticos escritos por Collado só foram produzidos entre os anos de 1631 e 1632. Nesse período, ele se encontrava na Europa e tinha pouco acesso a materiais de estudo da língua. No prefácio do seu dicionário latim-espanhol-japonês (*Dictionarium sive thesauri linguae Iaponicae compendium*, publicado em 1632 em Roma), Collado escreve:

(...) Eu não pude encontrar nenhuma ajuda, nem em libros ou em um japonês [eu não consegui encontrar ninguém] com quem eu pudesse falar, mas eu somente escrevi o que eu pude encontrar em minha frágil memória (1632, Apud ODSTRČILIK, 2020, p. 123, tradução nossa<sup>22</sup>)

Até então nenhum trabalho sobre a língua japonesa tinha sido publicado na Europa, e mesmo sendo escrito em latim, e utilizando somente caracteres romanos, Collado enfrentou algumas dificuldades com a impressão. Em seu *Dictionarium* ele alerta aos leitores que “por favor não se surpreendam ao ver um número de erros, porque a língua japonesa é desconhecida para os editores europeus” (1632, Apud ODSTRČILIK, 2020, p. 124, tradução nossa<sup>23</sup>).

A sua gramática, intitulada *Ars grammaticae Iaponicae linguae in gratiam et adiutorium eorum, qui praedicandi ecangelij causa ad Iaponiae Regnum se voluerint confere* (Ou somente, *Ars grammaticae Iaponicae linguae*), tem em sua capa o ano de 1632 como a data de publicação.

---

<sup>22</sup> “(...) I could not find any help, either in books or in a Japanese, (I could not find anybody) with whom I could speak, but I only wrote what I could find in my fragile memory”

<sup>23</sup> Do not (please) wonder when you see a number of mistakes, because the Japanese language is so unknown to European typesetters”



### **3.2.3. Melchor Oyanguren e sua *Arte de la lengua japona* (1738)**

#### **3.2.3.1. Breve Biografia**

Melchor Oyanguren de Santa Inés nasceu na cidade de Salinas, na região basca de Guipúzcoa, Espanha, no ano de 1688. Ingressou na ordem franciscana e com 27 anos, em 1715, ele viajou para as Filipinas. Durante a sua estadia foi enviado em uma missão para a Cochinchina (atual Vietnã), mas foi preso e enviado de volta para Manila, onde ficou enfermo.

No ano de 1721 viajou para o México para cuidar da sua doença e quatro anos depois, em 1625, voltou para as Filipinas, onde foi nomeado doutrinador do povo dos Banhos de Aguas Santas e exerceu o ministério em Saryaya até o ano de 1736.

Por causa da sua situação de saúde, Oyanguren teve que retornar para a Espanha, mas ao chegar no México teve que interromper a sua viagem. No ano de 1744 ele ocupou o posto de presidente do Hospício do Convento de São Agustín das Covas, em Tlalpan, atual Cidade do México, onde faleceu em 1747. (ZWARTJES, 2009).

Oyanguren tinha um grande conhecimento linguística, cresceu falando basco e espanhol, e pela análise dos seus trabalhos acredita-se que também tenha aprendido o latim, grego, hebraico e chinês, assim como talvez tivesse conhecimento do vietnamita e do malaio. Apesar de ter escrito uma gramática da língua japonesa, ele nunca teve a oportunidade de ir ao Japão e somente estudou a língua através das fontes escritas disponíveis na sua época.

#### **3.2.3.2. Sobre a obra *Arte de la lengua japona* (1738)**

No ano de 1738, Oyanguren publica na Cidade do México uma gramática japonesa intitulada *Arte de la lengua japona, dividido em quatro livros según el arte de Nebrixa, com algunas voces proprias de la escritura, y otras de los lenguages de Ximo, y del Cami, y com algunas perifrases, y figuras*, ou somente “Arte de la lengua japona”.

A gramática foi publicada por Joseph Bernardo de Hogal (? – 1741), ministro e impressor real, que já tinha experiência na impressão de textos que exigiam fontes especiais, como o grego ou notações musicais.

### **3.3. O surgimento do japonismo na França (pós 1854)**

O período de isolamento japonês fez com que poucas informações sobre o Japão chegassem na Europa, tendo como únicas fontes os trabalhos produzidos no final do século XVI e início do século XVII pelos missionários, e documentos produzidos pelos comerciantes e estudiosos do norte europeu que entravam em terras nipônicas através das navegações holandesas. Porém, essas limitadas informações que chegavam na Europa já foram suficientes para que sinólogos percebessem a importância de entender e estudar a língua e cultura japonesa.

No ano de 1823 foi fundada a Société Asiatique, uma instituição formada por sinólogos com o intuito de desenvolver estudos sobre a Ásia e que, durante esse período de isolamento realizou diversas tentativas de estudar a língua japonesa.

Com a intervenção militar do Comodoro Matthew C. Perry em 1854, iniciou-se um processo gradual de abertura dos portos japoneses. A França conseguiu se aproximar com o Japão no ano de 1858, com a assinatura do Tratado de Paz, Amizade e Comércio (OKAMOTO, 2010), e então o interesse pela língua japonesa não ficou somente entre os linguistas e orientalistas, mas se estendeu aos diplomatas e militares.

Desse período iremos estudar duas obras o *Éléments de la grammair Japonais par le P. Rodriguez* (1825) de C. Landresse e a *Introduction à l'étude de la langue japonaise* de Leon de Rosny.

### **3.3.1 . C. Landresse e sua obra *Éléments de la grammair Japonais par le P. Rodriguez* (1825)**

#### **3.3.1.1. Breve Biografia**

Na capa de sua obra o autor somente assina o seu nome como M. C. Landresse. Por esse motivo a pesquisa da sua vida é bastante limitada. Garnier (2013) afirma que o nome do autor seria Charles Landresse. Porém, de acordo com informações fornecidas pela Biblioteca Nacional da França e pelo Comité de Trabalhos Históricos e Científicos da Escola Nacional de Cartas, o nome completo do autor seria Ernest Augstin Xavier Clerc de Landresse (O M. é a abreviatura da palavra francesa “Monsieur”).

Landresse nasceu no ano de 1800 na cidade de Auvers-sur-Oise, filho de Nicolas François Clerc-Landresse e Marie Aimée Désirée Mitton de Varango. No ano de 1821 se forma na Escola Nacional de Cartas e se tornou membro da Sociedade Asiática em 1834. Além dos seus estudos sobre o oriente, Landresse participou da redação de jornais políticos como o L’Universel durante a revolução de 1830.

Em 1833 ele se tornou o assistente da Biblioteca do Instituto da França e entre 1843 e 1862 trabalhou como bibliotecário. No ano de 1862, ele morre em Paris.

#### **3.3.1.2. Sobre a obra *Éléments de la grammair Japonais par le P. Rodriguez* (1825)**

Foi solicitada a Landresse a tradução da obra de Rodrigues, que foi considerada a “(...) menos pior de todos os materiais didáticos existentes” (MAËS, 1975 apud Garnier, 2013, p. 3, tradução nossa<sup>24</sup>). No ano de 1825 ela foi publicada com o título *Éléments de Grammaire Japonaise*, par le P. Rodriguez, traduits du Portugais sur le Manuscrit de la Bibliothèque du Roi,

---

<sup>24</sup> “(...) the least bad of all the existing learning materials”

et soigneusement collationnés avec la Grammaire publiée par le même auteur à Nagasaki em 1604, par M. C. Landresse, membre de la Société Asiatique, ou somente “Éléments”.

Sobre essa tradução, Maës (1975 Apud Garnier, 2013) afirma que:

Apesar das fraquezas que revelam a falta de familiaridade do autor com o idioma que o livro que tinha a intenção de facilitar o aprendizado. Os esforços, que finalmente fez uma gramática japonesa, porém imperfeita e arcaica, acessível ao público, chamou a atenção de orientalistas e atraiu um considerável comentário na Europa. (p.3, tradução nossa<sup>25</sup>)

### **3.3.2. Leon de Rosny e sua obra *Introduction à l'étude de la langue japonaise* (1856)**

#### **3.3.2.1. – Breve Biografia**

Léon Louis Lucien Prunol de Rosny nasceu no ano de 1837 na cidade de Loos-les-Lille, no norte da França. No ano de 1843 sua família se mudou para Paris e ele, com 11 anos, participou da revolução de 1848 (ou revoluções de fevereiro). Em 1852, ele começou a estudar na Escola Imperial e Especial de Línguas Orientais.

Rosny tinha interesse não só pela língua japonesa, mas também por história natural, políticas, diários de viagens, cristianismo, a Bíblia, escritos pré-colombianos, China e Índia (GARNIER, 2013).

No ano de 1859, ele co-funda a Sociedade de Etnografia e, em 1863, ele começa a ensinar a língua japonesa na mesma escola em que estudou, e em que futuramente se tornaria professor, no ano de 1868. No ano de 1869, ele também fundou o primeiro jornal em língua japonesa fora do Japão, e foi um dos principais colaboradores do Congresso Internacional de

---

<sup>25</sup> Despite these weaknesses revealing the author's lack of familiarity with the idiom of which the book was intended to facilitate learning, Landresse's endeavour, which finally made a Japanese grammar, however imperfect and archaic, accessible to the public, drew the attention of orientalistis and attracted considerable comment in Europe”

Orientalistas em Paris no ano de 1873. Rosny trabalhou em diversas áreas até que faleceu no ano de 1914 em Fontenay-aux-Roses.

Rosny publicou diversas obras sobre todas as temáticas de seu interesse. Bernard Frank (1979, apud GARNIER, 2013) conta que:

Ele tinha uma mente curiosa e original, mas era incrivelmente propenso a se estender de maneira superficial em todos os assuntos que não tinham alguma relação com o Japão, e os quais era impossível que ele tivesse uma competência genuína (p.5, tradução nossa<sup>26</sup>)

Os trabalhos sobre a língua japonesa podem ser reunidos dentro de três grandes grupos:

1) Gramáticas da língua japonesa para estudantes; 2) Estudos sobre a escrita japonesa e 3) Pesquisas sobre a origem e a genealogia da língua japonesa. Os trabalhos de Rosny se concentram no primeiro grupo, e o último grupo são apenas alguns poucos artigos apresentados em congressos.

Por causa de suas pesquisas, Rosny é considerado hoje uma figura importante na criação da disciplina de Estudos Japoneses na França (Ou Japonologie em francês)

### **3.3.2.2. – Sobre a Introduction à l'étude de la langue japonaise (1856)**

No ano de 1856, Rosny publica o seu primeiro estudo sobre a língua japonesa, o “Introduction à l'étude de la langue japonaise”. A impressão foi feita por Marius Nicolas em Paris pela Maisonneuve et Cie, Libraires-Éditeurs pour les Langues orientales, étrangères et comparées.

---

<sup>26</sup> “He had an inquiring and original mind but was incredibly prone to spread himself too thinly, publishing studies on all manner of subjects that were completely unrelated to Japan, and on which it was clearly impossible for him to have any genuine competency”

## Capítulo 4 – Estudo da dimensão teórica

Neste capítulo iremos observar o entendimento teórico de alguns termos chaves, tentando capturar aspectos da chamada dimensão teórica proposta por Swiggers. Primeiro iremos observar qual a nomenclatura utilizada por cada autor na nomeação de sua obra. Depois pretendemos observar a escolha retórica e o horizonte de retrospectão de cada um dos autores. E, finalmente, iremos observar a terminologia adotada por cada autor e as definições utilizadas por eles para cada uma das partes do discurso.

### 4.1. A nomenclatura das gramáticas

A obra de Manuel Álvares (1594), de João Rodrigues Tçuzu (1608 e 1620), de Diego Collado (1632) e de Melchior Oyanguren (1738) utilizam o termo “Arte” (Ou Ars em latim) em seus títulos.

“O termo ‘arte’ é usado em definições gerais de gramática desde a Antiguidade. Esse uso, por exemplo, se encontra nas gramáticas de Donato (século IV antes de Cristo). Neste sentido, ‘arte’, que vem do latim ‘ars’, o qual, por sua vez, é a tradução do grego ‘téchné’, tem um significado próximo da ideia de ‘manual’. Assim, a ‘arte’ teria em sua origem, um significado aproximado de um objeto relacionado ao ensino, sobretudo o ensino prático” (POLACHINI, 2013, p. 92)

Apesar de serem de ordens distintas (jesuítas, dominicanos e franciscanos), todos seguiam a mesma metodologia proposta pelas missões cristãs de ensino prático da língua. Porém, essa proposta muda quando vamos observar as duas obras produzidas na França.

Mesmo sendo uma tradução da obra de Rodrigues, Landresse (1825) utiliza o termo “gramática” (grammair), ou mais especialmente *Elementos da gramática* (Éléments de la grammair) para o título da sua obra. E Rosny (1856) utiliza o termo “estudo” (étude), ou mais

especificamente *Introdução ao estudo* (Introduction à l'étude) para o título de sua obra, porém, dentro da obra, Rosny utiliza o termo “gramática” (grammaire) no capítulo dedicado à morfologia e sintaxe da língua japonesa.

Álvares, Rodrigues, Collado, Oyangurén e Landresse apresentam um capítulo em específico em suas obras para falar sobre as partes do discurso, uma rudimenta que fica entre os capítulos iniciais sobre morfologia e antes de entrar nos capítulos de sintaxe. Nesse capítulo, Álvares, Rodrigues, Collado e Oyangurén utilizam o termo “partes da oração” (partium orationis, partes da oração, partes de la oracion) e Landresse já utiliza o termo “partes do discurso” (parties du discours) para referirem o objeto de primeiro interesse desta tese.

Na obra de Rosny não temos um capítulo intermediário, e somente um capítulo é dedicado à morfologia e sintaxe da língua japonesa (Grammair Japonaise). Nesse capítulo Rosny (1856) não apresenta uma terminologia específica se referindo as partes como “partes da gramática” ou “seções”:

Os japoneses dividem sua gramática em três partes principais, que são: o nome, o verbo e as partículas. Antendendo as limitações de espaço que deve ser dedicado à gramática japonesa propriamente dita, acreditamos, pela clareza do trabalho, ter que dividi-lo em nove seções análogas àquelas de nossas gramáticas europeias. (ROSNY, 1856,p. 23-24, tradução nossa<sup>27</sup>)

## **4.2. Escolha da retórica e horizonte de retrospectiva**

A obra de Manuel Álvares foi redigida durante o período do Renascimento. E por isso, poderia seguir uma de duas grandes tendências:

(i) uma aproximação da língua latina que, como rejeição das teorias especulativas medievais, se baseava em preceitos gramaticais condicionados ao

---

<sup>27</sup> “Les Japonais divisent leur grammaire em trois parties principales, comprenant: le nom, le verbe et les particules. Vu le peu de place qui doit être consacré ici à la grammaire japonaise proprement dite, nous avons cru, pour la clarté du travail, devoir la diviser em neuf sections analogues à celes de nos grammaires européennes”

relato de autores latinos e cujo fim é essencialmente didático, isto é, se propõe a um aprendizado da língua latina – eminentemente prático – tomando como padrão os clássicos, é a denominada **gramática de usus**. ii) uma corrente cujo objetivo, ao contrário da anterior, é predominantemente teórico e que trata de oferecer uma explicação convincente aos mecanismos da língua latina pela perspectiva da lógica aristotélica, é a **gramaticadas de rationes**. (ROMEO, 2002, p. CXXII, tradução nossa<sup>28</sup>)

Porém era comum que autores não se limitassem a somente uma dessas tendências e acabassem apresentando reflexões teóricas em suas gramáticas de usus, ou dedicando capítulos inteiros à prática em suas gramáticas de rationes. Segundo Torres (1998, apud ROMEO, 2002), a ora de Álvares está “mais no campo do ‘usus’ do que no da ‘ratio’” (p. CXXV).

Entre o puro descritivismo fraccionador e o explicativismo redutor das diferenças, Manuel Álvares ocupa um lugar que se não é de equilíbrio, por causa da sua louvável tendência humanística para um dos lados, pode dizer-se situado inteligentemente entre a “ratio” e o “usus” (TORRES, 1998, apud, ROMEO, 2002, p. CXXV)

Conforme Romeo (2002) a pedagogia da Companhia de Jesus era fruto da união das ideias promovidas pelo *studio humanitatis* e da ideologia cristã de Ignacio de Loyola, considerada finalista (ou seja, projetada para cumprir um fim, uma meta), e personalista (ou seja, foca nos protagonistas da educação, os estudantes e professores).

Numerosos Humanistas eram crentes e influenciaram a busca de uma educação personalizada, com interesses morais e religiosos, conciliadores das tradições clássicas com a visão cristã do Homem. Os valores inspiradores dos movimentos pedagógicos que se baseavam na dignidade do Homem, configuram o ideal humano do Renascimento (...). Os jesuítas compreenderam-no e a sua pedagogia procurou realizar dentro de um espírito humanista cristão, o compromisso entre o teocentrismo medieval e o cosmocentrismo renascentista, tendo em vista uma educação individualizada com sólidas bases morais e religiosas, na realização plena da característica corrente humanística. (MONTEIRO, 1991, apud, ROMEO, 2002, p. XXX)

---

<sup>28</sup> “(i) uma aproximación a la lengua latina que, como rechazo a las teorías especulativas medievales, se basa en los preceptos gramaticales supeditados al testimonio de los autores latinos y cuyo fin es esencialmente didáctico, esto es, se propugna el aprendizaje de la lengua latina – eminentemente práctico – tomando como patrón a los clásicos: es la denominada **gramática de usus**, ii) una corriente cuyo objetivo, al contrario de la anterior, es predominantemente teórico y que trata de dar una explicación convincente a los mecanismos de la lengua latina desde la perspectiva de la lógica aristotélica: es la **gramática de las rationes**”



Romeo (2002) também aponta que a metodologia ignaciana se baseou na experiência que os fundadores da Companhia de Jesus tiveram na Universidade de Paris, que, ao contrário do método italiano da época, focava em um ensino prático e não puramente teórico.

A obra de Álvares se encontra dentro desse cenário humanista, fruto dos anos de docência nas escolas portuguesas da Companhia de Jesus e foi essencial para a formação de um paradigma de ensino da língua latina proposta pela *Ratio Studiorum*.

O ensino aplicado pelos jesuítas guiava-se pelo *Ratio Studiorum*, o qual tinha como base o Tomismo que agregava elementos da filosofia de Aristóteles e da teologia de São Tomás de Aquino (cf. Schwartzman, 2011) (POLACHINI, 2013 p. 52)

Tashiro (2004) aponta que “Como método, a *Ratio* visava ao aproveitamento das qualidades pessoais dos alunos” (p. 201), e dividia o programa em três períodos: “o curso de letras humanas, o curso de filosofia e ciências (curso de artes) e o curso de teologia e ciências sagradas” (p. 202)

A obra de Álvares é, por um lado, descritivista e, por outro, racionalista. Nesse período, autores como Escalígero, Saturnio e Brocense já teriam abandonado o puro descritivismo (FERNANDES, 2007).

Rodrigues (1604 e 1620), por causa da sua formação jesuítica, seguia a *Ratio Studiorum* e sua visão de gramática seguia o modelo alvaresiano. O intuito de ambas as suas gramáticas era o pedagógico, como ele já apontava em sua introdução.

Collado (1632), por sua vez, foi um forte opositor da missão jesuítica e o seu monopólio no Japão, por isso o seu posicionamento de crítica ao trabalho de Rodrigues (e também ao de Álvares) pode ser observado em seu trabalho, que tenta reconhecer Nebrija como principal fonte de inspiração.

Zwarjes (2009) afirma que Oyangurén foi um dos pioneiros da linguística comparativa, mas que a sua obra não adiciona nenhum conhecimento novo sobre a língua japonesa falada da época. A importância da obra de Oyangurén:

(...) se manifesta mais em termos do pensamento linguístico da época da Ilustração, da sua metalinguagem, da adaptação do modelo nebrijano, das comparações entre uma grande quantidade de línguas como o latim, grego, hebraico, árabe, chinês, tagalo, espanhol, italiano, português, basco, nahuatl, etc. (ZWARTJES, 2009, p. 22, tradução nossa<sup>29</sup>)

Oyangurén apresenta comparações da língua japonesa com outras línguas consideradas “exóticas”, como o tagalo, o chinês, o malaio e o basco. As comparações com o basco podem ser consideradas de extrema importância para a história linguística, já que ambas as línguas são aglutinantes, e em sua descrição, Oyangurén as denomina “línguas subjuntivas”.

A língua japonesa é invariável, e não tem casos, no que imita os dialetos chineses, ou mandarinos, que não tem casos, no entanto ela não imita suas partículas (...) a língua japonesa na maior parte é subjuntiva como a nossa língua basca (OYANGUREN, 1738, p.6, tradução nossa<sup>30</sup>)

Ao contrário dos outros autores citados acima, a motivação de estudos de Landresse e Rosny não é religiosa, e sim científica. Orientalistas e membros da Sociedade Asiática, ambos os autores buscam entender a cultura e sociedade japonesa através do estudo da língua. Por ser uma tradução, a obra de Landresse se aproxima do pensamento da Ratio Studiorum e suas inovações se restringem somente às escolhas tradutológicas. Mas Rosny apresenta uma visão mais próxima de Oyangurén, da linguística comparada, apresentando principalmente exemplos do francês, do inglês e do latim, mas também alguns pequenos comentários do árabe, sânscrit, malaio e buginês.

---

<sup>29</sup> “(...) se manifesta más en términos del pensamiento linguístico de la época de la Ilustración, de su metalinguaje, de la adaptación del modelo nebrijense, de las comparaciones entre una gran cantidad de lenguas como el latín, griego, hebreo, árabe, chino, tagalo, español, italiano, português, vascuence, náhuatl, etc”

<sup>30</sup> “La lengua Japona es invariable, y no tiene casos, em lo qual imita al dialecto Chino, ô Mandarino, que no tiene casos, aunque no le imita em las partículas (...) la lengua Japona em la mayor parte es subjuntiva como lo es nuestra lengua Vascogada”

### 4.3. A terminologia e definição das partes do discurso

#### 4.3.1. *De institutione grammatica libri tres* (1594) de Manuel Alvarez

Na obra de Álvares podemos encontrar nove significantes: *Nomen* (nome), *pronomen* (pronome), *verbum* (verbo), *participium* (particípio), *praepositio* (preposição), *adverbium* (advérbio), *interiectio* (interjeição), *coniunctio* (conjunção) e *particulae* (partículas).

Porém, na Rudimenta do Liber II, Álvares apresenta que a oração pode ser dividida em oito partes e utiliza os seguintes significantes: *Nomen* (nome), *Pronomen* (pronome), *Verbum* (verbo), *Participium* (participio), *Praepositio* (preposição), *Adverbium* (advérbio), *Interiectio* (interjeição) e *Coniunctio* (Conjunção) (Álvares, 1594, 70f<sup>31</sup>). Dessas, somente quatro apresentam declinações: nomes, pronomes, verbos e participios (Álvares, 1594, 70f-70v<sup>32</sup>), em nenhum momento na Rudimenta é oferecido uma definição de *particulae* (partícula), aparecendo somente em alguns comentários e exemplos.

##### 4.3.1.1. Nome

Para Álvares, “o nome é a parte da oração que tem caso e não apresentam tempo” (Álvares, 1594, 71v, tradução nossa)<sup>33</sup> e pode ser subdividido em cinco espécies: *próprio*, *apelativo*, *colectivo*, *substantivo* e *adjetivo*.

O *Nominum* (Nome) é a primeira classe de palavra a ser trabalhada. Ela apresenta formas distintas para o singular e plural e pode ser flexionado em seis casos: *Nominativo*, *genitivo*, *dativo*, *acusativo*, *vocativo* e *ablativo*. A gramática apresenta também cinco paradigmas de

---

<sup>31</sup> Partes orationis sunt octo, nomē, pronomen, verbum, participium, praepositio, adverbium, interiectio, coniunctio.

<sup>32</sup> Harum quatuor, nomen, pronomen, verbum, participum declinantur; reliquae Praepositio, adverbium, Interiectio, coniunctio declinationis sunt expertes.

<sup>33</sup> Nomem est pars Orationis, quae casus habet, neque tempora adsignificat.

declinação: *primeira declinação* (4f), *segunda declinação* (4f), *terceira declinação* (5f), *quarta declinação* (5v) e *quinta declinação* (6f).

Na scholia do fólho 4f são utilizados o significante *substantiuus* para se referir aos nomes que não são adjetivos.

Em seguida são apresentados os *Nominum adiectiuorum* (nome adjetivos) (6v) que também são flexionados nos mesmos seis casos.

#### 4.3.1.2. Pronome

Álvares afirma que “é um pronome aquele que, quando usado no lugar de um substantivo, indica uma pessoa fixa e finita” (Álvares, 1549, 72v, tradução nossa<sup>34</sup>) e podem ser classificados como *demonstrativos*, *possessivos*, *relativos* e *recíprocos*.

Assim como os nomes, os pronomes também podem ser flexionados em seis casos (*nominativo*, *genitivo*, *dativo*, *acusativo*, *vocativo* e *ablativo*) e apresentam formas no singular e plural. No Livro I, Álvares apresenta paradigmas em latim para os *pronominum primitiuorum* (pronomes primitivos) (f. 8v) e *pronominum derivatiuorum* (pronomes derivativos) (f. 10v)

#### 4.3.1.3. Verbo

Álvares aponta que “O verbo é a parte da oração que tem modo e tempo, mas que não declina em caso” (Álvares, 1549, 73f)<sup>35</sup> e pode ser analisado como *peçoal* (que pode ser subdividido como *ativo*, *passivo*, *neutro*, *comum* e *depoente*) e *impessoal* (subdividido como *ativo* e *passivo*). Álvares também acrescenta outras formas em “*de varijs verborum formis*” (73v): *incoativos*, *perfeitos*, *mediativos*, *frequentativos* e *diminutivos*.

---

<sup>34</sup> Pronomen est, quod loco nominis positum, certam, finitamque personam adsignificat

<sup>35</sup> Verbum est pars Orationis, quae modos, & tempora habet, neque in casus declinatur

Conforme os paradigmas apresentados por Álvares no Livro I, o *verbum* (verbo) pode flexionar de acordo com seis pessoas (três no singular e três no plural), seis modos (*indicativo, imperativo, optativo, conjuntivo, potencial, infinitivo*) mais duas formas (*gerúndio e supino*) e cinco tempos (*presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito, pretérito mais que perfeito e futuro*).

Em uma scholia, Álvares apresenta que:

Os japoneses têm três vozes muito distintas em seus nomes, o presente, o pretérito perfeito e o futuro, destes é desenhado da mesma maneira que na voz para todas as pessoas, tanto do singular quanto do plural, inserindo o número e a pessoa. por exemplo, Vare vomô, Nangi uomô, são uomô, varera uomô, nangira uomô, arera uomô (Álvares, 1594, 15f-15v, tradução nossa<sup>36</sup>)

Mostrando que o paradigma do verbo latino não é eficaz em refletir o verbo japonês.

#### 4.3.1.4. Particípio

“O particípio é a parte da oração que tem caso assim como tempo” (Álvares. 1549, 73v)<sup>37</sup> podendo ser tempo *presente, pretérito e futuro*.

#### 4.3.1.5. Preposição

“A preposição é a parte da oração que é prefixada com outras palavras, separadas ou conjuntas” (Álvares, 1549, 74f)<sup>38</sup> e elas podem ser regidas no *acusativo, ablativo* ou ambos.

---

<sup>36</sup> “Nominibus ferè modis habent lapponij três vocês tantùm diftinchas, fea licet prafentis, praeteriti perfecti, et futuri reliqua verò tempora ex his fupplentuna eadem que você omnibus tam fingularis quàm pluralis numeri perfonis inferuiente numerum, et perfonam fortitur: vt Vare vomô, Nangi uomô, are uomô, varera uomô, nangira uomô, arera uomô”

<sup>37</sup> Participium eſt pars Orationis, quae tum caſus, tum tempora habet

<sup>38</sup> Praepoſitio eſt pars Orationis, quae caeteris partibus, aut ſeparata, aut coniuncta ferè praeponitur

#### 4.3.1.6. Advérbio

“O advérbio é a parte da oração que somado às palavras as explica e define seu significado” (Álvares, 1549, 74v)<sup>39</sup> podendo modificar não só a significação dos verbos como a dos participípios. Ao total, Álvares apresenta 25 tipos de advérbios: *Optandi, Vocandi, Interrogandi, Respondendi Affimatè, Confirmandi, Negandi, Dubitandi, Hurtandi, Probidendi, Demonstrandi, Eligendi, Comparandi, Congregandi, Separandi, Intedendi, Remittendi, Temporis, Loci, Numeri, Ordinis, Euventus, Similitudinis, Diversitatis, Qualitatis e Quantitatis*.

#### 4.3.1.7. Interjeição

“A interjeição é a parte da oração que indicam as várias afeições da alma” (Álvares, 1549, 75f)<sup>40</sup> e são destacadas 18 formas: *Laudantis, exultantes, laetantis, dolentes, suspirantis, lugentis, eiulantis, admirantis, admirantis & interdum ironiae, irridentis, exclamantis, silentium indicentis, timentis, depre hendentis aliquid ey improviso, praesagientis, reycientis cum fastidio, stomachatis e execrantis*.

#### 4.3.1.8. Conjugação

“A conjugação é a parte da oração que conecta e organiza as sentenças” (Álvares, 1549, 75v)<sup>41</sup> e podem ser classificados como *copulativas, disjuntivas, adversativas, colectivas, causais e expletivas*.

---

<sup>39</sup> Adverbium est pars Orationis, quae vocibus addita, earum significationem explanat ac definit

<sup>40</sup> Interiectio est pars Orationis, quae varios animi affectus indicat

<sup>41</sup> Coniunctio est pars Orationis, annectens, ordinansque sententiam

#### 4.3.1.9. Partícula

No ADMONITIO (3v) existe uma scholia que comenta o uso de partículas da língua japonesa na formação do plural dos nomes:

As partículas japonesas, que correspondem ao plural latino, são dessa maneira, Tachi, xu, domo, ra. Da mesma forma, pode o atribuir [o plural] pela repetição de nomes, como; fittobito, cuniguni, etc. (Álvares, 1594, 4f, tradução nossa)<sup>42</sup>

Em outra scholia, Álvares (1594) adiciona que:

As partículas, De, e Nite, associadas ao nome substantivo ou adjetivo, têm a força de uma conjunção presente ou imperfeita, como em mutçuno cunino nuxi nite daimiõ nari. Cónaru muxase xinareta &c. Essa voz, Deatte, I, yte é inserida em todos os tempos de conjunção e não é repetida com frequência. Exceto por meio de conjunções, quer unidas a partículas, Cara, yori, nochi, quer não: por exemplo Buxi ni natte afayã qizzucaí itasu: quando eu sou um soldado, etc. Qixoua saburaide gozatte cayõno corouo vòxeraruruca? Quando você é nobre etc. Mayeua fucoximo biõjadeua nõte, niuacani uazzurũte xinareta: já que ele nunca esteve doente antes etc. Buxini natte, buxino yacuni ataru cotouo queico itasõzu. Quando, ou, depois de ter sido soldado, etc. (ÁLVARES, 1594, 15f-15v, tradução nossa<sup>43</sup>)

Mostrando que Álvares somente utiliza para descrever um elemento da língua japonesa, sem criar um equivalente à morfologia latina.

---

<sup>42</sup> Particulae Iaponicae, qua numero plurali latino respõdent, huiusmodi sunt, Tachi, xu, domo, ra. Item eiusdem nominis repetitivo, ut fitobito, cuniguni, &c.

<sup>43</sup> "Particulae, De, et Nite, alicui nomini substantiuo, aut adiectiuo lociatae, praefentis, aut imperfecti cõiunctiuui vim habent, vt mutçuno cunino nuxi nite daimiõ nari. Cónaru muxase xinareta &c. Illa vox, Deatte, I, yte omnibus cõiunctiuun temporibus inferuti et faepe reddi non pteft. nisi per coniunctiuum, siue iũgatur particulis, Cara, yori, nochi, siue non: vt Buxi ni natte afayã qizzucaí itafu: cum miles sim &c. Qixoua faburaide gozatte cayõno corouo vòxeraruruca? Cũm sis nobilis &c. Mayeua fucoximo biõjadeua nõte, niuacani uazzurũte xinareta: cũm antea nunquam aegrotus fuiffet &c. Buxini natte, buxino yacuni ataru cotouo queico itasõzu. Cũm, I, postquã miles fuero &c."

### 4.3.2. *Arte da Lingoa de Iapan* (1604) de João Rodriguez Tçuzu

Na obra de Rodrigues (1604) podemos identificar dez significantes: Nome, Pronome, Verbo, Participio, Posposição, Advérbio, Interjeição, Conjugação, Artigo e Partícula.

Rodrigues (1604) escreveu um longo tratado com diversos paradigmas para os nomes, pronomes e verbos, deixando somente alguns comentários sobre partículas. Mas, ao contrário de Álvares (1594), ele trabalha todos os conceitos na sua rudimenta *Tratado das partes da oração da lingoa Iapoa* (p. 117).

#### 4.3.2.1. Nome

Rodrigues (1604) abre o primeiro livro afirmando que os *nomes* japoneses não se declinam como os latinos, são indeclináveis (p.11). Na rudimenta ele complementa afirmando que os *nomes* podem ser divididos em cinco categorias: *substantivo, próprio, apelativo, coletivo e adjetivo*.

O *nome substantivo* é “aquele que por si pode estar na oração” (RODRIGUES, 1604, p. 125). O *nome próprio* é aquele que “significa coisas próprias, e certas, ou determinadas” (Ibiden, p.125). O *nome apelativo* é aquele que “significa coisas comuns e incertas” (Ibiden, p.125). O *nome coletivo* é aquele que “no número singular significa multidão” (Ibiden, p.125).

O *nome adjetivo* é aquele que “sempre está junto com algum substantivo” (Ibiden, p. 126). Rodrigues afirma que os *nomes adjetivos* podem ser reduzidos em três gêneros:

(...) uns que propriamente são adjetivos terminados em No (...) Outros que não tem partícula alguma (...) Uns e outros não tem declinação por artigos, mas expõe-se imeditamente aos nomes substantivos ficando no mesmo caso (Ibiden, p. 13)



#### 4.3.2.2. Pronome

Os *pronomes* são aqueles “que se põe em lugar do nome, e significa pessoa certa e determinada” (Ibiden, p.141). No livro I, Rodrigues demonstra que os *pronomes primitivos* podem declinar como os *nomes substantivos* através do uso de partículas (Ibiden, p.14) e ele também comenta que a língua japonesa não tem *pronomes derivativos* e os *pronomes relativos*.

#### 4.3.2.3. Verbo

O *verbo* é aquele que “afirma a ação que significa” (Ibiden, 144), podendo ser *afirmativo* ou *negativo*. Os *verbos* ainda podem ser subdivididos em *pessoal* ou *impessoal*.

Os *verbos pessoais* são aqueles que “tem em cada modo, e tempo uma voz indiferente para todas as primeiras, segundas e terceiras pessoas do numero singular e plural” (Ibiden, 144) e eles podem ser *ativo*, *passivo*, *neutro* e *comum*. Já os *verbos impessoais* são aqueles que “carecem de pessoa” (Ibiden, 146)

No primeiro livro, Rodrigues (1604) afirma ainda da existência dos *verbos substantivos* que podem ser “honrados, e outros baixos, e outros que servem para coisas inanimadas”. Também é apontada a existência de *verbos adjetivos* que se diferenciariam dos *nomes adjetivos* por flexionarem em modo e tempo.

#### 4.3.2.4. Participio

O *Participio* é “a voz acabada em E, I (...) que propriamente he voz de pretérito” (Ibiden, p. 153). Rodrigues ainda afirma que na língua japonesa não existe nem presente nem futuro para o Participio, mas que essa função é suprida pelo uso de partículas.

#### 4.3.2.5. Posposição

As *posposições* são aquelas que “se pospõe aos nomes e em seu significado respondem as nossas preposições” (Ibidem, p. 153)

#### 4.3.2.6. Advérbio

Os *advérbios* são aqueles que “explicam o modo das coisas” (Ibidem, p. 154). Rodrigues lista trinta significações para o advérbio: *optandi, vocandi, interrogandi, respondendi, confirmandi, negandi, dubitandi, hortandi, prohibendi, demonstrandi, eligendi, comparandi, congregandi, separandi, intendendi, remittendi, temporis, loci, numeri, ordinis, eventis, similitudinis, diversitatis, qualitatis, quantitatis, ivrandi, estimandi, excludendi, explendi, reinon plane per acre.*

#### 4.3.2.7. Interjeição

A *interjeição* é a parte da oração que “mostra vários efeitos interiores, como alegria, tristeza, dor, temor, ira, admração e outros semelhantes” (Ibidem, p. 159).

#### 4.3.2.8. Conjunção

A *conjunção* pode ser *copulativa, adversativa, causales, coleiva, inceptivae orationis, expletiva, condicionales* ou *subjuntiva*.

#### 4.3.2.9. Artigo

O *artigo* compreende “certas partículas que respondem aos casos latinos juntos aos nomes” (Ibidem, p.163)

#### **4.3.2.10. Partícula.**

As *partículas* as vezes são chamadas de *artigos* e são colocadas na frente de *nomes* e *pronomes* para indicar os casos e o plural. E também podem ser adicionadas a raízes de verbos para adicionar ideias de modo ou tempo.

#### **4.3.3. Arte Breve da Lingoa Iapoa (1620) de João Rodriguez Tçuzu**

Rodrigues (1620) inicia a sua *Rudimenta* comentando que a língua japonesa divide a oração em três parte: *Na*, *Cotoba* e *Te Ni Fa* (ou *Te Ni Vo Fa*). A primeira corresponderia aos *nomes substantivos*, *conjunções*, *interjeições*, *preposições* e *posposições*. A segunda corresponderia ao *verbo*. E a terceira corresponderia ao *artigo* e a *partícula*.

A gramática se utiliza de dez significantes para definir as partes da oração: *nome*, *pronome*, *verbo*, *particípio*, *posposição*, *adverbio*, *interjeição*, *conjunção*, *partícula* e *artigo*.

##### **4.3.3.1. Nome**

O nome pode ser *substantivo* ou *adjetivo*. Os *nomes substantivos* podem ser subdivididos com os do latim, na obra são trabalhados os *nomes interrogativos*, *relativos* *comparativos* e *supelativos*. Já os *nomes adjetivos* podem ser divididos em dois gêneros de acordo com a terminação: Os terminados em *No* e os terminados em *ai*, *ei*, *ij*, *oi*, *ui*.

##### **4.3.3.2. Pronome**

Rodrigues (1620) afirma que a língua japonesa só tem *pronomes primitivos*. Mas apresenta de quais maneiras é possível falar em língua japonesa os *pronomes derivativos*, *demonstrativos* e *recíprocos*.

#### 4.3.3.3. Verbo

Os *verbos* se dividem em *afirmativos* (aqueles que afirmam a ação) e *negativos* (que incluem negação da ação) (RODRIGUES, 1620, p. 184). Tanto os *verbos afirmativos* e *verbos negativos* podem ser classificados como *peçoal* ou *impessoal*.

(...) *peçoal*, he aquelle, que em cada tempo de todos os modos tem um só voz, que serve às primeiras, segundas, & terceiras pessoas de ambos os números. Verbo *impessoal*, he aquelle, q nam significa pessoa determinada, & tem sinificaçam passiva, & se forma dos verbos activos, & neutros, & comuns, com as partículas, *Rare*, pera os da primeira, & *Re*, pera os da segunda & terceira. (RODRIGUES, 1620, p.185)

O verbo *peçoal* ainda pode ser dividido como *ativo*, *passivo*, *neutro* e *comum*.

Na Rudimenta, Rodrigues ainda reconhece o *verbo adjetivo*, que são formados de alguns *verbos* e *nomes adjetivos*.

#### 4.3.3.4. Participio

O *Participio* é a voz do pretérito terminada em *te* ou *de*. Já o *participio* no presente e futuro é construído sem partículas.

#### 4.3.3.5. Posposição

A *posposição* é a parte da oração que “(...)pospõem aos nomes, & em seu significado respondem ás nossas preposiçoens” (Ibidem, p.188).

#### 4.3.3.6. Advérbio

Os *advérbios* “(...) não somente explicam o modo das cousas, mas também ate o som, ou estrondos, ou meneo, ou postura da cousa” (Ibidem, p.189)

#### **4.3.3.7. Interjeção**

As *Interjeições* são aquelas que “mostrão varios afeitos interiores do animo, como sam alegria, tristeza, dor, temor, ira, admiração, & outros semelhantes” (Ibidem, p. 189)

#### **4.3.3.8. Conjução**

As principais *conjunções* são: *copulativas, disjuntivas, adversativas, coleticas, causais e inceptivas da oração ou do período.*

#### **4.3.3.9. Partícula**

As *partículas* podem ser *articulares, de honra, composição de verbo e dos nomes.*

#### **4.3.3.10. Artigo**

O *artigo* são as *partículas* que “respondem aos casos latinos juntas aos nomes” (Ibidem, p. 192)

#### **4.3.4. Ars gramaticae iaponicae linguae (1632) de Diego Collado**

Na obra de Collado (1632) podemos encontrar oito significantes para as partes do discurso: *Nomine* (Nome), *Pronomine* (Pronome), *Verborum* (Verbo), *Adverbiis* (Advérbio), *Prepositionibus* (Presposição), *Conjunctionibus* (Conjunção), *Interjectione* (Interjeição) e *Particulae* (Partícula). Desses, somente *Particulae* não tem um capítulo dedicado exclusivamente a ela, sendo citada principalmente no capítulo dedicado aos nomes.

#### 4.3.4.1. Nome

Os *nomes* não declinam em caso como no latim, mas usam partículas de caso que se pospõem ao nome. Collado (1632) também acrescenta que a língua japonesa não apresenta gênero (nem o masculino, o feminino e o neutro). Além do *nome tradicional* também podemos ter na língua o *nome adjetivo* que são os terminados em *ai*, *oi*, *ei*, *ui* e *ij*.

#### 4.3.4.2. Pronome

Collado (1632) afirma que na língua japonesa teremos somente *pronomes primitivos*, que, assim como os *nomes*, não declinam em caso e se diferenciam pelo uso de partículas. Porém é reconhecida a existência do *pronome relativo*, que “é colocado após a palavra da qual a relação é feita” (p. 17, tradução nossa<sup>44</sup>)

#### 4.3.4.3 Verbo

O *verbo* da língua japonesa não flexiona em número nem em pessoa. Mas podem apresentar diferenças a partir do uso de *partículas* para demonstrar *participios*, *declinações*, *afirmação* e *negação*. Também é possível identificar a presença de *verbos substantivos* (somente na negativa) e de *verbos potenciais*.

#### 4.3.4.4. Advérbio

Para a formação dos *advérbios* são utilizados *adjetivos*, convertendo o *ai*, para *ó*, os terminados em *oi* para *ô*, os terminados em *ei* para *eô*, os terminados em *ui* para *ú* e *ij* para *iú*. Os *advérbios* podem ser de: *local*, *interrogação e resposta*, *tempo*, *negação*, *afirmação*, *comparativa*, *superlativa*, *intenção e exagero*, *congregação e conclusão* e *advertência*,

---

<sup>44</sup> “Pronomen relatiuum fit postponēdo verbo nomen de quo fit relatio”

#### 4.3.4.5. Presposição

Collado (1632) não explica o que seria uma preposição, somente lista diversos exemplos de preposições e seu significado.

#### 4.3.4.6. Conjunção

Assim como na preposição, não é feita nenhuma exposição do que seria uma conjunção. É apresentada somente uma lista de conjunções e o seu uso.

#### 4.3.4.7. Interjeição

Assim como na preposição e na conjunção somente aparece uma lista de interjeições e seu uso.

#### 4.3.4.8. Partícula

*Particulas*, seriam as partes que complementam *nomes* e *verbos*, lhes adicionando sentido.

#### 4.3.5. Arte de la lengua Japona (1738) de Melchior Oyanguren

Na obra de Oyangurén (1738) podemos encontrar 9 significantes para as partes do discurso: *particulas*, *pronombres* (pronome), *nombres* (nomes), *verbos*, *adverbio*, *preposicion* (preposição), *posposicion* (posposição), *interjecciones* (interjeições) e *conjunciones* (conjunções). Porém, Oyangurén não distingue *preposições* e *posposições* como categorias distintas já que em seu capítulo afirma que ira trabalhar as *preposições OU posposições*, como se estas fossem sinônimos.

O texto no geral não apresenta definições para cada parte da oração, e o sentido é construído através de comparações e traduções de exemplos comparando a língua japonesa

principalmente com o mandarim e o latim. Por isso não iremos realizar a apresentação de cada uma das partes da oração segundo Oyangurén.

#### **4.3.6. Éléments de la grammair japonais par le P. Rodriguez (1824) de C. Landresse**

Landresse (1824) segue o modelo proposto por Rodrigues (1604, 1620) e apresenta dez significantes para as partes do discurso: *Nom* (Nome), *pronom* (pronome), *verbe* (verbo), *posposition* (posposição), *adverbe* (adverbio), *interjection* (interjeição), *conjunction* (conjunção), *particule* (partícula) e *article* (artigo).

Por ser uma tradução direta da obra de Rodrigues, essa obra não apresenta nenhuma inovação teórica sobre os conceitos. Sendo idênticos aos propostos pela obra de 1620.

#### **4.3.7. Introduction à l'étude de la langue japonaise (1856) de Leon Rosny.**

Rosny (1856) apresenta dez significantes para as partes do discurso: *Nom* (nome), *Adjetif* (Adjetivo), *Numération* (Numero), *Pronom* (Pronome), *Verbe* (verbo), *Adverbe* (Adverbio), *Postposition* (Posposição), *Conjonctions* (Conjunções), *Interjection* (Interjeições) e *Particule* (Partícula). Dessas, somente a *partícula* não tem um capítulo somente para ela e só aparece ao longo do texto, sem definição.

##### **4.3.7.1. Nome**

Rosny (1856) também usa o significante *substantif* (Substantivo) como sinônimo de *nomes*. O autor afirma que eles podem ser divididos em duas classes principais: os *nomes comuns* e os *nomes próprios*.



#### **4.3.7.2. Adjetivo**

Os *adjetivos* não mudam de gênero, número ou caso. E eles podem adicionar um valor verbal para aqueles terminados em *i* ou *ki*.

#### **4.3.7.3. Número**

Os *números* podem ser de origem “indígena” ou de origem chinesa.

#### **4.3.7.4. Pronome**

Os *pronomes* podem ser divididos em seis grupos: *pronomes pessoais*, *pronomes possessivos*, *pronomes demonstrativos*, *pronomes reflexivos*, *pronomes indefinidos* e *pronomes interrogativos*.

#### **4.3.7.5. Verbo**

Os *verbos* não mudam de acordo com gênero, número ou pessoa, e podem ser: *auxiliar*, *negativos*, *anômalos*, *passivos*, *pronominais*, *impessoais* e *irregulares*.

#### **4.3.7.6. Advérbio**

Os *advérbios* podem ser divididos em duas classes: os *advérbios propriamente ditos*, e os advérbios compostos, ou *locuções adverbiais*. Os *advérbios* podem ainda ser divididos pela sua função: *tempo*, *lugar*, *quantidade*, *comparação*, *ordem e coleção*, *modo*, *afirmação e negação* e *interrogação*.

#### **4.3.7.7. Posposição**

As *posposições* são as partículas que tomam lugar das preposições do francês.

#### **4.3.7.8. Conjunção**

As *conjunções* podem ser *simples* ou *compostas* (*locução conjuntiva*). E de acordo com o seu sentido elas podem ser: *coletivas*, *condicionais* e *adversativas* ou *conclusivas*.

#### **4.3.7.9. Interjeição**

Rosny (1856) não apresenta uma definição de *interjeição* e só apresenta quatro exemplos de *interjeições*.

## Capítulo 5 – Estudo da dimensão técnica

Para o estudo da dimensão técnica iremos primeiro observar como cada uma das gramáticas foi organizada internamente. Para isso realizaremos uma observação do sumário e das partes analisadas, organizando a sinopse de acordo com a proposta de CAVALIÈRE (2018). Em seguida também iremos realizar uma reflexão sobre qual idioma foi adotado como modo de exposição de tais gramáticas.

### 5.1. Organização estrutural

#### 5.1.1. De Institutione Gramaticae (1594)

A obra de Álvares apresenta, inicialmente, alguns elementos pré-textuais. Além da capa, temos o Praefatio (Prefácio), Auctoris carmen ad librum (um poema do autor para o livro), Idem ad Christianum praeceptorem (uma carta para o professor cristão) e Auctor Lectori (uma carta para o leitor). A gramática de 1594 ainda inclui um “Lembrete” (ADMONITIO) onde apresenta algumas particularidades da língua japonesa e um modelo de conjugação dos nomes no singular e no plural em seis casos (nominativo, genitivo, acusativo, vocativo e ablativo). E no final apresenta um comentário sobre as partículas da língua japonesa.

Ao total, a gramática de Álvares tem 170 fólios divididos em três partes: etimologia (2f-92v), sintaxe (93f – 157f) e prosódia (137v - 170v). O sumário completo pode ser observado no quadro 9. Essa organização em três partes que Álvares adota, coincide com a proposta de padre Joan Perinpiyà<sup>45</sup> (1530 – 1566). Em sua obra “De ratione liberorum instituendorum litteris graecis et latinis” (1565), Perpinyà estrutura a gramática em três partes:

---

<sup>45</sup> Romeo (2002) adota a grafia francesa de Perpinyà, porém é possível também encontrar a grafia Perpiña (em espanhol).

- A) Uma primeira fase, **elemental**, que se inicia com os paradigmas sem preceitos dos nomes e verbos mais utilizados, e deve-se adicionar os verbos irregulares mais utilizados (...) Nesta etapa, se incluí um espaço de transição onde se explicam de modo gradual e em etapas as primeiras noções gramaticais e que correspondem, em traços largos, à **morfologia** (...)
- B) A segunda parte está dedicada à **sintaxe** (...)
- C) A terceira parte se dedica à **métrica** (ROMEO, 2002, p. XXXII – XXXIII, tradução nossa<sup>46</sup>)

### Quadro 9 - Sumário da obra de Álvares (1594)

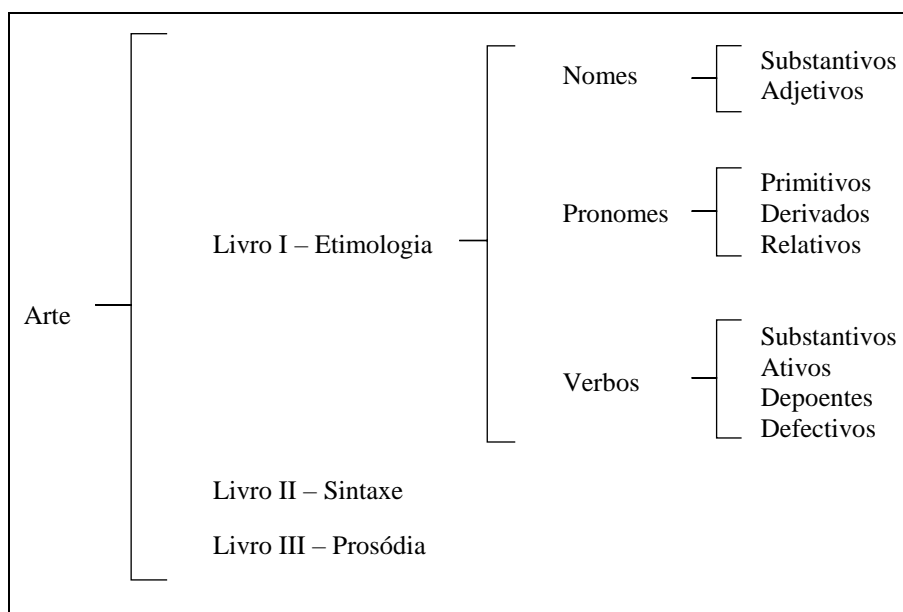
Capa (1)
Liber I (2f - 92v)
- PRAEFATIO (2f- 2v)
- Auctoris carmen ad Librum / Idem ad Christianum praeceptorem (3f)
- Auctor Lectori (3f)
- ADMONITIO (3v)
- DE NOMINVM DECLINATIONE (4f – 8v)
- DE PRONOMINVM DECLINATIONE (8v – 12f)
- DE VERBORUM CONIVGATIONE (12v – 62v)
- De verbis anomalis (62v 67v)
- De verborum impersonalium declinatione (68v – 69v)
- RVDIMENTA siue de octo partibus Orationis / DE GENERIBVS nominum, quae ex significatione cognoscuntur (70f – 78v)
- De nominum Declinatione (82f – 89f)
- DE VERBOVM praeritis et supinis (89f – 92v)
Liber II - DE OCTO PARTIVM ORATIONIS constructione (93f – 157 f)
- De constructione intransitive (93f – 96v)
- De constructione transitiva nominis (96v – 101v)
- DE CONSTRVCTIONE transitiva uerbi (102f – 105v)
- DE CONSTRUCTIONE uerbi actiui (106f – 115v)
- CONSTRUCTIO VERBI INFINITI (116f – 120 v)
- CONSTRVCTIO TRANSITIVA pronominis (120v – 122v)
- PRAEPOSITIONVM Constructio (122v – 125f)
- CONSTRVCTIO ADVERBII (122v 125f)
- Interiectionis constructio (125v – 129v)
- CONIVNCTIONIS constructio (130f – 132f)
- DE FIGVRATA constructione (132v – 137f)
Liber III - DE GRAMMATICA INSTITUTIONE - De syllabarum dimensione (137v – 170v)
- DE INCREMENTO singlaris nominis (145f 0 148f)
- DE VERBORVM incremento (150f – 162v)
- DE CAESURA (162v – 164f)
- DE VERBIS POETICIS (164f)
- DE VLTIMIS SYLLABIS (150f – 162v)
- DE PATRONYMICIS nominibus (164f – 168f)
- [DE FIGURIS POET] (168f – 169v)
- DE PROSODIA (169v – 170f)
- DE GRAECIS uerbis (170f-170v)
- DE HABRAEIS VOCIBUS (170v)

Fonte: ÁLVARES (1594)

<sup>46</sup> “A) Uma primeira fase, **elemental**, que se inicia com los paradigmas sin preceptos de los nombres y verbos más utilizados, a los que dee añadirse alguno de los verbos irregulares más utilizados (...) En esta etapa, se incluye um período de ttransición hacia la siguiente em que se explican de modo gradual y paulatino las primeras nociones gramaticales y que corresponde, a grandes rasgos, a la **morfologia** (...) B) La segunda parte está dedicada a la xintaxis (...) C) La terceira parte se dedica a la **métrica** (...)”

E, como critério didático a disciplina é apresentada em três fases: a inicial, onde paradigmas são apresentados; a fase de consolidação, onde são apresentadas as definições das partes da oração e seus acidentes; e finalmente a fase de produção (ROMEO, 2002). Podemos então estruturar a obra de Álvares (1594) da seguinte forma:

**Quadro 10 - Estrutura da obra de Álvares (1594)**



Fonte: ÁLVARES, 1594.

Iremos agora apresentar de maneira mais detalhada o primeiro livro já que nele encontramos as noções morfológicas de nosso estudo.

O primeiro livro começa com a apresentação das declinações dos nomes. Essa apresentação é feita através de paradigmas latinos em cinco modelos: *Prima nominum*, *secunda declinatio*, *tertia declinatio*, *quarta declinatio* e *quinta declinatio*.

Todos os paradigmas seguem a mesma estrutura: Apresentação da declinação dos nomes em seis casos no singular e em seguida no plural.

Em seguida são trabalhados os *nomes adjetivos (nominum adjectiorum)*. Seguindo o mesmo modelo de apresentação anterior.

Depois são apresentados os *pronomes primitivos* (*pronominum primitiuorum*), em seguida os *pronomes derivados* (*pronominum derivatorum*) e no final fala sobre os *Provocábulos* (*provocabulum*) ou *Pronomes relativos* (*pronomen relatiuum*).

A partir do fólho 12v inicia-se a apresentação dos *verbos*, começando pelo *verbo substantivo* como demonstrado no quadro 11:

**Quadro 11 - Modo e tempo de flexão do verbo substantivo segundo Álvares (1594)**

Modo	Tempo
Modo indicativo ( <i>Modi indicatiui</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Pretérito imperfeito ( <i>Praeteritum imperfectum</i> ) Pretérito perfeito ( <i>Praeteriuum perfectum</i> ) Pretérito mais que perfeito ( <i>Praeteritum plsquam perfectum</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )
Imperativo ( <i>Imperatiui</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )
Opitativo ( <i>Optatiui</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Pretérito imperfeito ( <i>Praeteritum imperfectum</i> ) Pretérito perfeito ( <i>Praeteriuum perfectum</i> ) Pretérito mais que perfeito ( <i>Praeteritum plsquam perfectum</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )
Conjuntivo ( <i>Coniunctiui</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Pretérito imperfeito ( <i>Praeteritum imperfectum</i> ) Pretérito perfeito ( <i>Praeteriuum perfectum</i> ) Pretérito mais que perfeito ( <i>Praeteritum plsquam perfectum</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )
Potencial ( <i>potentialis</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> )
Permissivo ( <i>permissiui</i> ) ou Concessivo ( <i>consessiui</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> )
Ifinitivo ( <i>infiniti</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Pretérito imperfeito ( <i>Praeteritum imperfectum</i> ) Pretérito perfeito ( <i>Praeteriuum perfectum</i> ) Pretérito mais que perfeito ( <i>Praeteritum plsquam perfectum</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )

FONTE: ÁLVARES (1594)

A partir do fólho 17v, o autor começa a apresentar os paradigmas dos *verbos ativos*, começando pela primeira conjugação (Quadro 12). A partir do fólho 25v, se inicia a apresentação do *verbo passivo* (*verbum passivum*) da primeira conjugação, seguindo a mesma ordem de apresentação que o *verbo ativo* (como observado no quadro 11), com excessão do *gerúndio* e *supino* (que não existem no *verbo passivo*). Em seguida são apresentadas a *segunda conjugação* (*secunda coniugatio*) a partir do fólho 30v; a *terceira conjugação* (*tertia coniugatio*) a partir do fólho 38f; a *quarta conjugação* (*quarta coniugatio*) a partir do fólho 44v.

## Quadro 12 - Modos e tempos da primeira conjugação do verbo ativo de Álvares (1594)

Primeira conjugação ( <i>Prima coniugatio</i> )	
Modo	Tempo
Modo indicativo ( <i>Modi indicatiui</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Pretérito imperfeito ( <i>Praeteritum imperfectum</i> ) Pretérito perfeito ( <i>Praeterium perfectum</i> ) Pretérito mais que perfeito ( <i>Praeteritum plsqum perfectum</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )
Imperativo ( <i>Imperatiui</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )
Optativo ( <i>Optatiui</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Pretérito imperfeito ( <i>Praeteritum imperfectum</i> ) Pretérito perfeito ( <i>Praeterium perfectum</i> ) Pretérito mais que perfeito ( <i>Praeteritum plsqum perfectum</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )
Conjuntivo ( <i>Coniunctiui</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Pretérito imperfeito ( <i>Praeteritum imperfectum</i> ) Pretérito perfeito ( <i>Praeterium perfectum</i> ) Pretérito mais que perfeito ( <i>Praeteritum plsqum perfectum</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )
Potencial ( <i>potentialis</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> )
Permissivo ( <i>permissiui</i> ) ou Concessivo ( <i>consessiui</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Pretérito imperfeito ( <i>Praeteritum imperfectum</i> ) Pretérito perfeito ( <i>Praeterium perfectum</i> ) Pretérito mais que perfeito ( <i>Praeteritum plsqum perfectum</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )
Infinitivo ( <i>infiniti</i> )	Presente ( <i>Praesens</i> ) Pretérito imperfeito ( <i>Praeteritum imperfectum</i> ) Pretérito perfeito ( <i>Praeterium perfectum</i> ) Pretérito mais que perfeito ( <i>Praeteritum plsqum perfectum</i> ) Futuro ( <i>futurum</i> )
Gerúndio ( <i>gerundia</i> )	
Supino ( <i>Supina</i> )	

FONTE: Álvares (1594)

A partir do fólho 52v se inicia a apresentação dos *verbos depoentes* (*verbi deponentis*), e, por causa da sua natureza, não apresentam uma seção de *verbos passivos*. E a partir do fólho 55f se inicia a apresentação dos *verbos comuns* (*verbi communis*) e em seguida alguns *verbos defectivos* a partir do fólho 59f e de *verbos anômalos* (*verbis anomalis*) a partir do fólho 62v.

### 5.1.2. Arte da Lingoa de Japam (1604)

Nas *Advertencias*, Rodrigues explica a divisão da Arte da lingoa de Iapam:

Dividi esta Arte em três livros, o primeyro dos quaes comprehende os nominatiuos, & conjugações a[ss]i as q[ue] seruem pera o comum falar, como as que se usam na escriptura, & cartas com algũas notações proueytofas, & a Rudimenta com a ortografia Iapoa em no[ss]a letra. No segundo liuro se trata da

ſyntaxis intransitiua, &transitiua, da construção figurada, & dos barbariſmos onde ſe põem algũs modos de falar particulares de certos reynos, & lugares, & ſe tratados acentos, & modo de pronunciar deſta lingua com hũa breue noticia de varias fortes de verbos que tem. No terceyro, & ultimo ſe trata de diuerſos estilos da eſcritura, do modo de eſcreuer cartas, & de vários modos de contar que tem eſta lingua, em q̃ ſe encerra boa parte della com outras curioſidades proueytoſas (p.10)

A Arte tem um total de 497 páginas e a divisão pode ser observada no sumário completo da obra (Quadro 13).

### Quadro 13 - Sumário da obra de Rodrigues (1604)

- Capa (1)
- Licença (3)
- Aprovaçam (4)
- Proemio (5-6)
- ALGŨAS ADVERTENCIAS pera mayor intelligência do que neſta Arte ſe trata (7-10)
Livro primeiro da ARTE DA LINGOA IAPOA (7-10)
- Declinação pera todo os nomes ſubſtantiuos, & pronomes primitivos (11-15)
- Notas çam acerca da declinação dos nomes (11-13)
- DA DECLINAÇAM do nome adiectivo (13-14)
- Dos pronomes e provocabulo relativo, e interrogativo (14)
- Conivgaçam dos verbos ſubſtantivos para a pratica comum (14-116)
- RVDIMENTA TRATADO das partes da oração da Lingoa Iapoa (117-168)
Livro ſegundo no qual ſe trata da Syntaxis das partes da oraçam Iapoa (169-367)
Livro terceiro no qual ſe trata do eſtilo de falar da eſcritura de Iapam & de vários modos de contar deſta Lingoa (368 – 479)

Fonte: RODRIGUES, 1604

Depois dos elementos pré-textuais, a *Arte da Lingoa de Iapam* de Rodrigues dedica um grande espaço para a morfologia da língua japonesa. Iniciando com os *nomes substantivos* e *pronomes primitivos* na p. 11, os *nomes adjetivos* na p. 13 e os *pronomes e provocabulo relativo e interrogativo* na p. 14. A apresentação dessa seção se inicia com a apresentação de um paradigma de conjugação latina em seis casos (*nominativo, genitivo, dativo, ablativo, acusativo e vocativo*). Porém, depois de reconhecer que a língua japonesa não flexiona em caso, Rodrigues abandona essa metodologia e somente cita os exemplos depois de explicar como cada caso latino pode ser realizado na língua japonesa.

A partir da página 16, Rodrigues inicia a apresentação dos verbos, iniciando pelo *verbo substantivo* como no quadro 14.



**Quadro 14 – Modo e Tempo do verbo substantivo segundo Rodrigues (1604)**

Modo	Tempo
Modo indicativo	Presente Pretérito imperfeito Pretérito perfeito Pretérito mais que perfeito Futuro Futuro perfeito ou certo
Imperativo	Presente
Mandativo	Futuro
Optativo	Presente e imperfeito Preterito perfeito Preterito mais que perfeito Futuro
Potencial	Presente Pretérito imperfeito Pretérito perfeito Pretérito mais que perfeito Futuro
Permissivo	Presente Pretérito imperfeito Pretérito perfeito Pretérito mais que perfeito Futuro
Infinito	Presente Pretérito imperfeito Pretérito perfeito Pretérito mais que perfeito Futuro
Particípio	Futuro

Fonte: RODRIGUES, 1604

A apresentação do verbo é feita, primeiro através da apresentação de flexão segundo o modelo latino, flexionando em três pessoas do singular e três pessoas do plural, mas depois de reconhecer que os verbos japoneses não se diferenciam em pessoa, Rodrigues apresenta somente uma forma para cada verbo. A seguir, Rodrigues faz a apresentação do *verbo substantivo* na *negativa* conforme o quadro 15.

A partir da página 23 Rodrigues começa a apresentar a conjugação dos verbos ativos seguindo o mesmo modo de apresentação que os verbos substantivos afirmativos começando pela *primeira conjugação*, *segunda conjugação* e *terceira conjugação*. A partir da página 76 é

iniciada a apresentação dos *verbos adjetivos* começando pelos *verbos acabados Ai, ei, ij, oi, ui* e depois os *verbos adjetivos acabados em Na, Naru*.

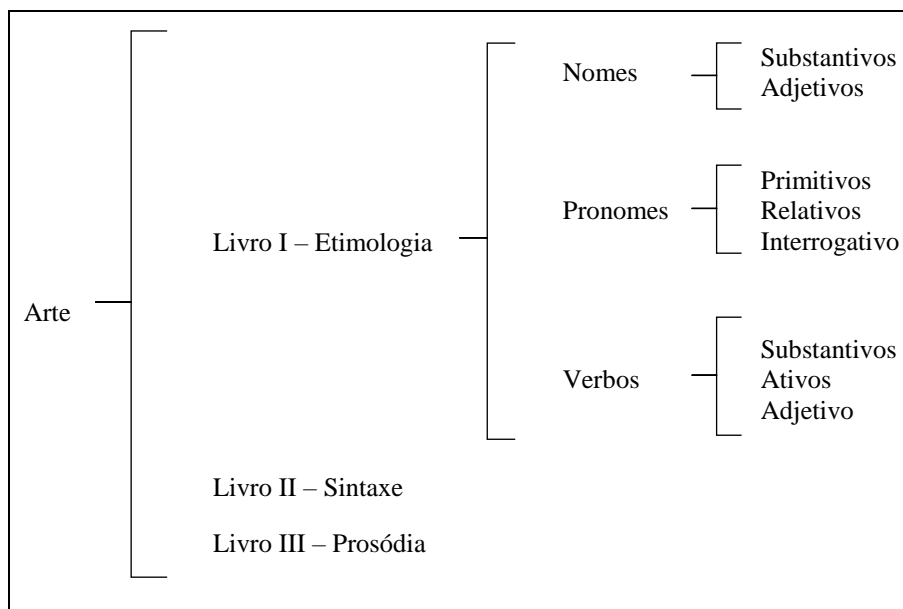
**Quadro 15 - Modo e tempo do verbo substantivo negativo nai segundo Rodrigues (1604)**

Modo	Tempo
Modo indicativo	Presente Pretérito Futuro
Imperativo	Presente
Optativo	Presente Pretérito
Conjuntivo	Presente Pretérito Futuro
Conjuntivo condicional	Pretérito
Infinito	Pretérito
Gerundio	Futuro

Fonte: RODRIGUES, 1604

E com base nessas observações podemos então formular a seguinte estrutura para a obra de Rodrigues (1604):

**Quadro 16 - Estrutura da Obra de Rodrigues (1604)**



Fonte: RODRIGUES, 1604

**5.1.3. Arte Breve (1620)**

Essa obra também é dividida em três partes, e na seção *Ao leitor*, Rodrigues (1620) explica a divisão da sua segunda gramática:

(...)O primeiro, Contem algumas advertências geraes acerva da noticia desta lingoa, & o modo que se terá em a aprender, com a geral, com os nominativos & conjugação da pratica. O segundo, A rudimenta, & terceiro, algumas cousas particulares do estilo da escritura com outras, que muito ajudaram pera intelligência dos liuros (...) (p.20)

Essa obra é bem menor do que o trabalho de 1604, contendo apenas 69 fólhos (138 páginas), que distribuem o conteúdo de acordo com o sumário do Quadro 17.

### Quadro 17 - Sumário de Rodrigues (1620)

Capa (17)
Licença (18)
Aprovaçam (19)
Ao Leitor (20)
Tavoada do que se contem nestes Tres Liuros da Arte Breve da Lingoa Iapoa (22-26)
Livro Primeiro (27 – 167)
- Noticia geral da lingoa Iapoa (29 -31)
- Do modo que parece mais acomodado pera aprender & ensinar esta lingoa (32 -39)
- Do ortografia com que em nossa letra se escreue a lingoa Iapoa (40 – 44)
- Syllabas primitiuas do Sumi, compostas de duas syllabas símplexes (45-46)
- Letras do nossoo Alfabeto que seruem pera escrever a lingoa Iapoa (48)
- Syllabas, com que em nossa letra se escreue toda palavra Iapoa sem ser necessária outra algũa (49)
- Do modo de escrever em nossa letra, & pronunciar algũas syllabas desta lingoa (49)
- Do modo de pronunciar as syllabas desta lingoa em geral (54-57)
- Da declinação dos nomes substantivos, & pronomes primitivos (58-60)
- Dos nomes adiectiuos (61-62)
- Dos adiectiuos do primeiro gênero, que propriamente nesta lingo asam adiectiuos (63-66)
- Dos pronomes primitivos, deriuatiuos, & possessiuos (67-69)
- De outros pronomes demonstrativos (70)
- Do prouocabulo, qui, quae, quod (71)
- Das conjugaçãoens, & formaçoens dos tempos, & modos dos verbos (72-74)
- Formação dos tẽpos do indicativo, imperativo, dos verbos da primeira cõjugaçãõ affirmatiua (75 – 87)
- Formaçam dos verbos da segunda conjugação (88 – 91)
- Formaçam da terceira conjugação, & raizes donde se formam os tempos (92 – 93)
- Primeira conjugação affirmatiua, cujas raizesse terminam em, E (94)
- Notaçam necessária acerca das raizes dos verbos (95 – 106)
- Dos gerúndios (107 -108)
- Notaçam acerca dos Gerundios, Supinos, & Participios (109 – 110)
- Das conjugaçãoens do verbo negativo, & suas formaçoens (111 – 159)
- Conjugação dos verbos anômalos, que chamamos verbos substantivos adjectivos (150 -153)
- Conjugação dos verbos adjectiuos terminados nas raizes, õ, eõ, iũ õ, û. E no presente em ai, ei, yi, oi, ui (154 – 159)
- Conjugação negativa dos verbos adiectiuos (160 - 163)
- Conjugação do verbo substantivo negativo. Cuia, raiz he, Nõ, & no presente (164 – 167)
Livro Segundo (173 – 209)
- Rudimenta das partes da oraçam Iapoa (175 – 192)
- De duas sortes de vozes chamadas, Coye & Yomi, que tem todas as palavras desta lingoa (175)
- SINTAXI BREVE COM Alguns preceitos geraes pera começar a compor (192)
- Ordem de collocaçam das partes da oraçam (193 - 209)
Livro Terceiro (215 – 300)

Fonte: RODRIGUES, 1620.

Depois dos elementos pré-textuais, Rodrigues (1620) faz uma apresentação de como deve ser o aprendizado da língua japonesa e em seguida uma discussão sobre a ortografia e modo de pronunciar.

Na página 58, Rodrigues inicia os estudos gramaticais com uma apresentação das partículas da língua japonesa usadas na marcação de casos para depois apresentar um paradigma de declinação do *nome substantivo* japonês conforme o paradigma latino em seis casos (*nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo*), no singular e no plural.

Em seguida ele fala sobre os *nomes adjetivos*, primeiros aqueles que ele considera como *adjetivos do primeiro gênero*, que seriam *adjetivos propriamente dito*, depois os do *segundo gênero*, que são terminados em *no*, e depois os do *terceiro gênero*, que não *aditem partículas*.

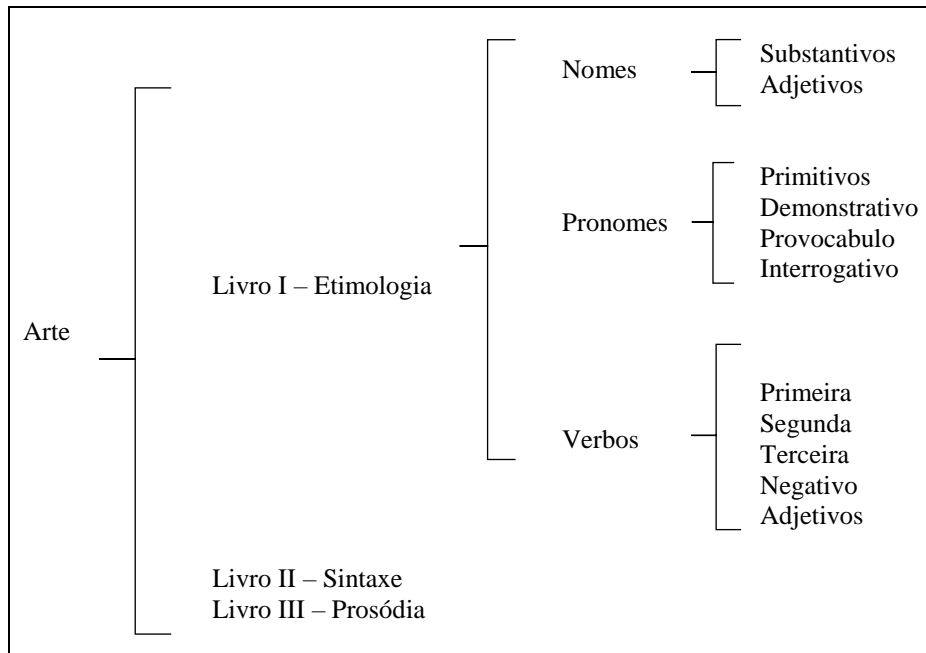
A partir da página é apresentado o *pronome primitivo* através de paradigmas para cada pessoa. Depois são apresentados os *pronomes demonstrativos, provocabulos (qui, quae, quod)* e os *nomes interrogativos*.

Rodrigues (1620) inicia a sua segunda gramática explicando os tempos e modos verbais para depois apresentar, através de uma tabela, a conjugação do *verbo da primeira conjugação* no modo *indicativo (presente, pretérito, futuro, imperativo e negativo)*. Em seguida ele comenta sobre o modo *optativo, conjuntivo condicional* e o *particípio* com a apresentação de alguns exemplos, porém sem formação de quadros ou paradigmas como feito para o *indicativo da primeira conjugação*. Na página 88 ele apresenta os *verbos da segunda conjugação*, e na página 92 os verbos da *terceira conjugação*. Na página 107, ele fala sobre os *gerúndios*, e em seguida sobre os *supinos e participios*. E no final do debate sobre *verbos*, Rodrigues explica a flexão do *verbo negativo*.

Depois da apresentação de diversos paradigmas de flexão, Rodrigues (1620) dedica um espaço aos *verbos anômalos*, ou *verbos substantivos adjetivos*. E assim encerra o primeiro livro.

Com isso, podemos estruturar a obra como no quadro 18.

### Quadro 18 - Estrutura da obra de Rodrigues (1620)



Fonte: RODRIGUES, 1620

#### 5.1.4. Ars Grammaticae Iaponicae Linguae (1632)

Enquanto Rodrigues (1604 e 1620) seguiu o modelo de Álvares (1572/1594), Collado (1632) afirma que seguiu o exemplo de outro gramático latino da época, Antonio Nebrija:

Nessa gramática nós observamos a organização pela qual o experiente Antonio Nebrija e outros tem seguido nas suas escritas da língua latina, isto é, através das partes da oração, como nome, pronome, etc (COLLADO, 1632, Apud ODSTRČILIK, 2020, tradução nossa<sup>47</sup>)

Mesmo reconhecendo a referência direta que Collado faz de Nebrija e o reconhecimento de Collado ao modelo alavaresiano utilizado por Rodrigues, Takizawa (1632, Apud

<sup>47</sup> "In this gramar we have observed the arrangement which the experienced Antonius Nebrissensis and others have followed in their writings on the Latin language, that is, through parts of speech, namely noun, pronouns, etc"

ODSTRČILIK, 2020) afirma que não existem influências diretas desses dois autores na estrutura da gramática de Collado.

A gramática de Collado tem apenas 75 páginas e pode ser dividida em cinco partes. A primeira parte é composta de elementos pré-textuais, a segunda parte dedicada à morfologia (etimologia), a terceira parte à sintaxe, a quarta parte à aritmética e a quinta parte para a retórica, o sumário completo pode ser observado no quadro 19. Diferente de Álvares (1594) e Rodrigues (1604, 1620), Collado não tem um capítulo para a Rudimenta, a explicação das partes da oração é feita completamente na segunda parte.

Depois de apresentar sobre a ortografia da língua japonesa e como se deve realizar sua pronúncia, Collado inicia a sua gramática falando sobre o *nome* e suas declinações. Não existe a apresentação de nenhum paradigma e todo o texto é apresentado de maneira corrida. Em seguida ele apresenta os *nomes adjetivos*.

Na apresentação dos *pronomes*, Collado dedica um espaço para falar de cada uma das pessoas (primeira, segunda e terceira).

Na página 19, se inicia a apresentação dos *verbos*. Utilizando a *primeira conjugação*, Collado (1632) apresenta os modos e tempos verbais na seguinte ordem: *Indicativo (presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito, pretérito mais que perfeito, futuro)*, *imperativo*, *optativo (presente e futuro, preterito)*, *subjuntivo (presente, pretérito perfeito, futuro, pretérito mais que perfeito)* *permissivo (presente, pretérito, futuro)*, *infinitivo (presente, pretérito)*, *gerúndio*, *supino* e *particípio*. E depois é feita uma apresentação dos mesmos tempos verbais na negativa.

Em seguida ele comenta de maneira bem mais concisa a *segunda conjugação* (p. 25), a *terceira conjugação* (p.30), a *conjugação do verbo substantivo negativo* (p.32) e do *verbo potencial* e *verbos irregulares*.

## Quadro 19 - Sumário da obra de Collado (1632)

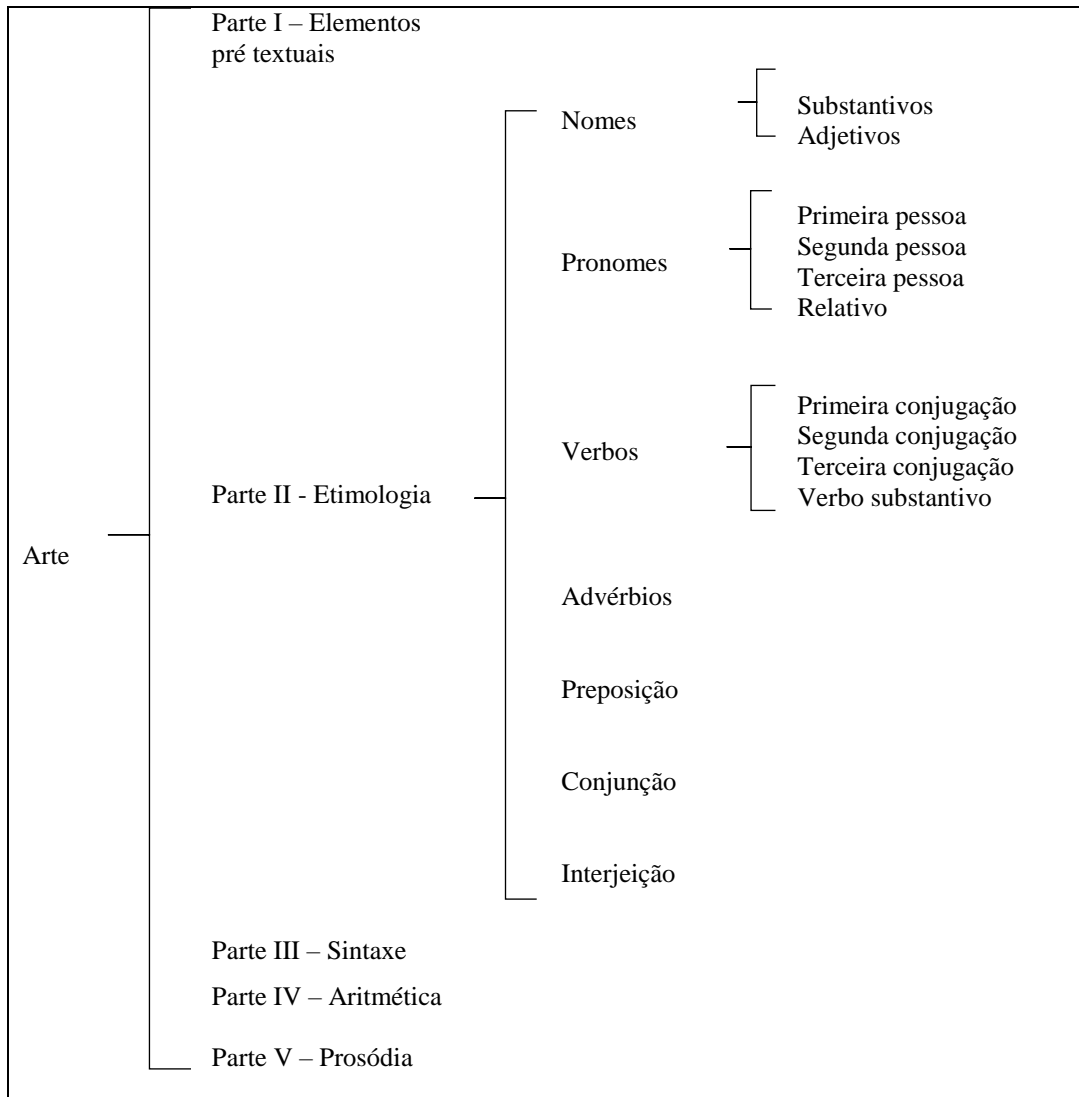
Prologus ad lectorem.
De nomine & eius declinatione, & genere.
De pronomine.
- De pronomine secundæ personæ scilicet ego &c.
- De pronomine secundæ personæ: scilicet Tu, tui, tibi, &c.
- De pronomine tertię personæ, scilicet ille, illa, illud.
- De pronomibus relatiuis.
De formatione verborum, & coniugationibus.
- De Pręterito imperfecto, perfecto, & plusquam perfecto.
- De futuro primæ coniugationis.
- Imperatiuum primæ coniugationis.
- Optatiuum primæ coniugationis.
- Subiunctiuum primæ coniugationis affirmatiuæ.
- Infinitiuum.
- Prima coniugatio negatiua.
- Secunda coniugatio affirmatiua.
- Secunda coniugatio negatiua.
- Tertia coniugatio affirmatiua.
- Tertia coniugatio negatiua.
- Coniugatio verbi substantiui negatiui.
- De Particulis conditionalibus.
- De verbo potenciali.
- Verba irregularia quo ad coniugationes.
- De verbo adhuc, & de eius formatione & differentijs.
- De aliquibus verbis quę de se habent honorem determinatum.
- Aduertentię circa coniugationes verborum.
De Adverbijs.
- Caput primum.
- De aduerbijs locorum.
- Aduerbia ad causam interrogandum & responendum.
- Aduerbia temporis.
- Aduerbia negandi.
- Aduerbia affirmandi.
- Adverbia comparatiua.
- Aduerbia superlatiua.
- Aduerbia intensionis & exaggerationis.
- Aduerbia congregandi.
- Aduerbia concludendi, & aduertendi.
De Prępositionibus casuum.
De coniunctionibus & diuisionibus.
De interiectione.
De sintaxi, & casibus, quos regunt verba.
De Arithmetica Iaponiæ & materia numerorum, in quibus hoc opus hic labor.
Aliquę regulę coniugationum in scriptura librorum.
Errata.

Fonte: COLLADO, 1632.

Collado (1632) encerra essa parte da sua arte apresentando os *advérbios*, *preposições*, *conjunções* e *interjeições*. O autor chega a tecer comentários sobre os *advérbios*, mas para as demais partes ele somente apresenta uma lista de exemplos seguidos de sua tradução para o latim.

Com isso, podemos definir que a Estrutura da obra de Collado se organiza conforme o quadro 20.

**Quadro 20 - Estrutura da obra de Collado (1632)**



Fonte: COLLADO, 1632

### 5.1.5. Arte de la Lengua Japona (1738)

Oyanguren afirma seguir o modelo de Antonio Nebrija, porém não é fácil identificar de qual das edições da “Introduccion latinae” ele teve acesso.



Não é fácil caracterizar a gramática de Oyanguren em termos didáticos, particularmente por seu carácter ambíguo. Abundam passagens onde governa a desordem. Inclui por um lado grandes quantidades de exemplos tirados do *Vocabulario* sem nenhuma estrutura. Em poucos casos não se vê bem a relação entre exemplo e sua tradução com o tema gramatical do parágrafo correspondente, e por outro lado, paradigmas didáticos e apresentados ordenadamente. (ZWARTJES, 2009, p. 34 tradução nossa<sup>48</sup>)

Ao total a obra tem 230 páginas e está dividido em Quatro partes. Depois dos elementos pré textuais, Oyangurén apresenta uma explicação dos dialetos japoneses e a morfologia (*partículas, pronomes e nomes*). No segundo livro Oyangurén se dedica na descrição dos verbos. No terceiro livro são apresentadas as outras partes da oração (*advérbios, preposição ou posposição, interjeição, conjunções*). No quarto livro são apresentados conteúdos culturais como a aritmética, o modo de contar os dias e a prosódia. O Sumário da obra pode ser observada no Quadro 21.

O primeiro capítulo se inicia apresentando as partículas. A apresentação é feita em texto corrido separado em pequenos subcapítulos para cada tipo de partícula: *nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo*. E em seguida Oyangurén dedica um capítulo para as *partículas plurais*.

Em seguida são apresentados os *pronomes primitivos* seguido dos *demonstrativos*, os *interrogativos*, os *adjetivos e relativos*.

Na seção 2 (p.30), o autor começa a falar sobre o nome, começando pelo *nome substantivo* e comentando também sobre os *nomes adjetivos* e em seguida sobre os *nomes coletivos*. Depois de falar sobre a formação dos *nomes substantivos*, Oyangurén explica o que ele chama de *nomes frequentativos* ou *de ofício*, os *nomes intensivos*, *nomes diminutivos*, *recíprocos*, *compostos*.

---

<sup>48</sup> “No es fácil caracterizar la gramática de Oyanguren en términos didáticos, particularmente por su carácter ambíguo. Abundam pasajes donde gobierna el desorden. Incluye por un lado gran cantidad de ejemplos sacados del Vocabulario sin ningunas estructura. Em no pocos casos no se ve bien la relación del ejemplo y su traducción com el tema gramatical del párrafo correspondiente, y por outro, paradigmas didáticos y presentados ordenadamente”

## Quadro 21 - Sumário da obra de Oyangurén (1738)

Capa
Dedicatoria
Parecer
Probacion
Censura
Licencia
Preludio al Lector
Libro Primero (1-53)
- Del Dialecto Japon (1 – 6)
- Capitulo Primero – de las partículas de los cafos (6-11)
- Capitulo Segundo – de las partículas plurales (11 – 30)
- Capitulo III - Compoficion de nombres Subftantivos (30 – 38)
- Capitulo IV – De los nombres adjetivos (38 – 42)
- Capitulo V – De los nombres numerales (42 – 48)
- Capitulo 6 – De los supelativos, y comparativos (48 -55)
Libro Segundo (54 – 118)
- De la conjugacion de los verbos (54 – 70)
- De la I conjugacion negativa (70 – 76)
- De la segunda conjugacion afirmativa (76 – 82)
- Capitulo IV – de la terceira conjugacion Afimativa (82 – 84)
- Capitulo V – De algunos verbos defectivos, e irregulares (84 – 86)
- Capitulo VI – Conjugacion tranfcendente condicional (86 – 118)
Libro terceiro (119 – 145)
Libro quatro (146 – 200)
Indice (201-202)

Fonte: OYANGUREN, 1738

No capítulo IV (p. 38), Oyangurén volta aos *nomes adjetivos* e no capítulo V (p. 42) ele trabalha com os *nomes numerais*. E no capítulo 6 (p. 48) ele trabalha com os *nomes superlativos e comparativos*.

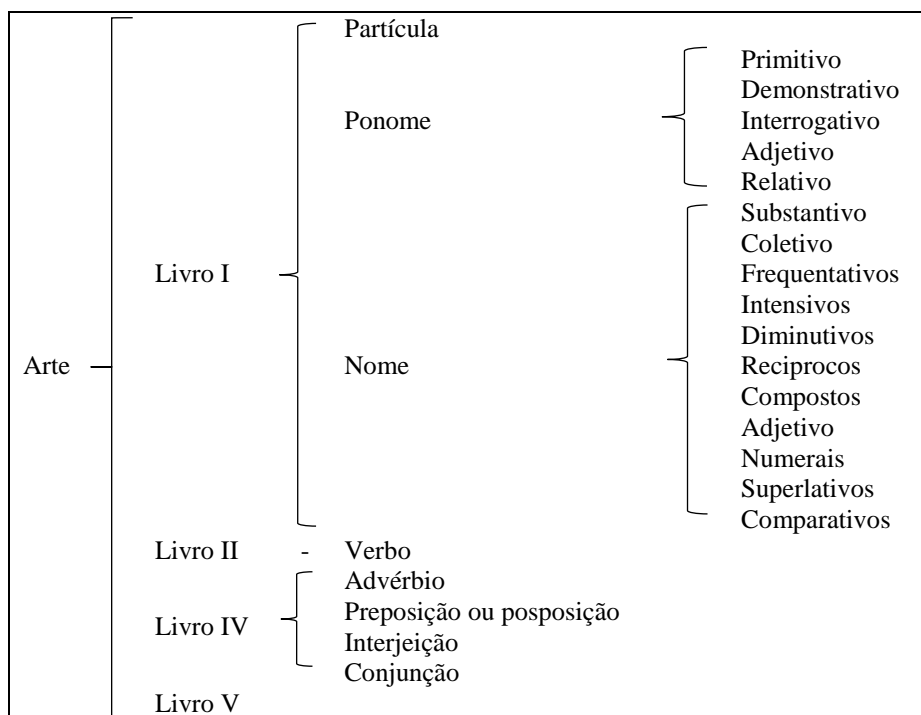
No segundo livro, Oyangurén se dedica exclusivamente ao verbo. Ele começa apresentando como é a formação do modo indicativo, do infinitivo, dos gerúndios e particípios e do subjuntivo para a primeira conjugação. Toda a apresentação é feita em texto corrido e somente no indicativo é apresentado um exemplo no formato de paradigma.

No capítulo II (p.70) se inicia a apresentação da conjugação negativa em todos os modos e tempos que foram trabalhados na primeira parte. Em seguida são trabalhadas a segunda conjugação (p. 76), terceira conjugação (p. 82) e então os verbos defectivos e irregulares (p.84).

No terceiro livro (p. 119), Oyanguren se dedica às *outras quatro partes da oração* que não foram tratadas até o momento, começando pelo *advérbio*. Em seguida ele trabalha com a *preposição* e com a *posposição* (p. 126), com as *interjeições* (p. 133) e as *conjunções* (p. 135).

Podemos então estruturar a obra de Oyanguren da seguinte forma:

**Quadro 22 - Estrutura da obra de Oyangurén (1738)**



Fonte: Oyanguren, 1738)

### 5.1.6. Éléments de la grammair japonais (1824)

Landresse (1824) realizou a tradução do trabalho de Rodrigues (1620) como podemos observar no sumário de sua obra (Quadro 23).

Como tradutor, Landresse realizou um trabalho que respeitava a organização da obra original e por isso não teve espaço para inovações na dimensão técnica de seu trabalho. Não houve omissões de partes do original, mas Landresse pode adicionar três capítulos antes do início da obra (*Proposta, explicação e Sobre o silabário japonês*) e três capítulos no final (*Nota, sumário e Errata*)

### Quadro 23 - Sumário da Obra de Landresse (1825)

Avant-propos
Explication
Des Syllabaires Japonais
Préface de l'auteur
Livre Premier (1 – 74)
Livre second (75 – 126)
Index des mots japonais (127 – 138)
Nota (139)
Table des matières (140 – 142)
Errata (143)

Fonte: LANDRESSE, 1825.

#### 5.1.7. Introduction à l'étude de la langue japonaise (1856)

A obra de Rosny é composta de 96 páginas e dividida em sete capítulos divididos como no sumário do quadro 24.

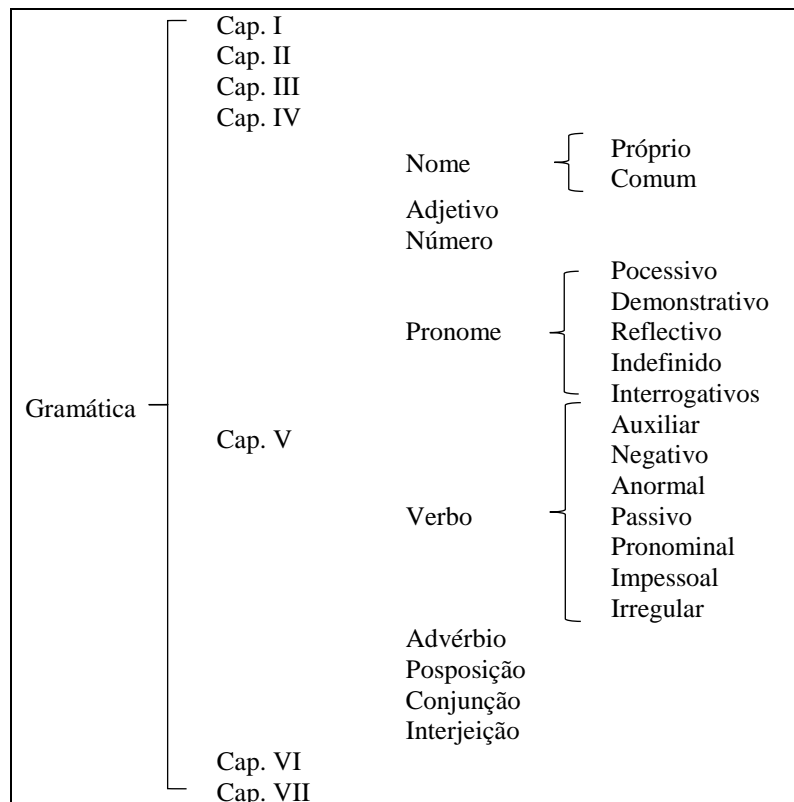
### Quadro 24 - Sumário da obra de Rosny (1856)

Préface
Advertissement
Introduction a létude de la langue japonaise
1. Origine de la Langue Japonaise (1 - 8)
II. De l'usage des caracteres chinois au Japon (9 - 12)
III. De l'écriture et des syllabaires japonais (13 - 21)
IV. Grammaire Japonaise (22 - 60)
V. Langue et litterature sinico-japonaises (61-66)
VI. Des livres Japponais (67 - 71)
VII. Exercice de lecture (72 - 94)
Index
Table des matières

Fonte: ROSNY, 1856

No capítulo de gramática cada uma das partes do discurso está trabalhada em um subcapítulo, ordenados por: *nome, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, posposição, conjunção e interjeição*. Assim, podemos estruturar a obra de Rosny conforme o quadro 25.

**Quadro 25 - Estrutura da obra de Rosny (1856)**



Fonte: ROSNY, 1856

## 5.2. Modo de exposição

A obra de Álvares tem como objeto a língua latina e Fernandes (2007) aponta que a adoção do latim pode ter sido motivada pelo status dele como língua franca:

(...) parece ser a internacionalização da sua gramática, visto que se destinava a todos os colégios e universidades da Companhia de Jesus. Independentemente do país onde estes se encontrassem, como ficou patente a partir do pedido para a sua feitura e, posteriormente, quando a *Ratio Studiorum* de 1599 a transformou na gramática oficial das escolas jesuítas. (FERNANDES, 2007, p.87)

Romeo (2002) ainda adiciona que:

(...) Álvares tem presente em todo momento que o objetivo do conhecimento linguístico é o desenvolvimento da expressão oral e escrita por parte do aluno,

isto é, se propõe a ensinar o latim como uma língua viva. (p.XLIV, tradução nossa<sup>49</sup>)

Porém, como apontado no capítulo 4, a obra tinha também o objetivo de auxiliar os estudantes portugueses da língua japonesa e japoneses que estudassem o latim. Por isso, principalmente no primeiro livro, encontramos o uso da língua portuguesa e da língua japonesa de maneira contrastiva.

Essa utilização do vernáculo (nesse caso o português e o japonês) para ensinar o latim não é único da edição de Amakusa, mas já existia na obra de 1572. Seguindo a proposta de Perpinyà (1565) o primeiro livro da obra seria dedicado aos alunos iniciantes (por isso a necessidade de mais exemplos e a técnica comparativa), o segundo livro para alunos intermediários e o terceiro livro para alunos avançados.

Collado (1632) também faz uso do latim na sua apresentação, mas, através da análise de manuscritos, é possível afirmar que a sua gramática seria inicialmente publicada em língua espanhola, porém, por pressão da Congregação da Propagação da Fé, o trabalho foi traduzido para o Latim. (ODSTRČILIK, 2020). Por causa dessa decisão os trabalhos de Collado se tornaram mais acessíveis a todos os missionários, e não somente aos da península Ibérica.

Oyangurén (1738) por sua vez da língua espanhola, voltando ao objetivo de atender a um público local, de falantes da língua espanhola, e com interesses comparativos. Interesses que se assemelharão aos trabalhos de Landresse (1825) e Rosny (1856), que publicaram seus trabalhos em língua francesa.

Porém, é importante observar que a língua francesa ocupava um status de língua intelectual na Europa no século XVIII e XIX. Por isso, Landresse e Rosny não sofreram com possíveis conflitos editoriais de seleção de uma língua, já que o seu vernacular ocupava um status de reconhecimento.

---

<sup>49</sup> (...) Álvares tiene presente em todo momento que el objetivo del conocimiento lingüístico es el desarrollo de la expresión oral y escrita por parte del alumno, esto es, se propone la enseñanza del latín como una lengua viva.



## Capítulo 6 – Estudo da dimensão documental

Neste capítulo iremos observar qual eram as fontes que o autor utilizou para a formulação de sua obra e qual a retórica que foram adotadas em relação a essas fontes.

Para isso tentamos observar primeiramente as fontes explicitamente citadas para depois observar a relação entre as diferentes gramáticas através da observação dos exemplos utilizados.

### 6.1. De institutione grammatica libri tres (1594) de Manuel Álvares

Primeiramente temos que observar que essa gramática japonesa é uma versão da gramática de 1573 de Álvares publicada em Lisboa, também conhecida como “Arte Pequena”, que, por sua vez, é uma versão mais concisa da gramática de 1572. Assunção e Toyoshima (2018) apontam que a versão de Amakusa apresenta revisões presentes em edições posteriores à da edição de 1573, em especial a edição de Lisboa de 1578 (que é uma adaptação em língua espanhola publicada por António Riveiro) e a edição de 1583 (publicada também em Lisboa em língua portuguesa). Porém, Assunção e Toyoshima (2018) também afirmam que não é possível concluir que essas foram as únicas fontes diretas, já que apresentam diferenças significativas com a edição de Amakusa.

Como referências explícitas, em seu prefácio, Álvares cita gramáticos que serviram de fonte ao seu trabalho:

Tendo, portanto, aceitado o encargo, fiz o possível para não falhar em meu dever: me referi a essas fontes, Varão, os livros mais eruditos de todos os romanos sobre Etimologia e Analogia, Fábio Quintiliano do Instituto de Oratório, que me trouxe grande ajuda. Li, tanto quanto pude, as Instituições gramaticais de Aulio Gélcio, Probo, Diomedes, Focas, Donato e Prisciano, o último dos quais floresceu em Atenas há mil anos na época do príncipe Justiniano. (ÁLVARES, 1549, 2f-2v, tradução nossa<sup>50</sup>)

---

<sup>50</sup> “Sufcepto itaque onere, operam dedi, ne officio meo deeßem: fontes ipßos adÿ, M. Varonis Romanorum omnium eruditijmi Libros de Etymologia, atque Analogia, duodecim Fabÿ Quintiliani de Institutione Oratoria, qui



Porém, Torres (1998, Apud, FERNANDES, 2007; ROMEO, 2002) acredita que Álvares teria consultado outros autores: Estêvão Cavaleiro, Festo, Flavio Capro, Frontón, Guillermo Budé, Jerónimo Cardoso, Máximo de Sousa, Nicalau Clenardo, Nigido e Carisio, Lourenço Valla, Sérgio, Teodoro Gaza, Tomás Linacro, Verrio Flaco e Verrio Longo; assim como usar citações de Aristóteles, Catulo, Catão, Celso, César, Cícero, Enio, Estacio, Estrabão, Gregorio Nacianceno, Hesíodo, Horacio, Juvenal, Livio, Lucano, Lucilio, Lucrécio, Macróbio, Manilio, Marcial, Nazazeno Homero, Nevio, Ovídio, Pacuvio, Platão, Plauto, Plínio, Poponio Mela, Propércio, Quito Curcio, Salústio, São Gregório, Seneca, Sidonio Apolinar, Sílio Itálico, Suetónia, Tácito, Teócrito, Terêncio, Tibulo, Ulpiano, Valério Flaco, Valério Máximo, Virgílio e Vitrúbio.

Observando a estrutura dos paradigmas, Torres (1998, Apud. FERNANDES, 2007) adiciona que:

Os paradigmas das declinações e conjunções são os mesmos que os nebrinenses, salvo na quarta declinação do neutro, mas só reduzidamente concordam com os despauterianos; os rudimentos gramaticais das declinações misturam-se em Despautério, como aliás em Clenardo e Melanchton (...), e, Despautério e Nebrija, e até em D. Máximo de Sousa, a forma dialógica examina a parte morfológica definicional de perguntas, processo abolido por Álvares ao reduzi-lo à índole simplesmente narrativa (p. 91-92)

Romeo (2002) ainda aponta que observando o catálogo de livros do Colégio de Artes, Álvares teria tido acesso à *Introductiones latinae* de Antonio de Nebrija, dos *Comentarii grammatici* de Juan Despauterio e do *De constructione octo partis orationis libellus* (Autoria desconhecida).

Para a versão japonesa Ernest Mason Satow (1888, apud, ROMEO, 2020) fala que:

---

mii Magnum adiumentum attulerunt. Auli Gelij noctium Atticarum undeiginti, Probi, Diomedis, Phocae, Donati, Prifciani institutiones Grammaticas, ut potui, perlegi quorum postremus ante mille anos Iuftiniani Principis aetate Athenis floruit”

(...) além das conjunções em latim, japonês e português, ela [a arte de Álvares de 1594] oferece um número de exemplos de sentenças em japonês para ilustrar as regras e construções latinas (...). Existem também algumas citações dos analectos confucianos, do Heike Monogatari e do Hiaku Monogatari (p. XVII, tradução nossa<sup>51</sup>)

Como por exemplo, ao explicar sobre os verbos imperativos (16f), Álvares (1594) apresenta o seguinte retirado do *Heike Monogatari*: “Yza Jaraba namida curaben fototoguiфу, Varemo uqiyoni neuo nomizonaqi<sup>52</sup>”

COOPER (1976), em sua análise do *Vocabulário da Lingoa de Iapan* (1603), aponta um dos possíveis motivos da utilização de citações do *Heike Monogatari*:

O fato do *Vocabulario* ter citações do *Feiqe no Monogatari* mas não do *Taiheiki Nukigaki* podem ser significantes. Talvez a preferência pelo *Feiqe* foi por ele ter sido impresso em *rōmaji* e por isso mais fácil de ser consultado por editores estrangeiros, já o *Nukigaki* usa um Sistema de caligrafia japonesa e por isso não apresenta nenhuma conveniência, (p. 427, tradução nossa<sup>53</sup>)

O primeiro exemplo de uso da língua japonesa aparece depois do lembrete (ADMONITO). É apresentado um modelo de flexão nominal com sua respectiva tradução para o japonês.

O exemplo adotado foi o nome *Dominus* e a tradução adotada foi *Aruji*.

Como exemplo para a declinação dos nomes são utilizados os seguintes paradigmas latinos, sem tradução para a língua japonesa: *musa* (1ª declinação), *Dominus*, *templum* (2ª

---

<sup>51</sup> “(...) besides the conjugations in Latin, Japanese and Portuguese, it gives a number of examples of Japanese sentences in illustration of Latin rules of construction(...) There are also a few quotations from the Confucian Analects, the Heike Monogatari, and the Hiaku Monogatari” (XVIII)

<sup>52</sup> いざさらばなみだくらべん時鳥 (ほととぎす) われもうき世にねをのみぞ鳴く

<sup>53</sup> “The fact that the *Vocabulario* quotes from *Feiqe no Monogatari* but not from *Taiheiki Nukigaki* may be significant. Perhaps the preference for *Feiqe* was due to its being printed in *rōmaji* and therefore easier for a foreign editor to consult the *Nukigaki*, on the other hand, employs running Japanese script and so offers no special convenience in this regard”

declinação), *sermo*, *tempus*, *parens* (3ª declinação), *sensos*, *genu* (4ª declinação), *dies* (5ª declinação).

### Quadro 26 - Paradigma de flexão

Singular		
Nominatiuo	Dominus	Aruji, aruiua <sup>54</sup> , arujiua, ga, no, yori
Genitiuo	Domini	Arujino, ga
Datiuo	Domino	Arujini, ye
Accufatiuo	Dominum	Arujiuo
Vocatiuo	ô Domine	Aruji, A. icani, aruji
Ablatiuo	à Domino	Aruji, yori, cara, ni
Plural		
Nominatiuo	Domini	Arujitachi, A. Arujitachiua, ga, &c
Genitiuo	Dominorum	Arujitachino, ga
Datiuo	Dominis	Arujitachini, ye
Accusatiuo	Dominos	Arujitachiuo
Vocatiuo	ô Domini	Arujitachi, A, icani arujitachi
Ablatiuo	à Dominis	Arujitachi yori, cara, ni

FONTE: ÁLVARES (1594)

Para os nomes adjetivos é apresentado o paradigma *bonus*, e em seguida são apresentados os seguintes exemplos complementares: *alter*, *solus*, *totus*, *unus*, *ullus*, *nullus*, *uter*, *neuter*, *utèrque* e *altèruler*. Depois dessa lista são apresentados mais quatro paradigmas: *acer*, *brevis*, *breuior* e *felix* e três nomes anormais (*nomina anomalis*) *Domus*, *duo* e *ambo*.

Para os *pronomes primitivos* foram utilizados os vocábulos *Ego*, *Tu*, *Vos*, *Sui*, *Hic*, *iste*, *ille*, *ipse*, *is* e *idem*. Para os *pronomes relativos* ele usa *meus*, *tuus* e *nostras*, e para os *Provocábulos* (*provocabulum*) ou *Pronomes relativos* (*pronomen relatiuum*) *Qui*, *quae*, *quod*.

A partir dos verbos temos a apresentação dos paradigmas em latim com tradução para o japonês e português.

Para o *verbo substantivo* foram utilizados os verbos japoneses *Dearu* e *Yru*. Para os *verbos ativos* foram utilizados os verbos japoneses *Uomô* (Primeira conjugação), *Voxiyeru* (Segunda conjugação), *Yomu* (Terceira conjugação), *Qiqu* (quarta conjugação), *Tçucõ* (Depoente), *Facaru* (Verbos comuns) e no final os verbos *Uomoidasu*, *Mixiru*, *Nicumu* e

<sup>54</sup> あるいは – “Ou, também”. Abreviado como A. nas gramáticas e dicionários jesuítas

*Fajimeru* (verbos defectivos). Para os verbos anômalos são apresentados somente paradigmas em latim (sem tradução para o português ou japonês) dos verbos: *Fero, Uolo, Nolo, Melo, Edo, Fio e Dic.*

## 6.2. Arte da Lingoa de Iapam (1604) e Arte Breve (1620)

No Proemio, Rodrigues reconhece que outros estudos sobre a língua japonesa foram realizados antes da publicação de sua gramática e que “(...) no que me ajudey de algũas anotações, que acerca desta matéria algũs Padres noſſos tinhão feyto, & andavão escritas de mão (...)” (RODRIGUEZ, 1604,p. 5).

Podemos acreditar que ele esteja se referindo aos trabalhos de Duarte de Silva, João Fernandes e Luis Frois. Mas como os autores não são mencionads pelo nome, e essas obras desapareceram não é possível realizarmos uma confirmação. Porém, Rodrigues cita por nome Manuel Álvares e Antonio de Nebrija:

(...) e pera melhor se entender do rays a natureza destes verbos, apontarey aqui do Padre Manoel Alvarez & do Antonio o que apont]ao a cerca dos Verbos nutros, onde asi: Verba neutra à grammaticis in tria genera dividuntur: alia sunt, quae actionem significant, Vt, Ambulo, curro. Alia, que passionem ab alio, Vt, Vapulo, fio, exulo. Alia quaenec passionem, nec actionem. Vt, Sedeo, sudo, sto, algeo, quae ab alijs supina, à nonnullis absolutiua, ab alijs verò dispositiua appellantur. (Rodrigues, 1604, p. 145)

Zwartjes (2011) afirma que Rodrigues teria conhecimento não só da edição japonesa de 1594 de Álvares, mas também teria estudado a *editio princeps* de 1572 já que lecionava língua latina e essa obra era a recomendada pela Ratio Studiorus jesuítica. Em comparação com o material de Álvares, Rodrigues (1604) se utiliza de uma quantidade quase que lexicográfica de exemplos da língua japonesa, por isso, iremos nos ater a somente alguns exemplos que, de alguma forma, tiveram destaque na obra.

Rodrigues (1604) inicia sua obra utilizando o mesmo modelo e exemplo que Álvares (1594) para explicar o *nome* japonês, e em seguida explica o uso de partículas para cada caso.

### Quadro 27 - Exemplo de declinação dos nomes substantivos segundo Rodrigues (1604)

<b>Declinação pera todos nomes substantivos</b>
Nominatiuo - Aruji. I, Arujiua, ga, no, yori, Senhor, ou dono.
Genitiuo - Arujino, ga.
Datiuo - Arujini, ye.
Accufatiuo - Arujiuo, loba, ua, ga.
Vocatiuo - Aruji, icani Aruji.
Ablatiuo - Arujiyori, cara, ni.

Fonte: RODRIGUES, 1604

Na explicação do uso das *partículas de plural*, Rodrigues apresenta uma tabela de vocábulos que se utiliza de empréstimos da língua portuguesa e da língua japonesa, todos do campo da religião.

### Quadro 28 - Exemplos do plural de nomes substantivos

Anjotachi	Os anjos	Irmãoxu	Os irmãos
Midexitachi	Discipulos de X	Buxixu	Soldados honrados
Padretachi	Os padres	Dôjucuxu	Os dôjucus
Sennintachi	Os sanctos	Miacoxu	Os do Miacô
Ano fitotachi	Aquelles homens	Tonobaraxu	Criados limpos
Tequidomo	Inimigos	Acuninra	Os mãos
Chugendomo	Moços desporás	Varera	Nosotros
Fiacuxôdomo	Laureadores	Fiacuxôra	Lauradores
Funedomo	Embarcações	Iudeura	Os judeus
Umadomo	Cavalos	Tegura	Demonios

Fonte: RODRIGUES, 1604

Para falar dos nomes substantivos Rodrigues (1604) utiliza os exemplos *Tacai* e *aqiraca*. E em seguida, para exemplificar os *verbos substantivos*, é apresentada uma longa lista de verbos da língua japonesa: *aru, vogiaru, yru, gozaru, naru, maximasu, voaximasu, voriaru, nai, vorinai, gazanai, saburô, fanberu, nari, sôrô, sô* e *zôrô* para traduzir o verbo “estar, a ser”; e *nitearu, de aru, de uogiaru, nite gozaru, de uoriaru, nite maximasu, nite uouaximasu, denai, de corinai, de gozanai, de sôrô* e *de so* para traduzir o verbo “ser”.

Para a conjugação dos verbos da primeira conjugação são usados os verbos *ague, aguru* (primeira conjugação), *yomo* (segunda conjugação), *narô* (terceira conjugação) e *fucai* (*verbo adjetivo*)

Na *Arte Breve* (1620) temos em diversos momentos vemos a expressão “como na *Arte grande*”, se referindo a *Arte da Lingoa de Iapoa* (1604), demonstrando que Rodrigues esperava que o leitor já tivesse conhecimento da sua primeira obra.

No início são apresentadas as *partículas*, ou *artigos*, utilizadas para a formação dos casos nominais: *ua, ga, no, yori* (nominativo), *no, ga* (nominativo), *ni, ye* (dativo), *uo, uoba* (acusativo), *icani, nô* (vocativo), *yori, cara e ni* (ablativo). E, em seguida é apresentado um paradigma de flexão nominal no singular e no plural.

#### Quadro 29 - Paradigma de flexão nominal em Rodrigues (1620)

Número singular		
Nominativo	Fito, I, Fitona, Fitoga	Homem, o homem
Genit.	Fitono, I, Fitoga	Do homem
Dat.	Fitoni, I, Fitoye	Ao homem, pera o homem
Accusat.	Fitouo, I, Fitouabe	O homem
Vocat.	Fito, I, icanifito	ó homem
Ablat.	Fitoyori, fitocara, fitoni	Do homem
Numero plural		
Nomi.	Fito, fitoua, fitobito, fitotachiua, fitodomo	Homens, os homens
Genit.	Fitono, I, fitotachino	Dos homens
Dat.	Fitoni, I, fitotachini, I, ye	Aos homens, pera os homens
Accus.	Fitouo, I, fitotachi, I, loba	Os homens
Vocat.	Fito, I, fitobito, icani fito, I, icanifitotachi	ò homens
Ablat.	Fitoyori, I, fitotachiyori, fitotachi cara, I, ni	

Fonte: RODRIGUES, 1620.

Para os nomes adjetivos são usados como exemplo: *Fucai, tacai, acai, amai* (Ai), *Auoi, curoi, xiroi, uomoi* (Oi), *sunei* (Ei), *usui, atçui, carui, furui* (Ui). E para os verbos são apresentados os verbos: *Curabe, Fe, Aghe, Motome, Fane, Fahnare, Ataye, De, Ide, Môde, Mede, Tate, Fate, Maje, Saxe e Mairaxe*. E *Fucai* e *Nai* para os verbos adjetivos.

#### 6.4. *Ars Grammaticae Iaponicae linguae* (1632)

No prefácio de sua obra, Collado afirma que a extrnsa gramática de Rodrigues não era perfeita e nem acessível para a época, e que, por isso, ele decidiu extrair partes, excluir partes

que ele considerava incorretas, e adicionaria novos materiais baseado nas suas próprias experiências (ODSTRČILIK, 2020).

Os exemplos que Collado utiliza em sua obra não formam paradigmas, e estão colocados ao longo do texto. Um destaque especial pode ser dado para as *preposições*: *tame, taixite, ni iotte, nitçuite, ni, de, cara, tomomi, vie, souata e miade*. Para as *conjunções*: *to, mata, xicareba* e *tomocacumo*. E para as *Interjeições*: *Sate, Auare, ita e Iara*.

### **6.5. Arte de la lengua japona (1738)**

Como apontamos na dimensão técnica (v. 5.1.5), Antonio Nebrija (c. 1444-1522) foi a principal fonte de Oyanguren, já que o seu nome está claramente citado no título da obra. Zwartjes (2009) aponta que a principal fonte linguística do trabalho foi o “Vocabulario de Japón declarado primero em Portugés por los padres de la Compañia de Jesús de Aquel Reyno, y agora em castellano em el Colegio de Santo Tomás de Manila” publicado no ano de 1630, que, em inúmeras passagens, é citado somente como “Vocabulario” como citado no capítulo II do primeiro livro: “(...) vide o vocabulário impresso no convento de N. P. São Domingo de Manila sem nome de autor; ano de 1630. Por Jacinto Magauriva, traduzido do português” (OYANGUREN, 1738, p. 30, tradução nossa<sup>55</sup>).

A impressão desse Vocabulário - que é uma tradução e adaptação do “Vocabulario da Lingoa de Iapam, com adeclaração em Portugues, feito por alguns padres, e irmãos da Companhia de Iesu”, publicado em 1603 pela imprensa portuguesa – foi editado por Tomás Pinpin e Jacinto Maguriva, e sua autoria normalmente é atribuída a Jacinto Esquivel (1595 – 1633).

---

<sup>55</sup> “(...) vide el vocabulario impreffo en el Combento de N. P. Sto. Domingo de Manila fin nombre de Autor; año de 1630. por Jacinto Magauriva, traducido de Portugués”

Assim como no modelo proposto pelo “Vocabulário”, a obra de Oyanguren faz a inclusão de “algunas vocês de los languages de Ximo, y del Cami” no título da obra, e também copia as abreviações B, P e S utilizadas para distinguir os registros dialetais:

(...) o B se usa quando se trata da voz de “Buppo”, uma voz que não é usada entre os nobres e sim entre a “gente baixa”, a língua de mulheres, ou crianças, o P é o registro dos poetas, e se põe um S “para a de escrita” (OYANGUREN, 1738, p. 17-18, tradução nossa<sup>56</sup>)

Zwartjes (2009) afirma que não encontrou nenhuma referência à obra de Rodrigues (1604), porém foi possível encontrar referências a Collado (1632). Na última seção, dedicada às figuras retóricas, Oyanguren menciona Desiderius Erasmus (Erasmus de Roterdã – c. 1466 – 1536) e Publius Rutilus Lupus. Porém Zwartjes (2009) adverte que as figuras utilizadas por Oyanguren não batem com as de Rutilius, e por isso é provável que ele tenha as retirado de Nebrija.

As fontes literárias citadas por Oyanguren seguem o mesmo modelo utilizado pelo “Vocabulário”, são elas:

### Quadro 30 - Fontes literárias de Oyanguren

Sigla	Título
Fab.	Esopo no Gabulas Latinuo vaxite Nippon no cuchito nasu mono nari (1593)
Feiq. (Fei. Feiq. Taifei. Taifeiq.)	Heike Monogatari e Taiheiki, ou Nion no Cotoba to Historia uo narai xiran to fossuru fito no tameni xeva ni yaba raguetau Feiqe Monogatari (1592)
Fox.	Foxxinju
Gos. (Gosag)	Sanctos Gosagueono Uchi Nuqigaqi (1591)
Tac(a)	Tacadachi
Taif	Taihei-ki
Tog.	Togaxino Mai
Voi	Voisagaxi Mai
Xix	Xixo nadono uchiyori nuqi idaxi
Yax	Yaxima no Mai

Fonte: Zwartjes (2009)

<sup>56</sup> “(...) la B se usa cuando se trata de una voz del ‘Buppo’, una voz no usada entre personas nobles y sí entre la ‘gente baja’, la lengua de mugeres, ô niños, la P si es el registro de los Poetas, y se pone uma S “si es de escritura”



## Capítulo 7 - Conservação e mudança

Até esse momento observamos cada uma das obras através das dimensões propostas por Swiggers (contextual, teórica, técnica e documental). Nesse capítulo tentaremos apresentar uma proposta de periodização para cada uma das dimensões para então pensar em uma proposta de tradição orientada por todos os fatores (externos e internos).

### 7.1. Dimensão contextual

Dentro da dimensão contextual podemos organizar as obras segundo diversos parâmetros: período histórico, local de publicação, se os autores tiveram a oportunidade de ir ao Japão ou não, e a nacionalidade dos autores.

Observando o período histórico podemos dividir a linha do tempo em três momentos: *Século Cristão Japonês* (1542-1635) com quatro obras, o *Período de Isolamento Japonês* (1635 – 1853) com duas obras e o período de *Abertura do Japão* (1853 em diante) com uma obra.

Em seguida, podemos separar as obras em dois grandes grupos de acordo com o local de publicação: Obras publicadas dentro do território japonês (duas obras) e obras publicadas fora do território japonês (cinco obras).

Um grupo problemático é a análise de obras escritas por autores que tiveram a oportunidade de ir ao Japão, contra aquelas que foram redigidas por autores que nunca foram ao Japão. Álvares nunca visitou o Japão, e a obra que analisamos (1594) foi publicada postumamente. Porém, os editores e comentaristas que adicionaram elementos da língua japonesa à gramática alvareziana residiram no Japão. Por esse motivo, incluímos essa obra naquelas que foram “produzidas por autores que tiveram a oportunidade de ir ao Japão”.

E finalmente, se formos separar as obras por nacionalidade dos autores teremos três obras publicadas por portugueses, duas obras publicadas por espanhóis e duas obras publicadas por franceses.

A organização desses agrupamentos pode ser observados no quadro 31.

**Quadro 31 - Dimensão contextual**

Século Cristão Japonês (1542-1635)				Período de Isolamento Japonês (1635-1853)				Abertura do Japão (1853 em diante)	
Obras publicadas dentro do território Japonês				Obras publicadas fora do território Japonês					
Obras publicadas por autores que estiveram no Japão				Obras publicadas por autores que nunca foram ao Japão					
Autoria Portuguesa				Autoria espanhola				Autoria francesa	
Álvares (1549)		Rodrigues (1604)	Rodrigues (1620)	Collado (1632)		Oyanguren (1738)		Landresse (1825)	Rosny (1856)

Fonte: TANAKA, 2022

## 7.2. Dimensão teórica

Dentro da dimensão teórica é possível agrupar as obras de acordo com três critérios: Objetivo linguístico, Influência das gramáticas latinas e concepção das partes do discurso.

Ao observarmos o objetivo linguístico de cada obra, podemos realizar três agrupamentos: Interesse missionário (Linguística missionária), interesse acadêmico (linguística comparada) e obras que se encontram entre esses dois grupos.

Na Linguística Missionária podemos colocar as obras de Álvarez (1549), Rodriguez (1604), Rodriguez (1620) e Collado (1632).

Já as obras Oyanguren (1738) e Landresse (1825) se encontram no campo de transição por motivos opostos um ao outro. Oyanguren (1738) estava inserido dentro do contexto das missões católicas, e por isso sua produção estava inserida dentro de uma mentalidade

missionária. Mas observando a obra, é possível perceber um grande interesse na linguística comparada. Já Landresse (1825) estava em um contexto acadêmico, de interesse por estudos do extremo oriente, porém, por sua obra ser uma tradução de um texto jesuítico, as concepções de sua obra acabaram ficando dentro da linguística missionária.

E finalmente, na Linguística comparada temos a obra de Rosny (1856), cujos os interesses são puramente acadêmicos é por isso é considerada a origem da disciplina na França.

Observando a influência das gramáticas latinas temos a formação de um grande grupo, formado de todas as obras desde Álvares até Landresse, e de um grupo formado apenas pela obra de Rosny, que é influenciada pela gramática geral.

E finalmente, observando as partes do discurso como demonstrado no quadro 32, podemos separar as obras em quatro grupos: O modelo de Álvares (que é só a obra de Álvares), O modelo de Rodrigues (que inclui as duas obras de Rodrigues e a de Landresse), O modelo de Collado (que inclui Collado e Oyanguren) e o modelo de Rosny.

**Quadro 32 - Comparação das partes do discurso nas sete gramáticas**

	Nom.	Pro.	Verb.	Par.	Pre.	Adv.	Int.	Part.	Con.	Pos.	Art.	Adj.	Num.
Álvares	.	.	.	.	.	.	.	.	.				
Rodr. 1	.	.	.	.		.	.	.	.	.	.		
Rodr. 2	.	.	.	.		.	.	.	.	.	.		
Collado	.	.	.		.	.	.	.	.				
Oyanguren	.	.	.		.	.	.	.	.	.			
Landresse	.	.	.	.		.	.	.	.	.	.		
Rosny	.	.	.			.	.	.	.	.		.	.

Fonte: TANAKA, 2022

Os três primeiros modelos seguem as definições da gramática latina, apresentando somente algumas inovações. Primeiro temos o modelo de Álvares, que segue completamente o modelo latino, deixando a língua japonesa em segundo plano. A inovação de Rodrigues foi pensar na estrutura da língua japonesa, excluindo a *preposição* e adicionando a *posposição* e o

*artigo*. E o modelo de Collado não apresenta o *participio* como parte da oração, já que o considera como parte do *verbo*. Diferente de Rodrigues, Collado mantém a significante *preposição* mesmo para se referir as partes da oração que são adicionadas depois do nome ou verbo. Oyangurén segue a mesma orientação de Collado, mas apresenta tanto os significantes *preposição* e *posposição*, e as trata como sinônimos. E finalmente temos o modelo de Rosny, que, apesar de ainda estar fortemente ligado ao modelo latino, traz o maior número de inovações considerando *adjetivos* e *numerais* como classes próprias e não parte do *nome*.

Visualmente podemos organizar esses agrupamentos conforme o quadro33.

**Quadro 33 - Dimensão teórica**

Linguística Missionária	Gramática Latina	Modelo de Álvares	Álvares (1549)
		Modelo de Rodrigues	Rodrigues (1604)
Rodrigues (1620)			
Momento de transição		Modelo de Collado	Collado (1632)
	Modelo de Rodrigues	Oyanguren (1738)	
Linguística comparada	Gramática Geral	Modelo de Rosny	Landresse (1825)
			Rosny (1856)

Fonte: TANAKA, 2020

### 7.3. Dimensão técnica

Na dimensão técnica é possível perceber que a influência de modelos é bastante complexa. Não é possível estabelecer agrupamentos como nas outras dimensões. Por isso, o modo mais fácil de visualizar a rede de influências dos modelos adotados é através do diagrama representado no quadro 34.

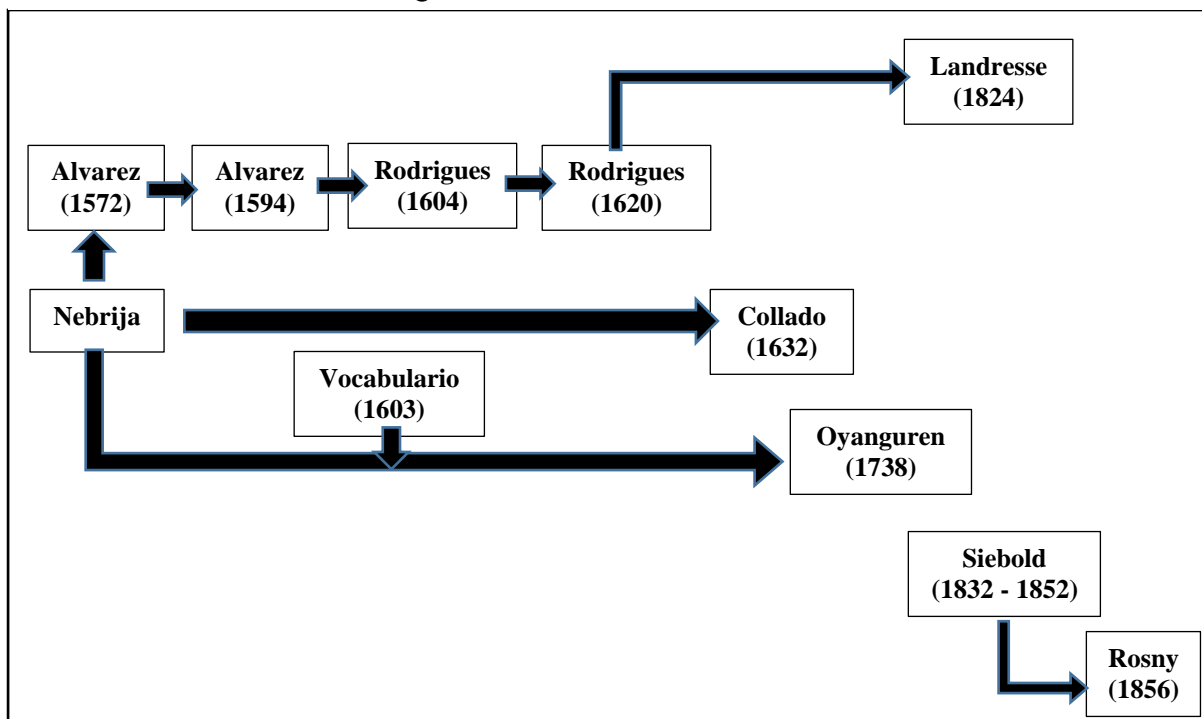
Apesar de não sabermos ao certo qual obra inspirou as gramáticas estudadas, sabemos que Nebrija foi a inspiração para a gramática de Álvares de 1572, que foi modelo para a gramática japonesa de 1594 e, por ser a obra recomendada pela Ratio Studiorum, serviu de modelo para as obras de Rodrigues (1604 e 1620). Por ser uma tradução da obra de 1620,

Landresse também acaba, indiretamente, se encaixando nessa linha. Porém, a genealogia de modelos é simples até aqui.

Collado (1632), mesmo tendo alguma influência de Rodrigues, não seguiu o modelo do jesuíta, tanto por possível afinidade ao modelo de seu conterrâneo Nebrija, como por sua aversão à missão jesuítica. O mesmo pode ser dito de Oyanguren, que também segue o modelo de Nebrija, e provavelmente não teve contato à obra de Rodrigues, somente à obra de Collado e do Vocabulário escrito em 1603 pelos jesuítas.

Rosny (1856) está completamente isolado. Apesar de ter conhecimento da obra de Landresse (1824) em seu prefácio percebemos o seu desinteresse pela obra, exaltando os trabalhos do alemão Siebold, de quem inspirou para a sua obra.

**Quadro 34 - Dimensão técnica**



Fonte: TANAKA, 2020

#### 7.4. Uma proposta de tradição internamente orientada

Antes de fazermos uma proposta de periodização de tradições internamente orientadas precisamos definir se, em algum momento aconteceu uma ruptura em todas as dimensões. E essa ruptura aconteceu com a obra de Rosny (1856). Tanto na dimensão contextual, teórica e técnica a obra de Rosny se destaca por estar separada das demais obras. Por isso conseguimos estabelecer dois momentos para o nosso corpus: Pré-disciplinarização do curso de japonês na França e pós-disciplinarização.

Em seguida qual é a maior constância dentro das dimensões teórica e técnica. Com isso podemos observar que o agrupamento Álvares-Rodrigues-Landresse e Collado-Oyanguren se mantiveram relativamente constantes nessas duas capas. Por isso podemos agrupá-los como Gramáticas guiadas pela Ratio Studiorum, e gramáticas orientadas por Nebrija. E dentro de cada uma delas é ainda possível destacar aquelas que são de orientação missionária e aquelas de fase de transição.

A proposta que segue essa lógica pode ser observada no quadro 35

#### Quadro 35 - Proposta de periodização

- |  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"><li>1. Pré-disciplinarização</li><li>1.1. Gramáticas orientadas pela Ratio Studiorum</li><li>1.1.1. Linguística Missionária<ul style="list-style-type: none"><li>- Álvares (1594)</li><li>- Rodrigues (1604)</li><li>- Rodrigues (1620)</li></ul></li><li>1.1.2. Fase de transição<ul style="list-style-type: none"><li>- Landresse (1825)</li></ul></li><li>1.2. Gramáticas orientadas por Nebrija</li><li>1.2.1. Linguística missionária<ul style="list-style-type: none"><li>- Collado (1632)</li></ul></li><li>1.2.1. Fase de transição<ul style="list-style-type: none"><li>- Oyanguren (1738)</li></ul></li><li>2. Pós-disciplinarização<ul style="list-style-type: none"><li>- Rosny (1856)</li></ul></li></ul> |
|--|

Fonte: TANAKA, 2022

## Capítulo 8 – Considerações finais

Esse trabalho teve como primeiro objetivo repensar a construção de tradições baseado em características internas da obra, e não somente baseado em características externas (como fatos históricos ou nacionalidade dos autores).

Para isso utilizamos o modelo de Swiggers (2004) de trabalho com dimensões para tentar observar de maneira mais profunda as movimentações de ideias aconteceram entre nossas obras ao longo do tempo. Com isso conseguimos observar que os processos de conservação e mudança acontecem de maneira irregular e distinta em cada camada, e que o processo de influência e rejeição acontece de maneira bem mais complexa que meras observações contextuais nos apresentam.

Reconhecemos que existem lacunas em nossa pesquisa e seria necessário um aprofundamento em diversos pontos, como na análise da dimensão teórica que incluisse as noções sintáticas e não somente morfológicas, e a inclusão de uma observação de todos os exemplos, e não só daqueles que constituem paradigmas. Mas, como proposta metodológica acreditamos que conseguimos oferecer um modelo de trabalho e pesquisa em historiografia da linguística da língua japonesa que pode ser muito frutífero na análise das dinâmicas de conservação e mudança de conceitos linguísticos.

Como proposta de trabalhos futuros acreditamos que a análise completa das obras (e não só de um único elemento) e a inclusão de outras obras (como as de língua alemã, holandesa e inglesa) podem contribuir no fortalecimento dessa metodologia e possibilitar uma construção de tradições dentro de cada uma das camadas.

## Bibliografia

ALVARES, Emanuel. **EMANVELIS ALVARIE Societate IESV de instittione grammatica Libri Tres. Coniugationibus accessit interpretatio Iaponica**. Amakusa, 1594.

ASSUNÇÃO, Carlos; TOYOSHIMA, Masayuki. A gramática de Álvares (1549): a edição de Amakusa. In: **Confluência**, Rio de Janeiro, Especial 30 anos, p. 436-462, 2021.

ASSUNÇÃO, Carlos; TOYOSHIMA, Masayuki. The Amakusa Edition of Alvares' Grammar (1594) Sources and Innovation. In: **ONOMAZIN – Revista de Linguística, filosofia y traduction**. Vol. 41, 2018.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

BAILEY, Don Clifford. Early Japanese Lexicography. In: **Monumenta Nipponica**, Vol. 16, No. ½, 1963.

BOSSONG, Georg. O elemento português no japonês. In: **A Língua Portuguesa em Viagem – Actas do Colóquio Comemorativo do Cinquentenário do Leitorado de Português da Universidade de Zurique**, 1996. Frankfurt: Verlag Teo Ferrer de Mesquita, 2003.

CAVALIERE, Ricardo. As partes do discurso na *Gramática elementar portuguesa* de Antônio Estevão da Costa e Cunha. In: VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BATISTA, Ronaldo de Oliveira; PEREIRA, Helena Bonito. **Estudos linguísticos: Língua, História, Ensino**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2018.

CLERC DE LANDRESSE Ernest Augustin Xavier. In.: **Comité des travaux historiques et scientifiques**. Acesso em: 01/10/2022 < <http://cths.fr/an/savant.php?id=128042#> >

COLLADO, Diego. **Ars grammaticae iaponicae linguae in gratiam et advitorium eorum qui prædicandi Euangelij causa ad Iaponiæ Regnum se voluerint confere**. [E-BOOK]. 2006 [1632]. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/17713/17713-h/17713-h.htm>>. Acesso em: 12/06/2020

COOPER, Michael. The Nippo Jisho. In: **Monumenta Nipponica**, Vol. 31. No 4.

FERNANDES, Gonçalo. De Institutione Grammatica Libri Tres (1572) de Manuel Álvares (1526 – 1583). In: **Revista da Academia Brasileira de Filosofia**, Ano IV, nº IV, Rio de Janeiro: Nova Fase, 2007.

GARNIER, Catherine. Two centuries of Japanese linguistics in France: 1825-1995. In: **Cipango – French Journal of Japanese Studies**. v. 2, 2013

INAGA, Keiji; TAKEMORI, Ten'yuu; et. al. **Shintei Sougou Kokugo Binran**. Tóquio: Daiichi, 2007.



JÚNIOR, Saul Cabral Gomes. A questão da língua brasileira e o despontar do linguista Gladstone Chaves de Melo. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1–41, 2019. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1369>>. Acesso em: 29 set. 2022.>

KAISER, Stefan. Introduction: Pre-twentieth-century Western Studies of the Japanese language: discoveries and rediscoveries. In: KAISER, Stefan. **The western rediscovery of the Japanese Language**. Reino Unido: Curzon Press, 1995. v. 1.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. Ed. São Paulo : Perspectiva, 2013.

LANDRESSE, Ernest Augutin Xavier Clerc de. **Éléments de la grammaire Japonais par le P. Rodriguez** – Traduits du Portugais sur le Manuscrit de la Bibliothèque du Port, et soigneusement collationnés avec la Grammaire publiée par le même auteur à Nagasaki en 1604. [E-book] Paris: La société asiatique, 1825. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4500042b/>>. Acesso em: 12/12/2021.

LAURES, Johannes. **The Catholic Church in Japan**. Tóquio: Charles E. Tuttle Co. Publisher, 1954.

MANZANO, Ainhoa Reyes. **La Cruz y la Catana: relaciones entre España y Japón (Siglos XVI – XVII)**. Tese (doutorado em Ciências Humanas) – Departamento de Ciencias Humanas, Universidade de La Rioja: Rioja, 2014.

MARUYAMA, Toru. Prólogo. In: **Melchor Oyanguren de Santa Inés, Arte de la lengua japona**. Madrid: Iberoamericana, 2009.

ODSTRČILIK, Jan. Between Languages, genres and cultures: Diego's Collado's Linguistic Works. In: **Medieval worlds**. Viena, nº 11, 2020.

OKAMOTO, Monica Setsuyo. **O discurso brasileiro sobre o Japão via França. Imigração, identidade e preconceito racial (1860 – 1945)**. Tese (doutorado em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OYANGUREN DE SANTA INÉS, Melchor. **Arte de la lengua japona, dividido en quatro libros segun el arte de Nebrixa, con algunas voces proprias de la escritura, y otras de los lenguages de Ximo, y del Cami, y con algunas perifrases, y figuras: a mayor honra, y gloria de Dios, y de la inmaculada concepcion de Nra. Sra. Patrona con este titulo del Japón, y para con mayor facilidad divulgar Nra. Sta. fê catholica en aquellos reynos dilatados**. [E-book] 2017 [1738]. Disponível em: <<https://archive.org/details/artedelalenguaja00oyan/page/n1/mode/2up>>. Acesso em: 21/06/2021.

PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

POLACHINI, Bruna Soares. **O tratamento da sintaxe em gramáticas brasileiras do século XIX: estudo historiográfico**. Dissertação (mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.

POLO, Marco. **As viagens**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RODRIGUES, João. **Arte Breve da Lingoa Iapoa**. Tóquio: Shin-Jinbutsu-Ôrai-sha, 1993 [1620].

RODRIGUES, João. **Arte da Lingoa de Iapam composta pello Padre Ioão Rodriguez Portugues da Compania de IESV dividida em tres livros**. Nagasaki, 1604. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=GB8YAAAAYAAJ&pg=GBS.PP6&hl=pt>>. Acesso em: 15/05/2020.

ROMEO, Rogelio Ponce de León. **Aproximación a la obra de Manuel Álvares** : edición crítica de sus de institutione grammatica libri tres. 2002. 822f. Tese (Doutorado em Filolologia) Facultad de Filologia. Universidad Complutense, 2002.

ROSNY, Léon de. **Introduction à l'étude de la langue japonaise**. Paris : Maisonneuve et Cie, 1856.

SWIGGERS, Pierre. La historiografia de la linguística : apuntes y reflexiones. In : **Revista Argentina de historiografia linguística**, I, 1, Buenos Aires: 2009.

SWIGGERS, Pierre. Modelos, métodos y problemas em la historiografia de la linguística. In: **Actas del IV Congreso Internacional de la SEHI**, vol I, La luna: 2004.

TASHIRO, Eliza Atsuko. As variedades do japonês nas artes do pe. João Rodrigues Tçuzu. In: **Historiografia da Linguística Brasileira – Boletim 7**. São Paulo: CEDOCH-DL/USP, 2004

ZWARTJES, Otto. Chapter 3. Missionary linguistics in Japan. In: ZWARTJES, Otto. **Portuguese missionary grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550 – 1800**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011.

ZWARTJES, Otto. Introducción. In: **Melchor Oyanguren de Santa Inés, Arte de la lengua japona**. Madrid: Iberoamericana, 2009.